

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Victor José Saris Moraes

***EFFI BRIEST* (1894) – MODERNIDADE E TRADIÇÃO NO ROMANCE DE
THEODOR FONTANE, EM MEIO À UNIFICAÇÃO ALEMÃ**

Mestrado em História

São Paulo

2021



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Victor José Saris Moraes

***EFFI BRIEST (1894) – MODERNIDADE E TRADIÇÃO NO ROMANCE DE
THEODOR FONTANE, EM MEIO À UNIFICAÇÃO ALEMÃ***

Mestrado em História

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Vieira.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This Study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Número de Processo: 88887.473783/2020-00

O poético sempre tem razão, vai muito além do histórico.

Theodor Fontane, Frau Jenny Treibel, 1892

RESUMO

Nesse trabalho, analisa-se o romance intitulado *Effi Briest* (1894), escrito por Theodor Fontane (1819-1898), publicado pela Deutsche Rundschau, entre 1894 e 1895, em seis episódios, e como livro, em 1895. O romance, inspirado em acontecimentos reais, tem como temática o adultério ocorrido em uma família originária da Prússia, nos anos em que transcorria o processo que culminou com a unificação alemã, em 1871. Fontane, contemporâneo àqueles acontecimentos, produziu essa obra inspirando-se nas memórias de pessoas próximas aos protagonistas da história e por meio do resgate das notícias de jornais que, à época, repercutiram o caso com muita ênfase. Mas ao deslindar tal trama, Fontane traz à tona as tensões entre o novo e o velho, ou seja, entre a modernidade que se impunha com a unificação e os valores tradicionais, perceptíveis nas reações dos protagonistas. Assim, observa-se como a vida privada, por envolver pessoas com representação social significativa naquele momento, é capaz de espelhar valores morais e éticos que revelam as tensões entre a tradição e a modernidade em curso naquela sociedade um momento socio-histórico específico.

Palavras-chave: Alemanha. Nacionalismo. *Effi Briest*. Literatura. Romance.

ABSTRACT

This study analyzes the novel entitled *Effi Briest* (1894) written by Theodor Fontane (1819-1898) and published by *Deutsche Rundschau* in six episodes between 1894 and 1895 and as a book in 1895. The novel depicts the story of an adultery inside an originally Prussian family during the previous years of the German Unification in 1871. Fontane, besides living those events, produced the novel based on the memories of people who were close to the protagonist of the event and on the recovery of news from old newspapers which emphatically resounded the case at that time. But to clarify such a plot, Fontane enlightened all tensions between the new and the old, in other words, between the modernity which was imposed with the unification and the old and traditional values, perceptible in the reactions of the different protagonists involved in those episodes. Thus, it is observed how private life could reflect moral and ethical values once it deals with people of substantial social representativeness at that moment revealing the tensions between tradition and modernity in that society at the moment of the German Unification.

Keywords: Germany. Nacionalism. *Effi Briest*. Literature. Romance.

AGRADECIMENTOS

À agência de fomento CAPES pelo apoio financeiro ao trabalho durante quase todo meu período de pesquisa.

A minha querida e prezada orientadora, a Prof.^a. Vera Lúcia Vieira, a quem devo tanto, por todo o apoio, suporte, incentivo e ajuda constante nesse tempo, que se estende para além desses 2 anos do Mestrado. Espero profundamente poder orgulhá-la com este trabalho.

Ao Prof. Fernando Furquim de Camargo, membro da banca, meu muito obrigado pelos conselhos e críticas construtivas. Sua ajuda foi imprescindível para a construção do meu trabalho. Aliás, sua ajuda começou muito antes do início do mestrado, quando, no final, da minha graduação me auxiliou no desenvolvimento de minha dissertação. Agradeço, do fundo do meu coração, por toda a sua disposição e disponibilidade para me ajudar.

Ao Prof.^o. Lauro Ávila Pereira, membro da banca, pessoa muito importante durante a minha formação acadêmica. Foi meu professor e coordenador de curso durante a minha graduação em História. Suas aulas, ainda na graduação, me ajudaram demasiadamente na compreensão do período que hoje estudo, além de terem agregado também na bibliografia da minha dissertação. Sua contribuição foi essencial para o desenvolvimento dos meus estudos. Obrigado por suas contribuições e pela confiança em mim.

E também a todos os professores do Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP por todo aprendizado ao longo deste período.

Agradeço calorosamente a minha mãe Rosângela Saris, por toda a ajuda e suporte fornecido ao longo de todos os anos da minha breve existência. Por toda a minha vida, desde o meu nascimento até o presente momento, sempre estive ao meu lado, acreditando em todos os meus sonhos e planos, incondicionalmente. Agradeço, também, pelas incontáveis revisões ortográficas, nos mais variados momentos desse trabalho.

Ao meu pai, Alberto Moraes, deixo um agradecimento especial, por toda ajuda e suporte dado a mim ao longo da minha vida. Do seu jeito, nem sempre convencional, ensinou-me importantes lições de amor, companheirismo, amizade, responsabilidade e justiça. Mostrou-me também que minhas escolhas têm consequências e sempre vou precisar arcar com elas. Sinto-me orgulhoso e privilegiado por ter um pai tão especial.

Agradeço de todo o meu coração a Gabriela Ramos, meu amor. Por estar ao meu lado em todos os momentos do trabalho, do início ao fim, da graduação a pós graduação. Sua importância para o desenvolvimento e a conclusão desse trabalho foi imprescindível. Ao longo de todo o processo de crescimento e amadurecimento pessoal e intelectual, de desenvolvimento da escrita do texto, você se demonstrou fundamental para que todos esses processos pudessem ocorrer. Sua ajuda se demonstrou substancial ao me auxiliar a escrever, sempre que demonstrei dificuldades para produzir. Contudo, mais importante do que a ajuda para redigir o meu trabalho, foi que, ao seu lado, eu encontrei abrigo, carinho e conforto, para todos os momentos, mesmos nos mais difíceis e de maiores incertezas, você me fez acreditar de que sou capaz e merecedor. Obrigado por ser meu porto seguro.

Um agradecimento especial a meu amigo Lucas Fontoura, que desde a graduação sempre me ajudou, me aconselhou e orientou nos estudos, na escrita e nos possíveis caminhos a seguir em meu trajeto acadêmico. Obrigado pelas críticas, sempre construtivas, indicações de leituras e incontáveis conversas.

Agradeço também a minha irmã Gabriela Saris, ao meu cunhado John Blount e a todos os amigos e familiares, que mesmo a distância, me apoiaram e me ajudaram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – Theodor Fontane: o novelista da política	24
1.1 <i>Um autor de seu tempo</i>	24
1.2 <i>O tempo de vivência, o tempo da escrita e o tempo do romance</i>	27
1.3 <i>O realismo alemão em Fontane</i>	33
CAPÍTULO II – Contradições masculinas e femininas em <i>Effi Briest</i> (1894)	39
2.1 <i>As relações familiares como construção de um cotidiano conservador</i>	40
2.2 <i>A importância da honra na sociedade da época</i>	51
2.3 <i>O universo feminino</i>	61
CAPÍTULO III – O dualismo na configuração da identidade alemão.	67
3.1 <i>Effi Briest (1894) na visão de Fontane.</i>	69
3.2 <i>Effi Briest (1894) e o nacionalismo alemão</i>	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
FONTE E BIBLIOGRAFIA	95

INTRODUÇÃO

Effi Briest (1894), cujo pano de fundo é a história de um adultério, é considerada uma das principais obras do Realismo alemão. O livro traz a perspectiva de seu autor, o que nos permitiu identificar aspectos da vida cotidiana, como o casamento, a família e o próprio adultério, considerando a abordagem de determinado segmento social no âmbito do recém-formado Império Alemão

Foi traduzida para várias línguas e recebeu algumas adaptações cinematográficas, a primeira delas em 1974. Seu título original era *Fontane Effi Briest* ou *Muitos que têm uma noção do seu potencial e desejos, e que, no entanto, em suas cabeças aceitam o sistema de decisão e, assim, o consolidam e confirmam*, muito interessante se levarmos em conta o enredo do livro. No entanto, os distribuidores acabaram desistindo do título original, e o filme foi intitulado *Effi Briest* (1974). Essa adaptação ganhou, no mesmo ano, o prêmio Interfilm do 24º Festival de Berlim e figura na lista do *The New York Times* dos 1000 melhores filmes já realizados. Em 2009, o livro foi novamente adaptado para o cinema e foi levado para o teatro, com apresentações quase que permanentes na Alemanha.

Theodor Fontane é considerado um dos principais autores alemães do século XIX. Formou-se farmacêutico aos 17 anos, porém, após dois anos na profissão, abandonou o ofício para dedicar-se exclusivamente à escrita. Entre 1894 e 1895, iniciou a publicação original de *Effi Briest* (1894), em seis episódios, na revista alemã *Deutsche Rundschau*¹; em 1896, a obra foi lançada em forma de livro e até hoje é considerada pelos críticos literários um dos três principais romances do autor.²

O enredo conta a história da jovem Effi, que se casa com Innstetten, um conselheiro provincial 20 anos mais velho do que ela. A protagonista muda-se de sua pequena cidade natal, a fictícia Hohen-Cremmen, localizada na região de Brandemburgo, para Kessin, cidade portuária, também fictícia, localizada na Pomerânia Oriental. Na nova cidade, ela conhece o major Crampas, que viria a se tornar seu amante.

A obra é marcada por características da escrita do autor, como a habilidade em apresentar a ambientação política e social como pano de fundo para a construção de atmosferas e diálogos privados e em fazer o drama pessoal da personagem principal

¹ Periódico literário e político alemão fundado em 1874.

² As outras duas principais obras de Fontane são *Irrungen*, *Wirungen* (1887) e *Der Stechlin* (1897).

desenrolar de tal forma que leva o leitor ora a condenar suas decisões, ora a se colocar a favor dela.

Nossa compreensão do contexto que circundou a escrita do romance³ foi enriquecida pela pesquisa do historiador alemão Gotthard Erler. A construção das personagens e as associações com o ambiente da época, também referidas no romance, assim como os aportes bibliográficos, permitiram-nos compreender como aspectos da identidade prussiana assumiram centralidade durante a consolidação de um discurso nacional. Além, disso, a fim de aprofundarmos o entendimento da obra, consideramos as cartas trocadas entre Fontane e Spielhagen⁴ constantes na *Theodor Fontane Archiv*⁵, em Potsdam, Alemanha.

A pesquisa de Erler revelou as cartas⁶ trocadas entre Theodor Fontane e Emma Lessing, esposa do proprietário do *Vossische Zeitung* (1721-1934), antigo jornal liberal berlinense. Foi por meio da amizade com Emma Lessing que Fontane veio a conhecer a história que daria vida ao romance. O fato de a fonte de informações de Fontane ter sido Emma manteve-se, por muito tempo, desconhecido, pois, nas cartas trocadas entre os dois, Fontane a mencionava como “minha mecenas L.” ou “minha amiga e mecenas L.”. A descoberta de que Emma Lessing seria a “mecenas L.” foi revelada apenas em 1964, quando Gotthard Erler publicou o artigo *Fontanes Effi Briest und Spielhagens ‘Zum Zeitvertreib’ – Zeugnisse und Materialien*⁷.

Outro elemento que comprova que o romance se refere a fatos contemporâneos à vida de Fontane são as cartas datadas da década de 1890, nas quais dialogava com seu amigo, o também escritor Friedrich Spielhagen. Nelas, o autor de *Effi Briest* (1894) referia-se ao marido da protagonista, Innstetten, como

³ O historiador alemão Gotthard Erler, em sua obra *Fontanes Effi Briest und Spielhagens ‘Zum Zeitvertreib’ – Zeugnisse und Materialien* (1964), fez descobertas importantes a respeito da inspiração de Theodor Fontane para o enredo de *Effi Briest* (1894). O posfácio da edição de 2013 traduzida pela Editora Liberdade traz revelações de Erler, o que contribuiu de maneira substancial para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que nos auxiliou na compreensão do contexto em que o romance foi concebido. Erler afirma que a trama de *Effi Briest* (1894) foi inspirada em acontecimentos reais. A protagonista, que dá título à obra, foi inspirada na baronesa Elisabeth von Ardenne, nascida em 1853 como Elisabeth Freiin von Plotho. A narrativa foi inspirada nos acontecimentos entre Elisabeth e seu marido Armand Léon von Ardenne.

⁴ Friedrich Spielhagen (1829-1911) foi um teórico literário, tradutor e romancista alemão com quem Theodor Fontane trocava cartas a respeito dos textos escritos.

⁵ Theodor Fontane Archiv é uma instituição científica de pesquisa da Universidade de Potsdam dedicada a Theodor Fontane.

⁶ As cartas trocas por Theodor Fontane foram compiladas na coleção *Briefe Theodor Fontanes*, de 1910 (Posfácio, p. 402), e podem ser encontradas no *Theodor Fontane Archiv*.

⁷ SEIFFERT, Hans Werner (Hrsg.). “Fontanes Effi Briest” und Spielhagens “Zum Zeitvertreib” - Zeugnisse und Materialien. (Mitarbeit: Christel Laufer) In: *Studien zur neueren deutschen Literatur*. Verlag Akademie-Verl, Berlin, 1964.

Barão A. Conforme atesta Erler (1983, p. 401): “Um ano depois, em 21 de fevereiro de 1896, Fontane se expressou com detalhes novamente sobre sua fonte em uma carta a Friedrich Spielhagen: Innstetten é um coronel, barão de A. [...]”.

Após essa constatação, faltava elucidar a quem tais personagens se referiam na vida real. A comprovação da relação entre pessoas reais e personagens veio com a descoberta do arquivo familiar, em Dresden, do neto da Effi Briest histórica, o físico e inventor alemão Manfred von Ardenne (1907-1997)⁸. O arquivo foi visitado por Hanns Werner Seiffert, que publicou um livro intitulado *Studien zur neueren deutschen Literatur* (1964)⁹, que contém informações sobre a inspiração de Fontane para a criação das personagens de *Effi Briest* (1894).

No posfácio da obra, temos os acontecimentos que levaram Elizabeth e Ardenne ao divórcio. Ardenne, desconfiado da relação de Hartwich com sua esposa, descobriu cartas trocadas entre eles. Em decorrência disso, pediu divórcio e desafiou seu antigo amigo para um duelo. Aqui fica claro de onde surgiu a inspiração para a construção das personagens: a esposa Effi, o marido Innstetten e o amante, o major Crampas. O tecido do romance é apresentado no texto que o adapta para o teatro:

Theodor Fontane soube do caso de Ardenne em uma conversa em certas rodas, pois esse havia se transformado em um escândalo corporativo, de acordo com suas próprias palavras, reproduzindo os comentários de sua patrona e amiga Emma Lessing, que o encorajou a fazer literatura. O resultado é o clássico *Effi Briest* (1894): documento permanente de uma era (do Império Alemão), uma sociedade (caracterizada por um senso de classe e militarismo) e uma época literária (do ‘Realismo burguês’). (SCHILLING, 2017, p. 6, grifo da autora)¹⁰

O duelo entre Ardenne e Hartwich, ocorrido em 27 de novembro de 1886, teve grande repercussão no Império Alemão. A notícia foi tão recorrente nos meios de comunicação da época que inspirou outro romancista a abordar o tema: Friedrich Spielhagen, em *Zum Zeitvertreib* (1897).

⁸ O material está publicado em <<https://www.vonardenne.biz/en/company/manfred-von-ardenne/>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

⁹ SEIFFERT, Hans Werner (Hrsg.). *Studien zur neueren deutschen Literatur*. Verlag Akademie-Verl, Berlin, 1964.

¹⁰ Texto original: “Theodor Fontane erfuhr vom Fall Ardenne, der in bestimmten Kreisen Tagesgespräch war und sich zu einem Gesellschaftsskandal auswuchs, nach eigener Aussage von seiner Gönnerin und Freundin Emma Lessing, die ihn ermunterte, daraus Literatur zu machen. Das Ergebnis ist der Klassiker EFFI BRIEST, bleibendes Dokument eines Zeitalters (des Deutschen Kaiserreiches), einer Gesellschaft (geprägt von Standesbewusstsein und Militarismus) und einer Literaturepoche (des bürgerlichen Realismus)”.

Nosso interesse em conhecer a História por meio da literatura surgiu ainda na graduação. Na época, na disciplina de História Contemporânea da Europa do século XIX, fomos estimulados a produzir um artigo com tema de livre escolha. Na busca de um romance para analisar, em conversa com colegas de docência do Colégio Visconde de Porto Seguro, localizado em São Paulo, e com alguns professores de literatura alemã, foram-nos sugeridas algumas obras. Aproximamo-nos, assim, da literatura alemã do século XIX, e como fazíamos um curso para o aprendizado da língua, a leitura dos títulos nos foi de grande valia.

Consideramos que obras literárias podem conter muito mais do que apenas enredos. Elas podem revelar manifestações de mentalidades, intencionalidades “ocultas” ou inconscientes, Além de terem, em sua essência, uma função social e histórica a ser cumprida, como a construção de narrativas e identidades, legitimação de grupos e posições sociais. Nessa direção, conforme argumenta Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*:

São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias etc. mas os homens reais, atuantes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possa tomar. A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo e vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico. (MARX; ENGELS, 2007 [1932], p. 25-26)¹¹

Entendemos que o romance é, por natureza, histórico e, nesse sentido, a relação entre História e literatura se faz presente e importante para compreendermos diversos processos históricos e aspectos sociais de determinada comunidade e seu

¹¹ “As representações aceitas por estes indivíduos são ideias, quer sobre as suas relações com a natureza, quer sobre as relações que estabelece entre si ou quer sobre a sua própria natureza. É evidente que, em todos estes casos, tais representações constituem a expressão consciente - real ou imaginária - das suas relações e da sua atividade reais, da sua produção, do seu comércio, do seu (organização) comportamento político e social. Só é defensável a hipótese inversa se supõe um outro espírito, um espírito particular, para além do espírito dos indivíduos reais, condicionados materialmente. Se a expressão consciente das condições de vida reais destes indivíduos é imaginária, se nas suas representações consideram a realidade invertida, este fenómeno é ainda uma consequência do seu modo de atividade material limitado e das relações sociais deficientes que dele resultam.” (MARX; ENGELS, 2007 [1932], p. 25).

tempo, evidenciados em obras como a que analisamos, cuja base de construção da trama foram fatos contemporâneos ao momento vivido pelo autor. Este, não satisfeito com suas próprias memórias, buscou informações em seu círculo de amizades, tanto oralmente, quanto por meio de missivas trocadas com um interlocutor, conforme mencionamos anteriormente.

Nos últimos anos, a historiografia tem se dedicado à discussão da “legitimidade” das representações. Notamos que há um embate: de um lado, a perspectiva do romance como expressão de subjetividades imaginárias, portanto, reflexo de emoções, sentimentos, constructos mentais exarados do âmago das emoções individuais, mais associadas a uma perspectiva vinculada ao estatuto da área da psicologia, de que são exemplos Marc Bloch e Le Goff; de outro, autores que, ainda que considerem o romance expressão de tal subjetividade, reconhecem que o imaginário pode expressar, mesmo remotamente ou, por vezes, transvertidos, aspectos da concretude social.

Fazendo um contraponto a tais perspectivas, a seguinte assertiva adquire uma atualidade que nos leva a considerar tratar-se de um embate que expressa ser “mais do mesmo”:

Se a expressão consciente das condições de vida reais destes indivíduos é imaginária, se nas suas representações consideram a realidade invertida, este fenômeno é ainda uma consequência do seu modo de atividade material limitado e das relações sociais deficientes que dele resultam. (MARX; ENGELS, 2007 [1932], p. 25)

Embora os autores estivessem se referindo à ideologia comumente expressa na percepção de mundo da sociedade burguesa, cuja centralidade das relações é calcada na particularidade do capitalismo, na qual os indivíduos não valem pelo que são, como seres humanos, mas pelo que produzem, como mercadorias, a citação nos remete ao conceito de representação que adotamos para a análise do romance de Fontane. Isso significa que é possível extrair dessa obra características da forma de viver e pensar de indivíduos que viviam um momento de grandes mudanças nas relações sociais na Alemanha.

Ora, a possibilidade de identificação das conexões entre a esfera do mundo privado e individual e o âmbito social mais amplo, foram objeto de inúmeras reflexões desde o fim do século XIX, no interior das discussões sobre a percepção dialética da dinâmica histórica, em contraposição à perspectiva positivista que, *grosso modo*, a

entendia como uma processualidade linear. Tal debate é aprofundado a partir da produção de Lukács (2015 [1916]) sobre a expressão literária como arte, em suas críticas às propostas de subordinar essa produção a uma finalidade exterior à própria produção, qual seja, a da revolução.

Não nos cabe aqui adentrar a essas questões, sob pena de nos desviarmos da intenção de esclarecer as possibilidades de reconhecer como, no romance de Fontane, a dinâmica da vida privada é eivada, espelho e reflexo das configurações mais gerais das relações sociais, sem cair no mecanicismo tão criticado pelos autores¹² que, desde o século XIX até os dias atuais, privilegiam a possibilidade do reconhecimento dialético da História. Como Kofler observa no seguinte trecho, o autor, em sua obra, não representa a realidade em sua totalidade, mas sim fragmentos dela em uma relação dialética:

Essa modalidade consiste, por um lado, em que no processo de apropriação da realidade, o pensamento se fragmenta primeiro em fenômenos singulares, dentre os quais se seleciona aqueles que o interessam por razões práticas em momento determinado da atividade [...] Por consequência, a atividade do entendimento perpassa pelas contradições dialéticas e encontra sua expressão teórica mais clara na formulação dialética da relação entre o relativo e o absoluto. (KOFLER, 2018 [1955], p. 161)¹³

É essa possibilidade de análise que nos despertou o interesse em nos debruçar sobre a obra de Fontane, pois os fenômenos singulares, captados da realidade sensível relativa às relações interpessoais dos protagonistas da trama, são colocados de tal forma pelo autor, que possibilitam ao historiador estabelecer a concepção entre o relativo e o absoluto, ou seja, a dinâmica mais abrangente na qual tais relações estão inseridas e para a qual contribuem, mesmo que de forma indireta.

Ao tomarmos uma obra literária para analisar e compreender tanto o período e o processo históricos quanto a ideologia e o discurso que circundaram o Império Alemão, buscamos demonstrar como o romance, além de ser influenciado pelo contexto histórico, reflete os valores, os códigos e a ética do tempo histórico ao qual

¹² Aqui podemos destacar como exemplos os já citados Lukács e Marx e Engels.

¹³ Texto original: “Esa modalidad consiste, por un lado, en que en el proceso de apropiación de la realidad el pensamiento despedaza primero esta en fenómenos singulares, entre los que selecciona aquellos que le interesan por razones prácticas en un instante determinado de la actividad [...] Por consiguiente, la actividad del entendimiento discurre por la vía de las contradicciones dialécticas y encuentra su expresión teórica más clara en la formulación dialéctica de la relación entre lo relativo y lo absoluto”.

está circunscrito. É por meio da obra literária que o tempo histórico continua a existir, mais especificamente, apenas

[...] no romance, cuja matéria constitui a necessidade da busca e a incapacidade de encontrar a essência, o tempo está implicado na forma: o tempo é a resistência da organicidade presa meramente à vida contra o sentido presente, a vontade da vida em permanecer na própria imanência perfeitamente fechada. (LUKÁCS, 2011 [1955], p. 129)

Podemos ter, então, o romance como objeto de estudo histórico, pois o gênero moderno passa a ser uma espécie de espelho dos costumes e do quadro geral da vida e da sociedade do período em que vive o escritor. O que nos leva à mesma ideia de Lämmert (1995) de que o escritor de romances pode ser considerado criador, uma vez que concebe o enredo, e historiador, pois seu romance refletirá os costumes de sua época. Já que a literatura como objeto de estudo para compreender aspectos da construção de um discurso nacionalista durante o século XIX é, ainda, bastante reduzida na produção historiográfica aqui no Brasil, o presente trabalho pode constituir uma contribuição importante para esse campo de estudo.

A trama do romance escrito por Fontane tem aspectos descritivos que dão indícios da composição e da dinâmica daquela sociedade, em particular, após a formação do II Reich. Reconhecida pela historiografia alemã como uma obra cuja importância se assemelha aos clássicos franceses do século XIX, expressa também o impacto do Realismo, não apenas no Império Alemão, mas também em toda a Europa Ocidental, tomado como movimento literário e político.

Durante o século XVIII e parte do século XIX, o Romantismo, assim como toda a arte, serviu de instrumento para a formação do discurso identitário de movimentos nacionalistas europeus. Contudo, a partir da segunda metade do século XIX, surgiu o movimento realista que se contrapôs ao movimento romântico. A respeito da presença do Realismo na literatura alemã, Bonomo (2018, p. 972) esclarece que:

Effi Briest é um 'romance de sociedade' (*Gesellschaftsroman*), isto é, uma forma romanesca para a representação da vida social contemporânea. Essa modalidade, defendida pelo próprio Fontane, não disfarça a filiação à escola do Realismo francês. O Realismo histórico alemão deve bastante ao assentamento desse padrão que se vai impondo na literatura francesa de Stendhal e Balzac a Flaubert e os Goncourt, o que explica geralmente certa 'deficiência crítica' acusada nos romancistas e novelistas de língua alemã, e como que a

sua 'má consciência': seria não apenas um Realismo atrasado, expressão de um ambiente pré-industrial, de reformas políticas frustradas e da atitude conservadora dos seus representantes no quadro em torno da unificação de 1871, como também não seria, afinal, *inteiramente francês*. (grifo do autor)

Na obra de Fontane, temos muito mais do que apenas uma trama da vida; há referências a fatos históricos, culturais e sociais do período em que foi escrita. Além de tradições e valores ancestrais, referidos pelas personagens, há também a descrição do cotidiano de dois segmentos sociais: o primeiro segmento é a nobreza; o segundo, a aristocracia semirrural prussiana com seus valores. Com precisão e detalhes, o romance é visto, por vezes, também como expressão do Realismo alemão:

O romance mais famoso de Theodor Fontane, *Effi Briest*, surgiu entre os anos de 1894 e 1895. É considerado o ápice da narração realista em língua alemã do século XIX, e evidencia de que a literatura alemã participou desse paradigma inicial e importante do romance moderno – ainda que com limitações, já que o rótulo de 'Realismo poético' é usado para caracterizar o trio formado por Wilhelm Raabe, Theodor Storm e Fontane. Este rótulo enfatiza certa tendência a minimizar a representação 'não embelezada' de aspectos relativamente grosseiros da realidade, bem como uma adesão mais forte às concepções tradicionais da obra de arte como sendo um veículo para a beleza em sentido idealista – em ambos os sentidos, a comparação é feita com os grandes autores franceses Balzac, Flaubert e Zola. No que diz respeito a Fontane, essa unidade entre imitação e rejeição não é apenas refletida em inúmeras alusões encontradas nas cartas do autor, mas também está inscrita no texto de *Effi Briest*. (KÜPPER, 2015 [2008], p. 199, grifo do autor)

Tais características, presentes no romance, levou-nos a estudar peculiaridades do processo de consolidação do II Reich, a partir da segunda metade do século XIX. A construção do Estado Nacional alemão foi um processo histórico com aspectos distintos de outros processos ocorridos no mesmo período – não havendo comparação com a formação, ainda durante os princípios da Idade Moderna, de outros países europeus, como Portugal, Espanha, França e Inglaterra.

A unificação alemã é um marco latente da consolidação da burguesia e do capitalismo industrial e difere do surgimento dos países citados, pois o processo de formação deles ocorreu ainda antes da Primeira Revolução Industrial, envolvendo, portanto, uma burguesia comercial, anterior à formação da burguesia industrial, que se deu em meados do século XVIII. Já a unificação alemã ocorreu durante a Segunda Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX.

O II Reich emergiu na Europa na segunda metade do século XIX, após a guerra franco-prussiana (1870-1871). Até então, grande parte do território que hoje corresponde à atual Alemanha era um conjunto de principados, ducados, baronatos, condados autônomos, que, em 1834, sob liderança da Prússia, viriam a formar a união aduaneira chamada *Zollverein*¹⁴, formada por 39 Estados alemães. O objetivo era ampliar a liberdade entre as fronteiras internas, facilitar o transporte de bens e o comércio e estimular a melhoria da infraestrutura para que a industrialização e a economia desses estados se desenvolvessem. Nos anos seguintes à formação da *Zollverein*, os ideários dos movimentos ocasionados pela Primavera dos Povos, em 1848, sentiram o refluxo conservador das forças reacionárias, quando o Parlamento foi atacado pelos monarquistas e por influências externas, como destacado por Hahn (2007, p. 39):

[...] Inglaterra e a França, que se aliaram à Dinamarca, levaram a 'solução de compromisso', baseada em uma monarquia constitucional, com o monarca prussiano como líder de uma nação 'menor alemã'. Provavelmente não é exagero concluir que os revolucionários se renderam ao poder da Santa Aliança.¹⁵

Somente após 1870 foi constituído o II Reich, ainda sob a hegemonia prussiana, que rapidamente passou a ser uma nova concorrente da Inglaterra. Há de se destacar o contexto histórico do Império Alemão durante a segunda metade do século XIX.

É na denominada Era de Bismark que se situam os protagonistas e o enredo da obra de Fontane. O conjunto de relações sociais, econômicas, culturais e políticas estabelecido entre indivíduos e comunidade, como expresso no romance, compôs o que se conhece hoje como Alemanha. Contudo, esses liames já existiam antes da constituição do Estado Alemão, mesmo que sem uma unidade nacional configurada que subordinasse todos os integrantes daqueles territórios germânicos.

¹⁴ "Somente em 1 de janeiro de 1834, uma Zollverein alemã foi constituída entre a Prússia, Nassau, Württemberg, Baviera, Saxônia e os Estados da Turíngia. Na verdade, estes últimos se juntaram só no decorrer dos dois anos que se seguiram, após a adesão de Baden, Nassau e da cidade de Frankfurt." (PLOECKL, 2010, apud OLIVEIRA, 2017, p. 125-126).

¹⁵ Texto original: "[...] Britain and France, who sided with Denmark. From then on, the revolution lost its momentum; it sought a compromise solution, based on a constitutional monarchy, with the Prussian monarch as leader of a 'lesser German' nation. It is probably not an exaggeration to conclude that the revolutionaries surrendered to the power of the Holy Alliance".

Durante o processo de unificação alemã, o Reino da Prússia despontou como grande líder do movimento e, após vencer as influências dinamarquesas na Guerra dos Ducados (1864) e as austríacas na Guerra Austro-prussiana (1866), assumiu papel central nesse processo. A centralidade do reino prussiano no movimento pode ser reconhecida na frase comumente atribuída a Otto von Bismarck: “*Ao invés da Prússia se fundir na Alemanha, a Alemanha se fundiu na Prússia*”. Assim, colocou-se, desde aquela época, uma das questões principais para a consolidação do Estado alemão: a discussão a respeito da identidade alemã.

Tal discussão, objeto de muitos teóricos¹⁶, preocupados em apresentar soluções às questões sobre aquela ordem pública, expressava o anseio da consolidação de uma identidade nacional alemã, assim como as questões de ordem prática da vida cotidiana, desde a língua oficial, até a unificação de tributos e tarifas (alfandegárias e aduaneiras), perpassando pela religiosidade e pelos costumes nem sempre comuns.

Nesse sentido, Hahn, referindo-se aos intelectuais que expressaram suas preocupações para com a situação da Germânia ante às investidas da França em particular e ao posicionamento de Fichte (1762-1814) sobre a identidade alemã, considera que o

[...] discurso não apenas reflete sua decepção com o novo Imperador Francês, mas também irradia otimismo, antecipando que a nação alemã poderia livrar seus velhos governos desacreditados. Fichte concede a identidade nacional de um povo, não em termo geográfico primariamente ou ligada ao conceito de Estado, mas fundada numa característica espiritual da língua. Ele, no entanto, não está interessado na estrutura gramatical, mas foca na etimologia para ilustrar como a língua alemã, assim como os gregos antigos, tiveram sua criatividade e sensualidade retidas, enquanto outras línguas europeias tiveram suas faculdades perdidas quando adotaram palavras estrangeiras sem adquirir seu verdadeiro significado. (HAHN, 2007, p. 36)¹⁷

¹⁶ Podemos destacar, entre outros, Leopold von Ranke (1795-1886), Heinrich von Sybel (1817-1895), Heinrich von Treitschke (1834-1896), Max Lehmann (1845-1929), Max Lenz (1850-1932), Karl Lamprecht (1856-1915), Georg von Below (1858-1927), Friedrich Meinecke (1862-1954).

¹⁷ Texto original: “The Reden not only reflect his disappointment with the new French emperor, but also radiate optimism, anticipating that the German nation might shake off its discredited old governments. Fichte conceives the national identity of a people not primarily in geographical terms or as attached to the political concept of statehood, but as founded on language’s spiritual character. He is, however, not interested in the grammatical structure of language, but focuses on etymology, at pains to illustrate how the German language, like ancient Greek, has retained its creativity and sensuality, while other European languages have lost these faculties when adopting foreign words without acquiring their true meaning”.

Refere-se Hahn às proposituras do filósofo Johann Gottlieb Fichte considerado um dos autores, juntamente com Schleiermacher, August Wolff e Humboldt, que viam na educação a possibilidade da preservação da identidade alemã em face de uma possível derrocada dos frágeis e fragmentados territórios nas guerras contra a França. Em seus 14 discursos intitulados *Discursos à nação alemã (1807-1808)*, ele propõe o fortalecimento do *ethos* germânico, único elemento capaz de unificar aquela diversidade territorial que sucumbia às investidas do exército de Napoleão. A fim de colocar a Alemanha no lugar que deveria ocupar, o *ethos* precisaria ser a função básica da educação.

Nesse sentido, para Fichte, resgatar a verdadeira cultura alemã deveria ser a primeira batalha a ser travada pelos alemães, ou seja, naquele momento da guerra contra a França, a verdadeira batalha deveria se dar no campo cultural, preservando-se o espírito do povo alemão, mesmo que o território fosse dominado. Daí a ênfase em se colocar a educação como guia moral do povo alemão, sobretudo dos jovens, entre os quais a influência do Iluminismo francês e a absorção dos “modismos” estrangeiros era recorrente; a restauração da antiga glória alemã deveria ser a meta de uma educação que os fizesse valorizar sua terra, sua língua, seus costumes e seus ancestrais (BRITTO, 2012).

Embora haja certo distanciamento entre 1813, quando a ocupação napoleônica termina, e 1871, quando ocorre a unificação, trazer tais ideias nos auxilia na identificação desses valores na obra de Fontane. Ao longo desse período, em que houve o Congresso de Viena, a Confederação Germânica pelas Revoluções de 1848, a União Aduaneira de 1834 (Zollverein), a liderança da Prússia, a ascensão de Bismarck, em 1862, e suas guerras, de 1864 e 1866, contra a Dinamarca e a Áustria, os acontecimentos expressariam, “cada qual à sua maneira, as contradições e as particularidades dos processos de formação do Estado e da penetração do capitalismo na Alemanha” (RIBEIRO, 2009, p. 21).

É igualmente importante refletirmos sobre a pertinência da utilização do romance como documento histórico. Embora a categoria de romance histórico seja comumente referida à produção literária que versa sobre fatos com ampla repercussão na dinâmica de uma dada história, um romance que é capaz de remeter o leitor à atmosfera de uma época, que coloca, nas falas de suas personagens, valores e costumes praticados em um dado período histórico, possibilitando ao leitor apreender os liames de uma dada sociedade.

A historiografia situa o nascimento do romance histórico no século XIX, em que em um novo papel, o “escritor de romances pôde ser então logo classificado como ‘criador e historiador ao mesmo tempo’” (LÄMMERT, 1995, p. 289), conforme demonstrado por Fleck e Zuffo (2011).¹⁸ No entanto, o romance, em particular a literatura romântica, desde o século XIX, já foi reconhecido como expressão de uma dada realidade, como destaca Lämmert (1995, p. 295):

[...] no âmbito do processo geral delimitado pela teoria da História, abrem espaço também a situações surpreendentes e até mesmo às categorias pessoais de *virtù* e *fortuna*. Mas permanece aqui, com força decisiva, a exigência de que a exposição, em toda a singularidade dos conflitos concretos, deixe transparecer a totalidade do processo global. (grifo do autor)

Teoria do romance e teoria da História modernas encontram-se aqui num ponto crucial. Pois já o romance de formação clássica não deveria ser apenas um ‘quadro de costumes’, mas também ‘um espelho da marcha geral das coisas humanas e da vida’. (SCHELLING, s.d., 1856-61 apud LÄMMERT, 1995, p. 295)

Para compreendermos os comportamentos das personagens em destaque, as posições mais radicais manifestadas com maior frequência e porque algumas ideias e posições surgem em determinados lugares, é preciso entender os valores, os códigos éticos e morais, a cultura e as tradições da sociedade. Esse entendimento requer a análise da origem, da formação e da estruturação da sociedade em questão.

Fontane se inspira no caso de Elizabeth von Ardenne e Armand Léon von Ardenne, considerando a repercussão do acontecimento, o que constitui a experiência necessária para escrever *Effi Briest* (1894), o que atesta a afirmação de Benjamin (2012 [1985], p. 127): “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”.

A mencionada obra, até há pouco tempo acessível apenas na língua alemã, pauta a pertinência ou não das abstrações razoáveis passíveis de formulação a partir da objetivação das categorias que emergem do romance. No âmbito das pesquisas realizadas no Brasil, encontramos dois estudos que envolvem *Effi Briest* (1894): o doutorado de Rita Mara Netto de Moraes (2009) e o ensaio do professor Daniel

¹⁸ “O romance histórico, narrativa híbrida de história e ficção, pelas asserções feitas por Mata Induráin (1995, p. 21), galgou seus primeiros passos no século XIX com Walter Scott que em 1814 publicou *Waverley*, seu primeiro romance. Segundo o autor, o tema histórico já tinha sido abordado em outras obras literárias ‘pero en ellas no encontramos la voluntad de reconstruir el pasado’, como se percebe a partir das produções de Scott, especialmente com *Ivanhoé* (1819), obra que estipula os paradigmas desta nova modalidade romanesca” (FLECK; ZUFFO, 2011, p. 7).

Reizinger Bonomo (2018); o primeiro foca na análise da representação da condição feminina no matrimônio e destina a *Effi Briest* (1894) apenas um capítulo; o segundo apresenta uma análise literária do romance, particularmente em relação ao hibridismo entre o Realismo e o Romantismo, presente no romance de Fontane. A escassez de trabalhos que tenham como objeto de estudo a obra de Fontane revela uma lacuna no campo de estudos, em especial, em relação ao contexto do II Reich representado na literatura alemã.

Diante do exposto, as questões a que este trabalho se propõe responder são: a) De que forma a vida cotidiana daquela sociedade, ou pelo menos parte dela, está representada em *Effi Briest* (1894)? e b) Alguns padrões de comportamento que expressam determinada ética de conduta, analisados à luz das relações sociais daquele momento histórico, coadunam-se com conceitos de conservadorismo e podem expressar a identidade alemão no período?

Para respondermos a tais questionamentos, buscamos aprofundar a análise de aspectos sociais, como a representação de valores, da moral e da ética, com destaque para como são demonstradas as contradições vigentes na sociedade do II Reich. Ressaltamos que não procedemos, nesta pesquisa, à interpretação psicológica das atitudes das personagens; dedicamo-nos à análise de aspectos históricos e identitários, buscando verificar se as características comportamentais presentes no romance podem ser tomadas como expressão do conservadorismo alemão.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. No **primeiro capítulo**, discorremos sobre Fontane como um expoente do Realismo alemão, autor preocupado em trazer os temas da política em curso na época, não se furtando a tecer críticas, mesmo em se tratando de um romance de costumes.

No **segundo capítulo**, tratamos da forma como o romance retrata a condição da mulher, responsável pela preservação dos costumes e valores, e relegada ao universo da vida privada. Sua subjetividade é subordinada a um mundo eivado de princípios éticos e morais pré-determinados por valores cuja ancestralidade determina o momento de sua vivência e a de sua família. Em contraposição, consideramos as representações sobre a função social do homem que, inserido no campo público e político, vivencia as transformações nos negócios e nas relações sociais, e permanece atento às inseguranças decorrentes das políticas que impõem novas regras, normas e padrões de conduta. Abordamos, ainda, como as diversas mulheres são

representadas na obra, a nobre, a burguesa, a tradicional e a marginalizada, e quais eram as consequências para aquelas que não cumprissem com o papel a elas designado.

Por fim, no **terceiro capítulo**, discutimos as contradições do processo histórico que marcaram a unificação alemã no século XIX e como elas são expressas em *Effi Briest* (1894). Nesse sentido, refletimos sobre o embate entre a modernidade e as tradições, entre o campo e a cidade e entre os diversos grupos étnicos que compuseram o país, buscando, assim, a compreensão acerca de uma sociedade que sofreu rápidas transformações decorrentes da industrialização acelerada e das políticas capitaneadas por Bismarck.

Desse modo, *Effi Briest* (1894) é analisada como um romance que tangencia o Realismo alemão e cujas personagens revelam valores e costumes da sociedade alemã no final do século XIX, permeada pelo liberalismo em curso na época.

CAPÍTULO I – Theodor Fontane: o romancista da política

Neste capítulo, apresentamos o autor de *Effi Briest* (1894), o literato Theodor Fontane, considerado um dos mais importantes representantes do Realismo alemão. A particularidade da produção de Fontane é a sua capacidade de espelhar, por meio dos protagonistas do romance, as dimensões sociais que conectam o âmbito privado ao público.

A primeira seção apresenta brevemente o autor e o contexto em que viveu, além de como aludia à política de sua época em seus textos e como se posicionava no interior de suas narrativas.

A segunda seção aborda os tempos que envolvem a escrita de *Effi Briest* (1894): o tempo no qual o autor viveu, o tempo de escrita da obra e o tempo histórico do romance.

Por fim, a terceira seção trata das particularidades e da complexidade das obras de Fontane. Discorreremos também a respeito das diferenças entre o Romantismo e o Realismo, e como este último movimento se manifestou na Alemanha e nas demais localidades europeias.

1.1 O autor de seu tempo

Heinrich Theodor Fontane nasceu em Berlim, em 1819, filho do farmacêutico Louis Henri Fontane e de Emilie Labry, ambos de origem huguenote. Assim como seu pai, formou-se em Farmácia, aos 17 anos. Sua carreira literária foi atípica, tendo em vista sua formação como farmacêutico, pois “[...] a maior parte de seus 17 romances, que constituem o grosso de sua obra narrativa foi escrita entre os 60 e os 80 anos de idade”¹⁹ (PALACIOS LEÓN, 2016, p. 216).

Conforme afirma Palacios León (2016, p. 216), Fontane é o “[...] principal representante do Realismo alemão do século XIX e um dos melhores romancistas alemães de todos os tempos”²⁰ [...]. Tal afirmação a respeito da importância de Fontane tanto para o Realismo quanto para a literatura alemã é referendada por Otto Maria Carpeaux, em obra póstuma intitulada *História concisa da literatura alemã*:

¹⁹ Texto original: “[...] la mayor parte de las diecisiete novelas que constituyen el grueso de su obra narrativa entre los sesenta y los ochenta años de edad”.

²⁰ Texto original: “[...] principal representante del Realismo alemán del siglo XIX y uno de los mejores novelistas alemanes de todos los tiempos [...]”.

Mas a palavra definitiva do Realismo alemão já tinha sido dita por Theodor Fontane (1819-1898): ainda uma carreira literária menos normal, pois o romancista precisava chegar à casa dos 70 anos para encontrar seu terreno próprio; mais uma prova da dificuldade de conquistar, na literatura alemã, o estilo realista. (CARPEAUX, 2013, p. 144)

Segundo o autor, a ascendência huguenote de Fontane pode nos ajudar a entender seu estilo. Os huguenotes tinham por característica a rigidez em aspectos como costumes, valores, moral e, por excelência, eram extremamente críticos. Carpeaux (2013, p. 144) explica que “[...] Fontane era de remota origem francesa, descendente de huguenotes exilados e imigrantes de Brandemburgo; o que talvez explique seu *esprit* irônico, sua maestria do diálogo ligeiro e alusivo”.

Quanto ao posicionamento político, Fontane foi um jornalista conservador, admirador de Bismarck e adotou uma postura liberal, por ter nascido em uma Berlim ainda não industrializada, dominada por uma “forte guarnição militar, muitos oficiais e burocracia” (CARPEAUX, 2013, p. 144) e pela aristocracia prussiana, apesar da rica burguesia. Nascido em Berlim,

[...] é, propriamente, o romancista de Berlim, então ainda não a grande metrópole industrializada, capital da Alemanha, mas só capital da Prússia, com forte guarnição militar, muitos oficiais e burocracia, burgueses ricos, mas dominada pela aristocracia prussiana. E Fontane é prussiano. Na juventude tinha sido jornalista conservador. Sempre admirou Bismarck, mas foi liberal, preferindo a companhia de inteligentes jornalistas judeus à dos *junkers*, que são os personagens principais de seus romances, caracterizados pela compreensão afetuosa e irônica. (CARPEAUX, 2013, p. 144, grifo do autor)

Conforme pontuamos ao longo desta dissertação, as personagens de Fontane parecem ter sido plasmadas nessa dinâmica social, oscilando entre o conservadorismo e a modernidade, entre o liberalismo e o autoritarismo. Nesse sentido, por exemplo, temos a presença constante de personagens que representavam a incomoda posição em que estavam os *junkers*, antigos membros da nobreza militar e possuidores de grandes propriedades rurais nos estados germânicos que existiam antes da formação e durante a consolidação do II Reich.

Apesar de ser admirador de Bismarck, o escritor foi um crítico da sociedade bismarquiiana, conforme observa Carpeaux (2013, p. 145): “Fontane foi um cético de sabedoria superior. Seus romances oferecem aquilo que os leitores superficiais acreditavam ter encontrado em Spielhagen: a criticada sociedade bismarquiiana”.

Algumas pinceladas sobre o autor nos permitem fundamentar um pouco mais as associações entre o cotidiano da vida das personagens, das protagonistas e do contexto político em meio às tensões entre as tradições e a modernidade. O enredo do romance reflete algumas contraposições da época, o contraste entre a aristocracia burocrata e militar – representada por Innstetten – e a antiga nobreza *junker* – representada pela protagonista. Trata-se, de acordo com Carpeaux (2013, p. 145), da “tragedia do alto burocrata aristocrático, estúpido e incompreensivo, traído pela esposa fútil”.

Fontane ao longo de sua vida passou por inúmeros problemas, por exemplo, quando ainda jovem viu seu pai obrigado a vender a farmácia da família para comprar uma menor para pagar uma dívida de jogo. Também se deparou com algumas escolhas, como ter de optar entre seguir a carreira de farmacêutico e abraçar sua paixão pela escrita. Conforme Palacios León (2016, p. 216) relata,

Fontane foi um homem de cheio de contradições, políticas e personalidade. Um homem moderno, uma pessoa que se viu submetida a diferentes dilemas profissionais e foi forçado a fazer escolhas sabendo as terríveis consequências de suas decisões, um escritor que sempre defendeu ser escritor quando teve que fazê-lo e que colocava em risco a sua própria vida, seu sustento econômico e de sua família, para manter intacta sua liberdade de pensamento, a dignidade que ‘considerava indispensável para publicar qualquer texto literário’.²¹

Em seus trabalhos, Fontane colocava um pouco de si mesmo nas personagens, e mesmo sua história pessoal e o caráter dos pais. Entretanto, de acordo com uma carta assinada em 30 de outubro de 1851 e estudada por Palacios León (2016), Theodor Fontane se viu obrigado, por motivos financeiros, a trair seus princípios após conseguir um cargo na redação de um jornal ligado às autoridades prussianas. O escritor afirmou que se vendeu por 30 moedas de prata por mês e ainda disse que como homem honesto não seria possível progredir. Esse foi o período em que, depois de ter participado de manifestações revolucionárias em 1847, trabalhou em um jornal conservador. A esse respeito, Oliveira (2020, p. 54) destaca que,

²¹ Texto original: “Fontane fue un hombre lleno de contradicciones, políticas y personales. Un hombre moderno, una persona que se vio sometida a distintas disyuntivas profesionales y que se vio abocado a elegir conociendo las terribles consecuencias de sus decisiones, un escritor que siempre abogó por ser escritor cuando tuvo que hacerlo y que puso en riesgo su propia vida, su sustento económico y el de su familia, para mantener intacta su libertad de pensamiento, la dignidad que ‘consideraba indispensable para publicar cualquier texto literario’”.

[...] no ano de 1847, quando se juntou aos revoltosos nas barricadas e publicou em revistas e jornais revolucionários. Quatro anos depois aceita um lugar num jornal conservador e faz carreira ligado à propaganda do estado prussiano.

Theodor Fontane foi, portanto, um homem de seu tempo. Ele fazia refletir em seus textos não apenas a si mesmo e seus valores, mas também o contexto político e social no qual estava inserido, de maneira crítica e irônica.

1.2 O tempo de vivência, o tempo da escrita e o tempo do romance

Para compreender os temas, as críticas e a abordagem política presentes nos textos de Fontane, faz-se necessário assimilar o espaço e o tempo no qual escreveu seus romances.

Embora no contexto geral da Europa vigorassem padrões de comportamento e costumes, assim como de organização política, cunhados por grande parte da historiografia como conservadores, termo que “[...] tem sido tomado, usualmente, como uma tendência à manutenção da ordem existente das coisas ou a reforçar uma ordem que parece ameaçada” (VIEIRA, 2005, p. 101), a condição tardia do desenvolvimento do capitalismo na Alemanha, assim como a fragilidade de sua burguesia, impunha à nova ordem em gestação no período do II Reich fazer alianças com os segmentos da antiga nobreza:

[...] o tema da entificação tardia do capitalismo na Alemanha, sintetizado na expressão ‘miséria alemã’, constitui o quadro históricossocial da colocação atrasada e apoucada de diversos problemas e desafios. Entre eles, destaca-se o da ‘emancipação política’. Tendo seu desenvolvimento econômico se processado de modo tardio, a burguesia alemã se vê em um cenário no qual a opção pela aliança com as classes subalternas na luta contra os setores mais retrógrados se mostra arriscada, haja vista que nos vizinhos modernos o proletariado já explicita seu potencial revolucionário. Desta forma, ao abdicar de seu domínio político em favor da nobreza, conforma-se na condição de burguesia politicamente incompleta, deixando inacabada a tarefa da emancipação política. (SILVA, 2010, p. 619)

Naquele momento de intensa transformação decorrente do acelerado desenvolvimento tecnológico que configurou a Revolução Industrial, o conservadorismo era um atributo dos elementos que remetiam à antiga ordem, fosse

do ponto de vista econômico – em razão das mudanças econômicas advindas da Revolução Industrial –, fosse do ponto de vista cultural.

Assim, para Barbosa (2007), por exemplo, o termo *conservadorismo*, que emprega na configuração da Era Vitoriana, tem seu auge na Inglaterra do século XIX. Para a autora, durante esse período, observou-se a valorização da moralidade, dos deveres religiosos, dos padrões de comportamento vinculados aos “bons costumes”. Associando tal cultura à preocupação com a economia e com o espírito de progresso da sociedade, a pobreza aparecia associada ao vício, à preguiça e aos excessos considerados imorais. Barbosa (2007, p. 2) oferece-nos a seguinte explicação:

Há um conjunto de valores que alguns autores qualificam de puritanos, outros de moralistas, que correspondem nas classes médias, a uma herança de dois séculos. Figuram em primeiro lugar o espírito de economia, a dedicação ao trabalho, a extrema importância atribuída a moralidade e há também uma preocupação muito atenta com os deveres da fé. Por outro lado, para uma sociedade movida pelo espírito de progresso, acrescenta-se uma sede de saber e de entusiasmo crescente por todas as inovações técnicas. Neste contexto, a pobreza é frequentemente ligada ao vício, à preguiça, aos excessos: daí uma grande rigidez quando se trata de ajudar os carentes, uma caridade limitada a casos individuais. Com a repulsa ao vício toca-se no grande tabu vitoriano: o sexo, e consequentemente a família.

Para o conservadorismo emergente da Era Vitoriana, os “bons costumes” eram relativos ao sucesso profissional e financeiro, bem como à prosperidade social, que surgem como consequência da rigidez moral e da fé, da exigência de disciplina e da valorização do trabalho. Em contrapartida, a ausência dos “bons costumes” conduziria à fraqueza moral, aos vícios e à preguiça. Essa combinação teria como resultado o fracasso profissional e financeiro e a pobreza.

Entre os elementos já destacados, os valores descritos anteriormente remetem também a aspectos da particularidade da identidade germânica. Tais preceitos, como a ética e a moral, compõem o chamado *ethos* germânico, que seria um *ethos* guerreiro, como Elias (1997 [1989], p. 36) esclarece:

[...] o *ethos* guerreiro aburguesado da sociedade Guilhermina encontrou sua expressão menos em livros eruditos, do que no pensamento e nas ações cotidianas das pessoas envolvidas. Provas disso apresentam-se, por exemplo, em mudanças no uso de vocábulos ou nos romances populares da época. (grifo do autor)

É importante notar que o termo *ethos* vem do grego e significa “personagem”. Aristóteles, um dos primeiros autores a empregá-lo, entende-o como sendo a imagem de si²² que o locutor constrói em seu discurso para exercer influência sobre o destinatário. Aqui se explicita a análise de Elias (1997 [1989]), para quem o Império Alemão unificado tomou para si o *ethos* guerreiro, característico da nobreza rural junkiana, como o *ethos* nacional, conforme recupera Waizbort (1998, p. 3):

O modelo de comportamento baseado na ordem e no mando, na disciplina do exército, no código de honra, é assimilado por amplos círculos burgueses. A burguesia adota um padrão de comportamento, sensibilidade, consciência, *habitus* que é gerado na nobreza [...] Assim, o *ethos* guerreiro, característico de um estrato social específico, que experimentou um desenvolvimento peculiar por não ter se assentado na corte, torna-se o modelo de um *habitus* nacional. (grifo do autor)

Não é por acaso que Fontane explicita a associação entre a antiga nobreza rural – *junker* – e a aristocracia ascendente no Império Alemão. Effi, a protagonista, representa a antiga nobreza que ascendeu socialmente no Império por meio dos feitos em guerra e que, ao longo dos séculos, manteve a continuidade por linhagem, ao passo que Innstetten, o marido, simboliza uma nova aristocracia alemã que ascendeu, não pelas guerras, mas pelo enriquecimento e pela ocupação de postos e cargos na burocracia do Estado recém-fundado.

O casamento entre Effi e Geert representa, por um lado, a busca pelo prestígio social do qual a nova aristocracia ainda não desfrutava e, por outro, a garantia da continuidade de uma segurança nobiliárquica em risco. Essa busca conduzirá Geert a pedir a mão da filha de um nobre em casamento. Assim, foi a necessidade de construir uma estima social até então inexistente que levou Innstetten a se casar com Effi.

²² Aristóteles fazia referência às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. “A noção de *ethos* surge na Grécia com Aristóteles e em Roma com Quintiliano e Cícero, com perspectivas diferentes. Para os gregos a imagem que o orador cria e mostra no momento da enunciação, a fim de convencer o auditório não corresponde, necessariamente, à identidade dele; enquanto para os romanos, o *ethos* estava ligado aos atributos reais do orador, à sua moral, e não incidia na imagem discursiva criada pelo orador. De acordo com Heine (2011), o pensamento romano baseava-se nas ideias de Quintiliano e Cícero, famosos oradores da época, para os quais a reputação de um homem pesa mais do que suas palavras. No entanto, conforme a autora, é o pensamento grego e não o romano que lança as bases para a construção teórica da noção de *ethos* nos estudos linguísticos.” (FIORINDO, 2012, p. 43).

Tal relação evidencia-se nessa união. Ao passo que Effi representa a velha nobreza prussiana, seu futuro marido representa a aristocracia burocrata, que se forma a partir da unificação. O II Reich formou-se apenas como Estado Nacional em 1871 e, após o fim da Guerra Franco-Prussiana, a Prússia liderou a unificação de diversos principados germânicos de línguas e etnias distintas.

Era necessário, então, criar uma identidade nacional alemã, pois como Estado, o Império era mais recente que os Estados que o compunham, assim, as pessoas se identificam mais como membros de suas províncias do que como alemães. Em face dessa realidade, era preciso identificar e fortalecer aspectos sociais comuns, fosse no âmbito da burocracia, fosse no âmbito da economia ou da cultura, torná-los usuais, práticas inseridas no cotidiano. Nesse sentido, houve, tanto em ações do governo, como em movimentos literários e artísticos, a tentativa de criar uma identidade nacional que pudesse ser assumida e praticada por todos aqueles que viviam no recém-criado Império Alemão, para além das medidas de centralização do poder e de sua militarização. Elias (1993 [1939], p. 94) assinala que no

[...] Império, também, através de lutas de eliminação e de uma acumulação constante de territórios nas mãos dos vencedores, precisaria emergir um domínio territorial suficientemente forte para absorver ou eliminar todos os demais. Apenas dessa maneira poderia um Império tão diversificado conseguir se centralizar.

O centralismo e o autoritarismo vieram acompanhados da articulação entre a velha ordem e a nova burguesia ainda frágil, o que revela um aspecto do conservadorismo no processo de unificação alemã.

Naqueles idos do século XIX, o termo *conservadorismo* referia-se também à ordem social que promulgava aspectos da manutenção da Antiga Ordem, associada muitas vezes à medievalidade, em contraposição à “modernidade”, ou seja, a configuração social pós-Revolução Francesa. Tal denominação mantém-se até a atualidade para se referir ao período, seja vitoriano, seja alemão. Nesse particular, o conservadorismo se manifesta na *Realpolitik*, que subordina os interesses dos cidadãos aos da nação, conforme ressalta Hahn (2007, p. 40):

Realpolitik teve uma influência prejudicial no nacionalismo alemão; ela rejeitou todas as formas de autodeterminação, colocando os interesses da ‘nação’ acima de todos os cidadãos. A questão do Posen é apenas um exemplo. A província prussiana de Posen tinha a maioria

dos falantes de polonês e durante a fase inicial da revolução foi considerada parte do Estado livre polonês. Na fase seguinte da revolução, os falantes afirmavam que um 'egoísmo nacional saudável' exigia que permanecessem como parte da Alemanha de acordo com o 'o direito da força, o direito do conquistador'. O estabelecimento do Estado-nação alemão sob Bismarck era baseado nessa filosofia [...].²³

Um apanhado de vários autores que versam sobre tal conceito consta no recente trabalho de Gahyva (2017). Entre esses autores, destacamos o trabalho do sociólogo norte-americano Robert Nisbert (1987), que busca demonstrar que o movimento conservador nutria admiração pela Idade Média e assinalava, que no caso alemão, impunha-se o espírito regionalista, observado desde meados do século XIII:

Em reação à pauta centralizadora e individualizante característica da formação dos Estados modernos, o pensamento conservador empreende movimento de valorização das tradições, tal como se percebe na crescente fascinação pela Idade Média e pelo elogio ao espírito de regionalismo que são observados na Alemanha de meados do século XIII. (NISBET, 1987, p. 66, apud GAHYVA, 2017, p. 303)

Assim é que o pensamento conservador observável durante meados do século XVIII e presente na formação dos Estados Modernos valoriza as tradições. No romance de Fontane, temos claras referências à valorização das tradições e ao espírito regionalista. Por meio da personagem principal, o autor valoriza aspectos como a liberdade do campo, a natureza e o ar livre. Ainda em referência à citação anterior, Gahyva apresenta a seguinte nota:

Na narrativa burkeana, o tema da valorização do passado feudal pode ser ilustrado por meio de seu lamento pelo declínio da idade do cavalheirismo, sucedida por 'aquela dos sofistas, dos economistas, dos calculadores'. (BURKE, 1997, p. 100, apud GAHYVA, 2017, p. 302)

Portanto, para Gahyva, a valorização das tradições pode ser entendida como uma demonstração da permanência da diversidade e da multiplicidade de culturas

²³ Texto original: "Realpolitik had an unwholesome influence on German nationalism; it rejected all forms of self-determination, putting the interests of the 'nation' above those of its citizens. The Posen issue is just one example. The Prussian province of Posen had a majority of Polish speakers and during the early phase of the revolution was considered part of a free Polish state. In the latter phase of the revolution, speakers claimed that a 'healthy national egoism' required that it remained part of Germany in accordance with 'the right of the strong, the right of the conqueror'. The establishment of the German nation state under Bismarck was based on this philosophy and will be dealt with later [...]" (HAHN, 2007, p. 40)

vicejando em um território, em contraposição à ideia de conservadorismo, que, definido por uma imposição no âmbito da política, configurou aquele Estado, como a autora explica a seguir:

Se a crítica à concentração de poderes nas capitais nacionais torna-se um topo do conservadorismo, cumpre elogiar a solução além-Reno, cuja unidade política comparativamente tardia fora capaz de preservar a vida provincial. O contraste tem vida longa, reaparecendo, por exemplo, no lamento de Ernest Renan (1872, p. 31) pela impossibilidade, em França, cuja capital era o ‘centro da utopia republicana’, do exercício daquele liberalismo moderado característico dos beligerantes vitoriosos em Sedan. Pouco mais de meio século depois, Gustave Le Bon (1927, p. 213) reforça a comparação: ‘na França há somente um centro intelectual: Paris; a Alemanha tem vários’. Em comum a esses personagens, a convicção segundo a qual ‘a centralização provoca apoplexia no centro e anemia nas extremidades’. (NISBET, 1987, p. 106, apud GAHYVA, 2017, p. 302)

Dessa forma, observamos que os movimentos realista e romântico tinham relação com o movimento liberal em toda a Europa do século XIX, conforme exposto pelo historiador Arnold Hauser (2003 [1951]).

A presença de características do Realismo alemão nas obras de Fontane é analisada no livro organizado por Miguel Vedda intitulado *El Realismo en la Literatura Alemana. Nuevas interpretaciones*. Nesse trabalho, Vedda (2011) compila textos de vários autores que abordam elementos do Realismo alemão. Para ele, o

[...] romance, assim diz a quintessência, pede um ‘espacio amplio’, o que remete a conhecida formulação de Fontane sobre o campo amplo e coloca diante dos olhos o ponto de vista da totalidade. O mundo do romance, sua topografia, deixa uma extensa totalidade, realiza uma cartografia de uma realidade elevada ao quadrado, que (e esta também é uma convicção interna mais profunda de Fontane) atua como a verdade, de acordo com a frase de Julian Schmidt, o grande crítico daqueles anos, que afirma de que ‘a ideia das coisas [...] também’ é ‘sua realidade’ [...]. (VEDDA, 2011, p. 23)²⁴

As características do Realismo alemão mais vigorosamente presentes nos trabalhos de Fontane são a reprodução de diálogos extremamente realistas, a

²⁴ Texto original: “La novela, así dice la quintaesencia, pide un ‘espacio amplio’, lo que recuerda la conocida formulación de Fontane sobre el campo amplio, y coloca ante los ojos el punto de vista de la totalidad. El mundo novelístico, su topografía, echa de menos una totalidad extensiva, realiza una cartografía de una realidad elevada al cuadrado, que (y esta es también la convicción interna más profunda de Fontane) actúa como la verdadera, de acuerdo con la frase de Julian Schmidt, el gran crítico de aquellos años, que afirma que ‘la idea de las cosas [...] también’ es ‘su realidad’ [...]”.

presença do campo, as inúmeras descrições de paisagens e o retrato crítico da realidade.

De qualquer forma, o cerne da questão nas páginas seguintes é compreender como, ao longo do século XIX, foi estabelecida a relação entre Romantismo e Realismo com o liberalismo e de que forma esses movimentos perpassaram a construção do discurso nacionalista.

1.3 O Realismo alemão em Fontane

De tempos em tempos, a produção historiográfica sobre Theodor Fontane adquire visibilidade, e uma busca a materiais acessíveis pela internet demonstra o quão contraditórias são as interpretações sobre esse autor, não só por sua trajetória de vida, que o obrigou a subordinar seus interesses de escritor à necessidade de sobrevivência material e de dar continuidade às tradições familiares, mas também por sua inserção na literatura. Neste último quesito, os embates entre os analistas vinculam-se à interpretação mesma do que caracteriza o Realismo alemão.

Esses pêndulos do debate voltaram à baila em 2019 por ocasião das comemorações do bicentenário do nascimento do autor. A esse respeito, Oliveira (2020, p. 54) oferece-nos o seguinte panorama:

Celebraram-se no ano passado (2019) os 200 anos do nascimento de Theodor Fontane e na Alemanha têm vindo a multiplicar-se os simpósios e as publicações sobre o autor e a sua obra, revelando-se como tendência destas novas abordagens o enfoque na sua modernidade. Procura, assim, inverter-se a orientação da crítica tradicional, que, reconhecendo embora o virtuosismo do escritor, enfatizava os traços epigonais dos seus textos. Para tanto, põem-se em relevo não apenas as coordenadas da obra e dos géneros que Fontane privilegiou, como o seu próprio percurso ideológico, que o aproxima das ambivalências do homem finissecular.

Refere-se a autora às interpretações mais clássicas, que consideravam Fontane como uma expressão do realismo regionalista, portanto, um autor “menor”, de que são um exemplo as referências a ele que constam na obra intitulada *História de la literatura Universal* (1956), no item “Realismo y Naturalismo en la Literatura – El Realismo alemán”, em cujo tópico sobre Fontane lemos:

Lírico e dramaturgo, mas antes de tudo romancista. Foi o máximo representante do Realismo Alemão. Estava interessado por vários assuntos e tocou diversos registros. Foi considerado um autor tradicionalista e até regionalista, como nos contos *Caminhadas pela Marca de Brandemburgo* (*Wanderungen durch die Mark Brandenburg*, 1862); igualmente patrióticas podem parecer suas obras históricas como *Antes da tempestade* (*Vor dem Sturm*, 1878). Suas obras, de pouca complexidade e esquemáticas, foram o que as tornaram mais lidas do que as dos jovens naturalistas. Atacou as classes dominantes alemãs. Mas nem por isso deixou de lado os problemas que preocupavam a sociedade alemã, e especificamente a burguesia berlinense, da qual se tornou um verdadeiro flagelo. Em 1890 em *Stine* (1890), abordou o tema do amor livre e da condição feminina. Em seus romances aparecem personagens reais de carne e osso, sozinho, ataca duramente os novos ricos, a alta burguesia promovida pelo capitalismo a posições de relevância, que não correspondiam. Nesse sentido temos de destacar os romances: *A senhora Jenny Treibel* (*Frau Jenny Treibel*, 1892), no qual trata com certo humor os novos ricos; a segunda *Effi Briest* (1896) é o mais duro de seus romances e sem dúvidas um dos melhores retratos da alta sociedade berlinense do final do século, do qual beberam os melhores autores alemães de nosso século. (RIQUER; VALVERDE, 1956)²⁵

Assim, segundo Riquer e Valverde (1956), Fontane desejava retratar a sua realidade de maneira crítica, questionando igualmente os antigos e os novos valores, impostos tanto pelas antigas classes sociais dominantes quanto pelas novas, uma vez que o autor não confiava na decadente aristocracia rural e militar prussiana e tão pouco na ascendente burguesia berlinense. Dessa forma, as descrições paisagísticas de Fontane, que retratavam as mudanças pelas quais o mundo em que vivia estava passando, rememoravam suas próprias vivências naquelas plagas.

Essa leitura sobre o autor, situando-o no campo do Realismo alemão, está presente, de forma bastante recorrente, em particular na produção em língua

²⁵ Texto original: "Lírico y dramaturgo, pero ante todo novelista. Fue el máximo representante del Realismo alemán. Se interesó por diversos temas y tocó registros diversos. Se le tuvo por autor costumbrista y hasta regionalista, como en los cuentos de los Paseos por la marca de Brandeburgo; igualmente patrióticas pueden parecernos sus obras históricas como Antes de la tempestad (Vor der Sturm). Sus obras de poca complejidad y esquemáticas lo que harían que fueran más leídas que la de los jóvenes naturalistas. Atacó a las clases dominantes alemanas. No por ello dejó de lado los problemas que preocupaban a la sociedad alemana, y en concreto a la burguesía berlínesa de la cual se convirtió en verdadero azote. En 1890 en Stine abordó el tema del amor libre y de la condición femenina. En sus novelas aparecen personajes reales de carne y hueso, tan sólo ataca con crudeza a los nuevos ricos, contra la alta burguesía aupada por el capitalismo a unos puestos de relevancias que no le corresponden. En este sentido hemos de destacar dos novelas: La señora Jenny Treibel (Frau Jenny Treibel), en la que trata con cierta comicidad a los nuevos ricos; la segunda, Effi Briest es la más dura de sus novelas y sin duda uno de los mejores retratos de la alta sociedad berlínesa de finales del siglo, del cual habrían de beber los mejores autores alemanes de nuestro siglo".

espanhola. Nesse sentido, contribui para tal visão, a divulgação sobre Fontane no curso sobre literatura alemã da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED), considerada a instituição de educação à distância da comunidade europeia. No âmbito dessa Universidade, Castrillo et al. (2004, p. 31), no *Material Didáctico de Literatura*, pontuam o que segue:

Membro do círculo literário conservador 'Tunnel über der Spree', obteve certo êxito com baladas e canções da Prússia. Após o breve, porém intenso, entusiasmo pela Revolução de 1848, ocupou o posto de redator no Diário Oficial Prussiano. A partir de 1859 trabalhou para o periódico cristão 'Kreuzzeitung', e desse período origina 'Wanderungen durch die Mark Brandenburg' (Caminhada pela marca de Brandemburgo, 1862), relatos anedóticos, com descrições detalhadas desse ambiente prussiano. Em 1870, e durante um período aproximado de vinte anos, desempenhou o cargo de crítico literário no periódico liberal 'Vossische Zeitung', onde comentou a evolução literária da Alemanha. É a partir de seus cinquenta anos quando começa suas obras narrativas, a que pertence, entre muitas outras, o romance 'Effi Briest' (1894/95). Sua vida e obra são um constante devaneio entre o rigor protestante e um desejo de liberdade incontrolável, entre a normalidade burguesa e a exceção poética, entre a aceitação e o protesto.²⁶

Notamos, nessa citação, a menção à carreira de Fontane, desde seu entusiasmo com a Revolução de 1848, o cargo que ocupou no Diário Oficial Prussiano, o período no qual foi crítico literário no *Vossische Zeitung* e até a escrita da maioria de suas narrativas na metade final de sua vida. Durante sua trajetória, Fontane oscilou entre ambientes ora liberais (*Vossische Zeitung*), ora conservadores (círculo literário *Tunnel über der Spree*). Por essa razão, faz-se necessário entender como algumas características da estrutura narrativa presente em suas obras revelam a corrente literária classificada como Realismo alemão, o que nos remete primeiro à configuração do que pode ser considerado como esse movimento literário, mesmo que em linhas mais gerais.

²⁶ Texto original: "Miembro del círculo literario conservador 'Tunnel über der Spree', obtuvo cierto éxito con baladas y canciones de Prusia. Tras su entusiasmo breve, pero intenso, a la revolución de 1848, ocupó un puesto de redactor en el diario oficial prusiano. A partir de 1859 trabajó para el periódico cristiano 'Kreuzzeitung', y de este período procede 'Wanderungen durch die Mark Brandenburg' [Paseos por la marca de Brandemburgo] (1866-1882), unos relatos anecdóticos con descripciones detalladas de este entorno prusiano. En 1870, y durante un periodo aproximado de veinte años, desempeña el cargo de crítico literario en el periódico liberal 'Vossische Zeitung', desde donde comenta la evolución literaria de Alemania. Es a partir de sus cincuenta años cuando comienza su obra narrativa, a la que pertenece, entre muchas otras, la novela 'Effi Briest' (1894/95). Su vida y obra son un constante devaneo entre el rigor protestante y un deseo de libertad incontrolable, entre la normalidad burguesa y la excepción poética, entre la aceptación y la protesta".

O Realismo alemão como movimento literário surgiu a partir da segunda metade do século XIX e suas características o colocavam em contraposição ao Romantismo, que surgiu nas últimas décadas do século XVIII. O movimento romântico tinha como características o subjetivismo, o individualismo, a idealização de uma mulher angelical, pura e perfeita, o amor puro e sublime, o herói de caráter íntegro, nobre e irrepreensível, personagens com ações e pensamentos previsíveis, e o casamento como resultado de um relacionamento amoroso.

O Realismo, por sua vez, tinha como características o objetivismo, o universalismo, a mulher com defeitos e qualidades, os sentimentos – inclusive o amor – subordinados aos interesses sociais, o herói problemático, com manias, fraquezas e incertezas, personagens com a psique trabalhada – podiam ser mentirosos, hipócritas ou cínicos –, e o casamento como uma instituição social falida, um contrato de interesses sociais. Nesse sentido, Rosa (2014, p. 5) esclarece que

[...] a revolução da literatura viveu mais um de seus movimentos pendulares característicos: com o auge das ciências experimentais e da sociologia e com essa nova estrutura social em que a aristocracia perdia espaço frente à classe média burguesa e surgia a nova classe proletária, a estética romântica se viu substituída pelo realismo: em lugar da subjetividade, passou a se valorizar a objetividade na descrição do mundo; frente ao transcendente e o fantástico, se impôs a descrição crua do ambiente mais terreno e imediato; perante o livre arbítrio e as ânsias pela liberdade, desenvolveu-se uma visão das ações humanas como determinadas por condições genéticas e sociais.²⁷

Entretanto o movimento realista, ao chegar ao II Reich, demonstrou algumas particularidades em comparação ao Realismo das demais localidades europeias. Ao passo que fora da Alemanha a crítica era dirigida ao sistema vigente na Europa, nesse país, *a priori*, o Realismo não tinha como objeto as mesmas críticas, assim, evitava-se abordar os grandes problemas sociais. No Império Alemão, o Realismo focava nas questões regionalistas e, dessa perspectiva, os espaços físicos adquiriram uma

²⁷ Texto original: “En ese contexto histórico, social y cultural, la evolución de la literatura vivió uno más de sus característicos movimientos pendulares: con el auge de las ciencias experimentales y de la sociología y con esa nueva estructura social en la que la aristocracia perdía espacio frente a la clase media burguesa y surgía la nueva clase proletaria, la estética romántica se vio sustituida por el Realismo: en lugar de subjetividad, pasó a valorarse la objetividad en la descripción del mundo; frente a lo trascendente y lo fantástico, se impuso la descripción cruda del entorno más terrenal e inmediato; y frente al libre albedrío y las ansias de libertad, se desarrolló una visión de las acciones humanas como determinadas por condicionantes genéticos y sociales”.

grande visibilidade nas narrativas. Zubiaurre na obra *El espacio en la novela realista: Paisajes, miniaturas, perspectivas*, defende que o espaço é “parte fundamental da estrutura narrativa, um elemento dinâmico e significativo que está intimamente relacionado com os demais componentes do texto” (ZUBIAURRE, s. p., 2000 apud BEJARANO CASTILLO, 2003, p. 353).²⁸

Fontane é um autor cuja produção tem características que tornam suas obras bastante singulares. Um aspecto significativo em seus romances é o hibridismo entre o estilo romanesco e o estilo realista, o que é apresentado em sua maturidade em *Effi Briest* (1894).

Na obra em tela, a forte presença do Realismo alemão se dá pela recorrência das marcas regionalistas. Ainda no diapasão da leitura de seu caráter regionalista, mais descritivo das paisagens e da vida cotidiana, Bonomo destaca o que considera ser a ausência da abordagem dos problemas sociais presentes na sociedade alemã do final do século XIX. A respeito da escrita de *Effi Briest* (1894), Bonomo (2018, p. 974) considera que a obra

[...] em resumo, relata o casamento de uma menina, Effi, com um oficial prussiano, Innstetten, atrapalhado por um episódio de adultério com desfecho ruim, é a sua filiação direta à *Madame Bovary* que põe em evidência já uma rotina tediosa e a parcimônia na excepcionalidade dos eventos. Ainda que seus personagens principais não sejam pequenos burgueses, pertençam antes à nobreza proprietária das terras e posições institucionais mais altas, o ambiente predominante em *Effi Briest* é o da pequena história, por assim dizer, da vida privada que aí se conduz e cruza com hábitos domésticos burgueses, por exemplo, no consumo de distrações romanescas. A História e os acontecimentos públicos relevantes, de fato, não deixam de circunscrever suas condições de vida nem deixam de ser mencionados, mesmo com frequência, em *Effi Briest*, mas não determinam essencialmente a ação romanesca. Innstetten, inclusive, participa do círculo íntimo de Bismarck, mas, quando está com Bismarck, o leitor fica em casa na companhia de Effi. (grifo do autor)

Em outras palavras, por um lado, o romance trata de questões da vida privada, e as referências à esfera pública e as contradições ou os embates decorrentes das transformações vividas por aquele estado no processo de consolidação da unificação passam ao largo do romance, aparecem como um cenário de fundo, mas distante, embaçado.

²⁸ Texto original: el espacio es “parte fundamental de la estructura narrativa, un elemento dinámico y significativo que se halla en estrecha relación con los demás componentes del texto”.

Por outro lado, não nos esqueçamos que Fontane não pertence apenas ao Realismo alemão; ele integra uma corrente no interior desse realismo, a tradição jacobina, que já mencionamos anteriormente, ou seja, tem a veia da crítica social, posiciona-se politicamente, expressa suas opiniões ao tecer a trama do romance. Essa perspectiva analítica revela um autor complexo, que se vale do hibridismo entre Romantismo e Realismo, caracterizado pelo imbricamento da vida privada com a vida pública. Tal tecitura vai revelando ao leitor como o momento histórico de construção do Estado liberal alemão impactou na vida cotidiana das pessoas.

Essa característica presente nas produções de Fontane fez com que ele, inicialmente, fosse classificado como um autor “menor” no âmbito da literatura alemã, como observamos anteriormente. Entretanto, essa mesma complexidade, mais recentemente, passou a ser reconhecida como um atributo virtuoso, elevando, assim, sua posição como escritor.

Então, diferente do que é comumente apresentado, a produção de Theodor Fontane, por suas características únicas e particularidades, constitui um conjunto literário complexo. Sua contribuição para a literatura alemã vai muito além de produções textuais; ele contribuiu tanto para a compreensão quanto para a crítica das transformações pelas quais a sociedade alemã estava passando durante a segunda metade do século XIX.

CAPÍTULO II – Contradições masculinas e femininas em *Effi Briest* (1894)

Neste segundo capítulo, analisamos, de forma mais aprofundada, a construção da protagonista que dá título à obra, a jovem Effi Briest. O resgate da narrativa sobre a personagem e o entendimento de sua postura diante da vida, assim como das pessoas com as quais se relaciona, possibilitaram-nos ter uma perspectiva do autor sobre aspectos sociais relativos à condição da mulher, à moral, aos costumes e aos valores de sua época. Essa visão expressa um constructo afeto àqueles tempos, dado que o autor foi, ele também, um protagonista naquele momento histórico.

Dado o objetivo do capítulo, restringimo-nos à análise das personagens femininas, a mãe de Effi, Louise, a amiga Hulda, a empregada Roswitha e a cantora Trippeli. Nesse sentido, buscamos praticar o que Peter Burke sugere na obra *História e teoria social*, ou seja, centrar a reflexão na compreensão da função e do papel social da mulher e do homem em seu tempo e lugar:

A ênfase dada pelas feministas à construção cultural do gênero, como a ênfase na construção cultural em geral, exerceu um impacto considerável sobre a prática histórica (Butler, 1990). Se diferenças entre homens e mulheres forem culturais, e não naturais, se ‘homem’ e ‘mulher’ forem papéis sociais, definidos e organizados de forma diversa em diferentes períodos, então os historiadores precisam explicitar o que quase sempre era deixado implícito na época, as regras ou convenções para ser mulher ou homem de determinada faixa etária ou grupo social em determinada região e período. Mais precisamente – visto que as regras às vezes eram contestadas –, os historiadores precisam descrever as ‘convenções dominantes sobre o gênero’ em relação à vestimenta, à linguagem etc. (FOX-GENOVESE, 1988 apud BURKE, 2012 [1992], p. 86)

O autor chama a atenção para o silenciamento historiográfico, notado somente após a década de 1960, quando a revista historiográfica denominada *Escola dos Annales* trouxe à tona a necessidade de os analistas voltarem a atenção para o cotidiano da vida, para os costumes, para a micro-história, entre outros aspectos.

No bojo dessa empreitada, pessoas comuns, com suas diferenças culturais, essas que se fazem presentes nos romances, passaram a ser reconhecidas como construtores da história. As diferenças entre homens e mulheres foram reconhecidas, não como naturais, conforme proposições que seguiam os cânones dos séculos anteriores, mas como históricas.

Convém destacar que, embora a Nova História e suas linhas sucedâneas, tenham avançado muito nesse sentido, hoje as reflexões chegaram a outro patamar, dado que se enfatizam as diferenças entre os gêneros humanos, não mais apenas entre homens e mulheres. Isso colocou, novamente, no topo das discussões, as diferenciações da natureza humana em sentido amplo, em detrimento das somente históricas, culturalmente construídas.

De maneira a organizarmos nossa exposição, primeiro, apresentamos a forma como as relações familiares são abordadas na obra de Fontane e situamos a mulher do século XIX. Como nosso intuito não é discutir questões de gênero, trazemos um panorama geral do contexto histórico, a fim de que seja possível compreender como o autor e sua obra expressam tais aspectos.

A seguir, discorreremos sobre as representações da honra e do duelo no romance analisado e como o autor demonstra esses elementos no confronto entre a exigência social e o afeto pessoal. Nessa direção, abordamos como a sociedade da época tratava as partes envolvidas em um adultério e as contradições decorrentes. Por fim, focamos no universo feminino de *Effi Briest* (1894), analisando como as mulheres do romance nos remetem à compreensão dos diferentes papéis a que eram destinadas e de sua condição naquela hierarquia social.

2.1 As relações familiares como construção de um cotidiano conservador

As relações familiares são um importante aspecto social. Por meio delas é possível perceber como eram estabelecidos os vínculos entre os componentes domésticos. A relação entre a mãe da protagonista, Luise von Briest, e sua filha, Effi, por exemplo, é marcante durante toda a obra.

Transparecem nos diálogos não apenas uma diferença de natureza geracional e, conseqüentemente, de mentalidade entre as personagens, mas também uma diferença entre a educação destinada à mãe e aquela destinada à filha. Logo nas primeiras páginas do romance, é possível notar a oposição entre as personagens:

Ambas, mãe e filha, trabalhavam com afinco na confecção de um tapete de altar feito de quadrados de crochê cosidos uns aos outros; [...] Rápida e certa, a agulha das damas ia e vinha, mas enquanto a mãe não tirava os olhos do trabalho, a filha, que se chamava Effi, de quando em quando deixava cair a agulha e se levantava a fim de executar, por meio das mais variadas flexões e alongamentos, uma

série completa de exercícios de ginástica medicinal e caseira. (FONTANE, 1895, p. 10-11)

Nesse excerto, fica evidente a diferença entre mãe e filha: ao passo que a primeira, ao fazer crochê, é “rápida e certa”, a segunda mostra-se dispersa, deixando a agulha cair “de quando em quando”. Effi é descrita como uma jovem cuja vivacidade e liberdade de movimentos, assim como sua vontade de ir e vir, sua beleza e delicadeza orgulham a mãe. A genitora, por sua vez, representa uma mulher que, apesar de ter uma vida acomodada entre a família e as atividades comuns a esposas que permaneciam a maior parte do tempo em suas residências, sentia inveja das potencialidades femininas expressas por Effi nos seus gestos livres e no seu gosto por atividades físicas. Essa relação é exposta quando o narrador retrata que a protagonista, durante a seção de crochê, levanta-se para fazer exercícios físicos, ou seja, não tem interesse em realizar uma atividade estática:

Embora acentuasse sua feição cômica, era evidente que se entregava com especial amor a esses exercícios; quando se punha de pé, erguendo lentamente os braços até juntar as palmas das mãos sobre a cabeça, a mãe também levantava os olhos do trabalho, mas de modo fugidio e dissimulado, para não demonstrar quanto achava encantadora sua própria filha, manifestação de orgulho materno, aliás, plenamente justificada. (FONTANE, 1895, p. 11)

As vestimentas da filha também denotam sua juventude e sua rebeldia em relação ao fato de ainda ser tratada como criança. Suas roupas, escolhidas por Luise, levavam-na a reclamar: “E, além do mais, por que me faz usar um vestido desses, essa bata de menino? Chego a pensar que ainda me fará voltar a usar vestidos curtos” (FONTANE, 1895, p. 11). Fontane, após revelar a aparência externa de Effi, destaca suas características de temperamento: inteligente, vivaz e petulante, atributos que a mãe admirava:

Effi trajava um vestido listrado azul e branco, uma espécie de bata, ao qual apenas o cinto de couro cor de bronze bem apertado delineava a cintura; tinha o pescoço descoberto, e uma larga gola de marinheiro lhe caía sobre os ombros e a nuca. Em tudo que fazia havia um misto de graça e petulância, seus risonhos olhos castanhos traíam uma grande inteligência natural, muita vontade de viver e uma profunda bondade. (FONTANE, 1895, p. 11)

Trata-se, assim, de uma verdadeira valquíria, bem aos moldes do que se almejava entre aquela parcela da sociedade, composta pela nobreza rural prussiana, em que o padrão de mulher acomodada, submissa e com modos refinados, tão ao gosto de famílias de outros países europeus, não parecia ter vez.

Apenas para esclarecer, a associação de Effi com uma valquíria se completa com outra referência apresentada mais adiante no romance, quando o autor destaca que, em sua viagem de núpcias, Effi tinha a mente centrada nos principais tesouros artísticos do Walhalla, templo construído na região em 1808. Ora, as valquírias eram as virgens que, segundo a mitologia escandinava, como filhas e mensageiras de Odin, deus da guerra, tinham a missão de escolher os heróis ou os mais fortes combatentes mortos para levá-los a Walhalla (paraíso de Odin). No terceiro capítulo, exploramos mais detidamente essa questão.

Ainda nas primeiras páginas do romance, outra passagem vai ao encontro dessa percepção, nela a mãe de Effi diz: “– Effi, você tem tudo para se tornar uma amazona de circo. Sempre no trapézio, sempre uma filha do ar. Acho que você gostaria disso” (FONTANE, 1895, p. 11). Ao afirmar que a filha “tem tudo para se tornar uma amazona de circo”, Luise von Briest demonstra a diferença entre ela e a filha. A resposta da protagonista é ainda mais reveladora: “– Talvez, mamãe. Mas, se fosse assim, de quem seria a culpa? A quem eu saí? Só pode ser a você. Ou pensa que foi ao papai? Você mesma acharia essa ideia ridícula” (FONTANE, 1895, p. 11).

Esse trecho marca o distanciamento entre a educação de uma jovem pertencente à nobreza prussiana e a educação de jovens de outras partes da Europa da época. Embora a mãe soubesse que a filha deveria cumprir um papel semelhante ao seu, na qualidade de esposa, dedicando-se ao crochê, preocupada com a postura e com as vestimentas, a crítica ao comportamento mais ativo da filha soou ridículo a Effi. Esta, então, retrucou, reafirmando a condição de altivez que lhe fora atribuída: ou a mãe estaria se referindo àquele comportamento como decorrente da semelhança com o pai, o que a afastaria da sua referência feminina e a aproximaria de seu genitor, ou ela, de fato, era parecida com a mãe.

A protagonista casou-se ainda muito jovem, aos 18 anos. A diferença de idade entre Effi e o marido era considerável, 20 anos. No início da obra, notamos que, em inúmeras situações, ela ainda é tratada como criança, além disso, em virtude da

educação recebida, há uma grande diferença entre Effi e o marido em questão de gostos.

A divergência entre ambos é externada pelo pai da protagonista: “Innstetten é um sujeito excelente, mas um tanto maníaco pela arte, e Effi, por Deus, nossa pobre Effi é uma filha da natureza” (FONTANE, 1895, p. 54). Ao se referir a sua descendente como “filha da natureza”, apontando para a diferença entre marido e esposa, von Briest reconhece as dificuldades que a filha poderia encontrar no casamento com o conselheiro provincial.

Moraes (2009), em sua reflexão sobre a submissão feminina no século XIX, refere-se à educação de Effi, comparando-a com a de Emma, protagonista do romance *Madame Bovary* (1856). A estudiosa observa que a educação da protagonista de Fontane foi atípica em relação a de outras mulheres de seu tempo; Effi foi criada livremente, frequentou a pequena escola próxima a sua casa, conviveu com outras jovens que pertenciam à “classe média”, diferentemente de Emma Bovary, que, para ser educada, precisou se afastar de sua família.

Contudo, diferente do que é destacado por Moraes (2009), entendemos que a educação de Effi não tinha uma “falha”; trata-se, antes, de Effi ser fruto das transformações sociais que ocorriam naquela sociedade. Conforme destaca a autora, a jovem Effi não teria recebido a mesma educação dirigida às mulheres do século XIX, uma vez que fora educada

[...] livremente no convívio com os pais (o pai a chama de ‘filha da natureza’), Effi não recebeu a educação normalmente propiciada às mulheres da aristocracia rural alemã, semelhante àquela das outras mulheres da nobreza. Ela não se afastou de casa para estudar, como aconteceu a Emma; seus estudos foram feitos na pequena escola próxima de sua residência, convivendo com jovens da classe média, a que pertencem suas três melhores amigas: Hulda, filha do pastor, e as gêmeas Bertha e Hertha, filhas do organista da igreja. Na verdade, Effi não recebeu o tipo de educação facultada às mulheres do século dezenove, ou seja, a aquisição de cultura que possibilitasse à mulher distrair e alegrar o marido. Quando se casa, essa ‘falha’ em sua educação é motivo de grande surpresa para aquele que a desposa. (MORAES, 2009, p. 90)

A educação destinada às mulheres é um elemento que merece ser compreendido. Segundo Gusmão (2012), a educação destinada aos homens e às mulheres é um importante ponto de diferenciação, pois até o século XVIII, a

escolarização e o letramento eram reservados apenas aos meninos, uma vez que eram considerados incompatíveis com a “identidade feminina”:

Até o século XVIII as famílias reservavam a escolarização e o letramento aos meninos, por serem tais atributos considerados incompatíveis com a ‘identidade feminina’, afirmada a partir do distanciamento em relação à alfabetização, leitura, produção de textos, profissionalização e participação na vida pública. (GUSMÃO, 2012, p. 269-270)

De maneira geral, no Império Alemão, homens e mulheres “eram educados separadamente e de uma maneira diferente. As mulheres eram proibidas de frequentar a universidade, de modo que não podiam ingressar nas profissões liberais” (KITCHEN, 2013, p. 207). A profissionalização, a vida pública e a produção de textos eram vistas como deveres masculinos; os deveres femininos se restringiam ao campo privado, como o cuidado com a casa e com os filhos. Em movimento contrário, ainda no século XIX, a maior difusão de informações por parte de

[...] de escolas, jornais e literatura destinados ao público feminino parece representar um momento importante na redefinição do repertório cultural ‘apropriado’ às mulheres. O movimento foi acompanhado com muita atenção por alguns segmentos conservadores da sociedade que, embora negassem a igualdade de direitos de homens e mulheres, defendiam a extensão a estas últimas do letramento, do domínio de línguas estrangeiras, de habilidades de conversação e desenvoltura social, a fim de que pudessem cumprir bem as funções de mãe e esposa nas sociedades urbanas. (GUSMÃO, 2012, p. 269-270)

O século XIX testemunhou muitas mudanças que marcaram a sociedade da época, especialmente em relação à condição da mulher, que vai se transformando lentamente, fruto das lutas do movimento feminista, sendo o movimento sufragista o de maior destaque. Em decorrência desses fatores, esse período trouxe significativa mudança em relação à educação destinada às mulheres:

Na Alemanha, a condição feminina tornara-se um tema central das discussões tanto filosóficas como psicológicas e sociais, coexistindo nesta época modelos de feminilidade dos mais retrógrados (como o de Schopenhauer) aos mais progressistas (como o de Bebel, de quem se conhece a opinião clarividente de que as mulheres e o proletariado confluíam no facto de serem explorados). Também na Alemanha se formara gradualmente um forte movimento feminista, com características específicas, nomeadamente na sua distinção entre uma orientação burguesa, preocupada com questões do direito das

mulheres ao ensino e ao exercício de uma profissão, enquanto a outra via se preocupava em melhorar a situação da operária e se regia por ideais socialistas. (OLIVEIRA, 2020, p. 55)

Conforme Oliveira (2020) explana, as transformações sociais relativas à condição da mulher também se tornaram um tema de debate na sociedade do II Reich, na qual as partes divergentes estavam se contrapondo. Desse modo, os modelos de feminilidade mais retrógrados e os mais progressistas estavam constantemente em confronto.

Effi, além de não ter recebido a educação típica das mulheres da aristocracia prussiana de sua época, teria herdado o temperamento de seu pai. Em um diálogo com a filha, o pai questiona se ela estava fazendo passeios ao ar livre. Ao se deparar com a resposta negativa da filha, von Briest diz: “– Mas, minha filha, você precisa de movimento e ar fresco, está tão acostumada a isso” (FONTANE, 1895, p. 165). O progenitor reconhecia, assim, as características essenciais da personagem como a paixão e o amor pelo ar livre. Em outro trecho, é possível notar que a protagonista tentava seguir os ensinamentos maternos:

[...] Effi tentar seguir o comportamento materno. De temperamento apaixonado, recebeu do pai as influências mais marcantes: a espontaneidade, o amor à natureza, à liberdade e a pouca atenção às convenções sociais. Esse contraste entre a liberdade paterna e as restrições sociais ensinadas pela mãe não chegava a criar um conflito na personalidade de Effi. Os ensinamentos maternos mantinham-se, ainda, apenas em seus aspectos teóricos, distantes da realidade feliz de que estava cercada. (MORAES, 2009, p. 94)

Como a mulher era destinada ao campo privado (NOVAES, 2015), a responsabilidade em relação à imagem pública da família, à preservação dos costumes, dos valores e da moral recaíam sobre ela. Em *Effi Briest* (1894), a função familiar da protagonista fica muito clara: ao passo que Innstetten estava sempre ausente do ambiente familiar, ocupado com viagens políticas, campanhas eleitorais e encontros importantes, Effi ficava sozinha em casa:

Mas onde estava Innstetten? Tudo em torno era silencioso, não havia ninguém. Ouvia apenas o tic-tac do pequeno relógio de pêndulo e, de vez em quando, um surdo na estufa, e deduziu que, do vestibulo, introduzira nela novas achas de lenha. (FONTANE, 1895, p. 73)

Para a análise de *Effi Briest* (1894), é importante ressaltar, como já pontuamos, que à mulher era destinada “[...] a supervisão da casa e a preservação da imagem pública da família sob a responsabilidade direta de uma mulher ativa, bem-preparada, capaz de se apresentar de modo civilizado (à europeia) [...]” (GUSMÃO, 2012, p. 273). Nesse sentido, entendemos que a educação feminina é um ponto relevante, pois, por meio dela, podemos vislumbrar o peso de um adultério, este, muito mais devastador para a mulher do que para o homem, tanto que, em *Effi Briest* (1894), a vida e a imagem da protagonista são completamente destruídas; Effi, levada pela tristeza e pelo arrependimento acaba por morrer.

Após a revelação de seu adultério, a protagonista viu seu casamento acabar e o mundo que conhecera se fechar para ela. Sua mãe lhe nega o direito de retornar à sua antiga casa, pois ela traria consigo a marca do adultério, conseqüentemente, mancharia a reputação dos Briest, fazendo com que a família fosse isolada do convívio social. A carta que Effi recebeu da mãe comunicando-lhe as conseqüências de seus atos é muito significativa nesse sentido:

[...] e agora sobre seu futuro, minha querida Effi. Você terá de cuidar de si mesma, e pode estar segura de nosso apoio no que se refere a meios materiais. O melhor será viver em Berlim (numa cidade grande essas coisas se dissipam mais facilmente), e lá você será mais uma das muitas pessoas que se privaram do ar livre e do sol claro. Viverá sozinha, e se não quiser fazê-lo, provavelmente terá de buscar uma esfera inferior àquela que foi sua. O mundo em que viveu estará fechado para você. E o mais triste para nós e para você (também para você, se é que conhecemos tanto quanto pensamos) é que mesmo a casa paterna lhe estará fechada. Não podemos lhe oferecer um lugar tranquilo em Hohen-Cremmen, nenhum refúgio em nosso lar, pois isso significaria isolar esta casa do mundo, e não temos nenhuma inclinação a fazê-lo [...] (FONTANE, 1895, p. 346)

Para os padrões da época, à mulher adúltera era negado amparo financeiro, o que não é o caso da protagonista, porém ela se vê impossibilitada de retornar ao seu antigo lar. A mancha do adultério coloca Luise em um dilema: ela se vê obrigada a escolher entre o isolamento familiar da filha e o isolamento social da família. A posição social fica clara na referência sutil do autor a Hohen-Cremmen:

A jovem Effi cresce em Hohen-Cremmen, um solar pertencente ao marquesado de Brandemburgo. Ela pertence à nobreza do leste do Elba, aos grandes latifundiários que compunham a classe social mais elevada da Prússia durante o Império Alemão, mas cuja posição

econômica já havia se tornado precária. O *Kaiserreich* era, com efeito, uma nação industrial com a dinâmica econômica correspondente, e que marginalizava cada vez mais a classe dos donos da terra. (KÜPPER, 2015 [2008], p. 201, grifo do autor)

Ao passo que Küpper (2015 [2008]) situa a sede da herdade dos Briest em Brandemburgo, referindo-se ao castelo da família como se tivesse existido de fato, Bade, em seu livro, *Fontane's Landscapes*, refere-se ao local como imaginário, mas cujo cenário se aproxima de uma pequena vila denominada Nennhausen, situada em Haveland, da região de Brandemburgo (Figura 1).

Figura 1 – Schloss Nennhausen (Castelo de Nennhausen)



Fonte: BADE (2009, p. 104).

Voltando à carta de Louise à filha, há nela o reforço à posição social, uma posição só conferida à nobreza ou às pessoas de posses, consideradas também “pessoas de bem”, ou “bens”:

Não porque damos demasiada importância ao mundo e porque uma despedida daquilo que se chama ‘sociedade’ nos parecesse absolutamente insuportável; não, por isso *não*, mas apenas porque gostamos de pôr cartas na mesa e queremos proferir diante de todo mundo – não posso poupá-la da palavra – nossa condenação de seu ato, do ato de nossa única e tão amada filha. (FONTANE, 1895, p. 346)

A mãe condena o ato da filha, não porque ela se importe muito com o que as pessoas dirão ou porque ficarão isolados da sociedade, mas por um princípio moral. O adultério, mesmo entre a pequena nobreza, caso da família de Effi, não é admitido para a mulher. Na carta, a mãe da protagonista é clara: a filha está sozinha, entregue à própria sorte, e deverá seguir vivendo em Berlim, cidade cosmopolita onde ela estará incógnita, “mais uma das muitas pessoas que se privaram do ar livre e do sol claro”.

A escolha por Berlim deu-se porque, no século XIX, a cidade já era cosmopolita, lugar de grande crescimento econômico e financeiro, onde a burguesia prosperava e, consequentemente, consolidava seus valores, novos para aquela sociedade. Era uma cidade que, desde o início do século XIX, vinha sendo modernizada por arquitetos renomados, como Friedrich Schinkel, chefe do departamento de obras do Estado prussiano e considerado o Goethe da arquitetura alemã. Sua arquitetura expressava, segundo Albuquerque (2007), o verdadeiro da arte germânica. Teve como mentor intelectual o ministro Wilhelm von Humboldt, para o qual “[...] o estudo da cultura e da arquitetura grega foi de importância essencial para assegurar os limites do Estado sobre o indivíduo”.²⁹

Em 1871, Berlim havia se tornado a capital do Império Alemão, momento em que, liderada por Otto von Bismarck, a Prússia liderava a unificação alemã, após ganhar as guerras contra a Áustria e a França. Apenas em 1881 a cidade foi separada da provincial de Brandemburgo. Então, para Louise, a modernidade só poderia representar um espaço em que sua filha perderia todas as referências tradicionais que lhe garantiam *status* social.

Ali, no anonimato, Effi teria de buscar uma “esfera inferior”, ou seja, teria de viver sem as mordomias ou o luxo que lhe eram proporcionados pela família de origem e, depois, pelo marido. Como é possível observar, na carta, a mãe de Effi põe em dúvida até mesmo se conhece, de verdade, a filha, o que nos remete à uma percepção mais clara do impacto causado pelo adultério, não apenas para a mulher, mas também para sua família.

A forma pela qual Theodor Fontane escolheu escrever *Effi Briest* (1894) pode revelar muito sobre sua visão acerca do tema central da obra, o adultério. O fato de ele ter escrito o romance a partir da perspectiva feminina pode ser entendido como

²⁹ Texto original: “[...] el estudio de la cultura y arquitectura griegas era de esencial importancia para asegurar los límites del Estado sobre el individuo”.

uma crítica ao modo como a sociedade tratava as mulheres que cometiam adultério. Nessa direção, Moraes (2009, p. 103-104) afirma:

A transformação de Effi após o envolvimento com Crampas é inclusive percebida pelo marido: *como tu estás bonita! Um pouco pálida e um pouco mudada, mas fica-te bem. Tinhas qualquer coisa de criança mimada, e de repente pareces uma mulher*. Esse amadurecimento psicológico, que se irradia e transparece fisicamente, surge como o elemento diferenciador em relação a outros romances de adultério (Anna Kariênina, Madame Bovary e O primo Basílio, por exemplo). Enquanto estes colocam o adultério como uma queda irreversível, Fontane proporciona a suas protagonistas o mesmo direito dos homens de falir e continuar a viver; ele lhes propicia a liberdade sexual que somente seria possível um século mais tarde. E se Effi não logra conduzir sua vida rumo à felicidade [...], em nenhum momento o autor a coloca como culpada, mas sim como vítima da sociedade, de seus códigos de honra, que afetam não só as mulheres, mas também os homens, educados para punir, para se submeter aos ditames de uma sociedade eivada de regras meramente exteriores. (grifo da autora)

Outro elemento de relevância na obra é, como apontado por Moraes (2009), o amadurecimento psicológico de Effi após seu envolvimento com o major Crampas, fato percebido até mesmo por seu marido, Innstetten, ao destacar a beleza e a transformação da esposa de uma “criança mimada” em “mulher”. A autora também destaca a diferença em relação ao tratamento destinado a outras personagens adúlteras, como as protagonistas de *Anna Kariênina* (1877), *Madame Bovary* (1856) e *O primo Basílio* (1878); ao passo que nestas obras o adultério é uma marca insolúvel, em *Effi Briest* (1894), Fontane propicia à sua protagonista o direito de falir moralmente.

Theodor Fontane critica, então, a condenação da mulher adúltera pela sociedade, que não impõe ao homem o mesmo peso. Conforme bem observou Moraes (2009), Fontane permite que suas personagens – tanto homens quanto mulheres – cometam erros, redimam-se e tenham liberdade sexual. O fato de o autor apresentar a protagonista como vítima dos códigos de honra e dos valores vigentes na sociedade, isentando-a de culpa, faz com que o crítico Pablo Serrano veja nisso certa simpatia de Fontane para com o feminismo, pois, segundo ele, mesmo que Effi não tenha se reconduzido à felicidade, o autor não a coloca como culpada, mas sim como vítima de seu infortúnio:

O crítico Pablo Serrano [...] vê a história de *Effi Briest* como uma manifestação do feminismo de Theodor Fontane, sendo este um dos aspectos mais interessantes do romance, segundo ele. Afirmar ainda ter a tragédia de Effi sua essência determinada pela ‘condição feminina’ que, ‘interessadamente cultivada e mantida pelo mundo masculino para seu próprio benefício, acaba por propiciar um efeito bumerangue contra os mesmos homens’. O próprio Innstetten é a prova viva dessa assertiva. Após a condenação impingida a Effi e a morte do rival em duelo, revela ter consciência da comédia social com que pactua e da qual gostaria de fugir em busca da paz interior e da felicidade que permitiu esvair-se em suas mãos de executor implacável, cego às verdades maiores do indivíduo [...]. (MORAES, 2009, p. 103-104, grifo da autora)

No entanto, o tratamento dado à protagonista pode indicar que havia nuances em relação ao que era destinado às mulheres adúlteras de diferentes grupos sociais. O comum para a época era que essas mulheres não recebessem suporte financeiro, porém não é isso que ocorre com Effi, visto que ela recebeu de sua família o apoio financeiro necessário para viver em Berlim, como já destacamos.

A causa para essa diferenciação em relação ao tratamento dado à protagonista seria justamente o *status* social de sua família, como é possível observar nas primeiras linhas de *Effi Briest* (1894): “Diante da mansão de Hohen-Cremmen, habitada pela família Briest desde a época do príncipe-eleitor Georg Wilhelm, [...]” (FONTANE, 1895, p. 9). Na primeira nota de rodapé do livro, há a explicação de que Georg Wilhelm (1595-1640) foi um príncipe eleitor de Brandemburgo de 1620 a 1640.

Essa passagem, logo de início, indica que a família Briest tinha grande prestígio na sociedade que compunha o II Reich. Assim, talvez mais do que uma posição feminista de Fontane, conforme afirma Moraes (2009), essas passagens do romance parecem expressar a superioridade dada pela condição nobiliárquica da família, como foi destacado por Küpper (2015 [2008]), e já citado anteriormente, em referência à posição social da jovem Effi. Ela, apesar de integrar o grupo dos grandes latifundiários, a classe mais nobre da Prússia, estava em uma situação de precariedade econômica.

Em que pese a precarização dos nobres rurais, os *junkers*, conforme avança a modernidade decorrente da ascensão da burguesia, Louise ainda pode colocar-se na posição de superioridade que sua fala denota, pois, como analisa um contraponto e contemporâneo de Fontane, Friedrich Engels, a unificação alemã, conduzida

[...] politicamente pelos junkers prussianos, cujo representante típico é Bismarck, [...] permitiu a ascensão econômica da burguesia industrial e

a criação de um Estado burguês baseado num regime sincrético, onde os elementos liberal-representativos conviviam com elementos autocráticos de corte absolutista feudal, como o poder político do imperador e a supremacia jurídica dos nobres junkers nos distritos rurais, que contavam ainda com forte presença na burocracia e, em especial, no Exército. No topo deste sistema, o bonapartismo bismarckiano. (MACIEL, 2013, p. 17)

O romance de Theodor Fontane conta muito mais do que a trágica história de uma impetuosa jovem; ele reproduz, embora com nuances em relação ao tratamento dispensado conforme a classe social, a punição à mulher que não cumprisse o papel para o qual havia sido designada. Nessa direção, podemos entender que, uma das mais importantes funções sociais que a mulher deveria desempenhar naquele momento histórico era cuidar do campo privado, dos valores e dos costumes e, mais importante, da honra da família.

2.2 A importância da honra na sociedade da época

Em virtude da centralidade do adultério na obra de Fontane e da crítica à sociedade alemã do final do século XIX, a honra assume papel central no entendimento do enredo de *Effi Briest* (1894). Assim, para assimilar as decisões tomadas pelas personagens e as consequências delas advindas, é necessário compreender a importância da honra para a sociedade alemã, herdada de uma antiga tradição militar prussiana.

Para iniciarmos nossas reflexões sobre essa temática, apresentamos a explicação de Innstetten a Wüllersdorf a respeito do motivo pelo qual ele chamou o antigo amigo. Na fala, bastante significativa, Geert explica:

- Foi por dois motivos – começou – que mandei chamá-lo: o primeiro é para ser portador do desafio para um duelo, e o segundo é para que seja meu padrinho na ocasião; o primeiro não é agradável, e o segundo ainda menos. Espero sua resposta.
- O senhor sabe, Innstetten, que estou ao seu dispor. Mas, antes de me informar sobre o assunto, permita-me a pergunta ingênua: é inevitável? Já passamos da idade, o senhor, de empunhar a pistola, e eu, de participar da coisa. Não me entenda mal, Innstetten, tudo isso não significa um 'não'. Como poderia recusar-lhe o que quer que fosse? Mas, então, diga-me do que se trata.
- Trata-se de um amante de minha mulher, que ao mesmo tempo era meu amigo ou quase isso. (FONTANE, 1895, p. 317)

Não se tratava apenas de uma pressão social qualquer, difusa, destinada a ser reproduzida nos cochichos dos salões, nos passeios da tarde; tratava-se da condição de militar de Innstetten. A honra era um elemento central no que se referia à condição do homem, em particular, quando ameaçada pelo adultério da esposa. Em seguida, a fala de Innstetten, ao justificar o duelo para Wüllersdorf, é reveladora:

– Porque, apesar de tudo, é preciso. Repassei tudo de ponta a ponta. Não somos apenas uma pessoa isolada, pertencemos a um todo, e temos sempre de levar o todo em consideração, somos inteiramente dependentes dele. Se fosse possível viver em solidão, eu poderia deixar a coisa passar em branco; carregaria o fardo que me foi posto às costas, a verdadeira felicidade teria acabado, mas tantos têm de viver sem essa ‘verdadeira felicidade’, e eu também teria e [...] também poderia. Não precisamos ser felizes, não é de maneira nenhuma um direito nosso, e não temos necessariamente de riscar da face da Terra aquele que nos roubou a felicidade. Podemos também, quando nos dispomos a existir de costas para o mundo, deixá-lo ir. Mas em convivência com as pessoas surgiu algo que agora está aí e por cujos parágrafos nos acostumamos a julgar tudo, aos outros e a nós mesmos. E não é possível ir de encontro a isso; a sociedade nos desprezaria, e por fim nós mesmos também nos desprezaríamos, e não suportaríamos mais, e meteríamos uma bala na cabeça. Perdoe-me por fazer-lhe uma preleção como esta, que no fim das contas apenas diz o que todos já se disseram cem vezes a si mesmos. Mas, afinal, quem é que pode mesmo dizer algo de novo? Insisto, portanto: nada de ódio ou coisa parecida, eu não sujaria as mãos de sangue apenas por conta de uma felicidade que me foi tirada, mas aquele algo social que, se o senhor quiser dizer assim, nos tiraniza, não quer saber de encanto, nem de amor e nem de prescrição da pena. Não tenho escolha. Tenho de fazê-lo. (FONTANE, 1895, p. 319)

Innstetten não demonstra estar inteiramente decidido se deveria ou não fazer o duelo. Ele tinha dúvidas em relação à situação e aos seus sentimentos, chegando a afirmar que ainda amava a esposa e que estaria inclinado a perdôá-la por estar enfeitiçado pela graça de seu encanto, conforme explicitado na passagem a seguir:

Innstetten questiona Wüllersdorf para saber o que pensa a respeito da situação após ele ler as cartas endereçadas a sua mulher.

– Innstetten, sua situação é terrível, e sua felicidade acabou. Mas, se o senhor matar o sedutor, sua felicidade estará, por assim dizer, duplamente acabada, e à dor pelo mal que irá causar. Tudo gira em torno da questão: o senhor tem mesmo de fazer isso? Sente-se assim tão ferido, ofendido, indignado, a ponto de alguém ter de morrer, ou ele ou o senhor? É assim mesmo?

Após dizer que não sabe Innstetten explica seu lado.

– Acontece que estou infinitamente infeliz; fui ultrajado enganado de maneira vergonhosa, mas apesar disso não tenho nenhum sentimento de ódio ou sede de vingança. E, quando me pergunto por que não, não encontro outra resposta que não os anos. Fala-se sempre em culpa inextinguível; diante de Deus isso certamente é falso, mas diante dos homens também. Jamais teria acreditado que o *tempo*, só por ser tempo, pudesse ter esse poder. E há um segundo ponto: amo minha mulher, sim, é estranho dizê-lo, ainda a amo; e, por mais terrível que me pareça tudo o que aconteceu, estou tão enfeitiçado pela graça dela, por um encanto alegre que é só dela, que, a despeito de mim mesmo, sinto-me inclinado a perdoá-la no mais fundo do meu coração. (FONTANE, 1895, p. 318-319)

Innstetten, ao explicar a Wüllersdorf o motivo pelo qual ele o chamou, afirmou estar “infinitamente infeliz”, pois fora traído por alguém que era seu amigo e pela esposa, que ele amava. Aqui se trata da expressão do sentimento após a descoberta do adultério. Geert afirma que até poderia perdoar sua esposa se vivesse isolado, porém não se pode desconsiderar o todo e “somos inteiramente dependentes dele”. Em virtude da convivência e da prática de “julgar tudo, aos outros e a nós mesmos” ele não podia deixar aquilo passar; caso contrário, nas palavras do próprio barão, “a sociedade nos desprezaria. Por fim nós mesmos também nos despreziaríamos, não suportaríamos mais, e meteríamos uma bala na cabeça”. O conselheiro provincial ainda jura não agir por ódio, mas por “aquele algo social” que “nos tiraniza”, completa ele.

No discurso em destaque, Innstetten está se referindo à pressão social que recairia sobre ele ao aceitar o adultério, o que envolveria perdoar sua esposa e não desafiar Crampas ao duelo. Ações que implicariam a perda da sua condição social de pessoa; o barão passaria a ser visto com desprezo pela sociedade, fato que não suportaria e poderia acabar levando-o ao suicídio, conforme o próprio Geert afirma em sua fala constante na página 320 do romance, apresentada anteriormente.

Wüllersdorf, que havia sido superior de Innstetten no exército, permanece com dúvidas a respeito de se deve aceitar ou não ser padrinho no duelo contra o major Crampas. Assim, barão explica ao seu antigo superior o motivo pelo qual o duelo é necessário:

– O senhor decide, Wüllersdorf. São agora dez horas. Há seis horas ... faço-lhe esta concessão prévia... eu ainda tinha o jogo nas mãos, eu ainda poderia me decidir por uma ou outra alternativa, ainda havia escapatória. Agora não há mais, estou num beco sem saída. O senhor

pode até dizer que a culpa é minha; eu deveria me dominar melhor e me vigiar, esconder tudo em meu íntimo, combater tudo em meu coração. Mas tudo me aconteceu muito de repente, com demasiada força, e assim não posso me acusar por não ter sido capaz de manter meus nervos em ordem. Eu fui à sua casa e lhe deixei um bilhete, e aí o jogo escapou-me das mãos. Desde aquele instante minha infelicidade e, o que pesa ainda mais, a mancha em minha honra, passou a ter um meio confidente, e, depois das primeiras palavras que trocamos aqui, um confidente inteiro. E, por existir este confidente, não posso mais voltar atrás. (FONTANE, 1895, p. 320)

O fato de ele ter sido dominado pela surpresa e com o ímpeto da irracionalidade, sem ponderar as consequências, fez com que ele confidenciasse a outra pessoa o que acabara de descobrir. Então, ao contar a seu antigo superior o ocorrido entre Effi e o major Crampas, o barão tornou Wüllersdorf seu confidente. Em razão disso, não havia como retroceder na sua decisão, o duelo deveria ocorrer. Se ele tivesse guardado segredo, poderia pensar melhor e, talvez, até mesmo perdoar, mas agora não. Com uma pessoa sabendo, o fato tornara-se público, e ele mesmo, como indivíduo, ficaria submetido à pressão social.

Contudo, a infelicidade descrita por Geert não é decorrência apenas da traição de Effi, trata-se também das implicações que tal fato teria sobre ele, ou seja, a dignidade de Innstetten havia sido atingida. Isso atentava contra sua fama e estima, e, mais do que isso, ele havia sido injuriado³⁰. Sentia que sua pessoa pública, militar, assessor de ministro, sofrera um ataque. A resposta a isso, naquela sociedade militarizada, como era a alemã-prussiana, deveria ser dada pelo duelo:

[...] o duelo para o qual o marido de Effi desafia Crampas, o antigo amante da protagonista, é motivado por um ambiente social diverso. Não obstante, os duelos por honra eram ainda uma realidade na Prússia-Alemanha da época. O Realismo em certa medida cindido da ficção alemã do final do século XIX parece então ter sido fundado sobre uma base dupla: os autores tendiam mais a ‘poetizar’ realidades grosseiras rumo a uma elevação simbólica e semilírica, mas talvez estas mesmas realidades fossem mais tradicionais e mesmo, de certa forma, mais idílicas do que as das culturas da Europa Ocidental, já completamente modernizadas. (KÜPPER, 2015 [2008], p. 200)

³⁰ “A ação ou expressão (art. 208) que fere a dignidade de uma pessoa, prejudicando sua fama ou sua própria estima”. Texto original: “Es injuria la acción o expresión (art. 208) que lesiona la dignidad de una persona, menoscabando su fama o atentado contra su propia estimación” (GARCÍA VÍQUEZ, 2017, p. 293).

Innstetten, ao afirmar que a “culpa inextinguível” é falsa tanto diante de Deus quanto diante dos homens, expressa certa complacência para com Deus, única situação na obra em que demonstra sua crença, em contraposição a outros momentos. Por exemplo, Effi relatava ao marido o medo do fantasma chinês que ela dizia assombrar a moradia do casal. Por várias vezes, o barão lhe disse que ela deveria parar de se preocupar e que tais assombrações, como fantasmas, não existiam. Nessa direção, Bonomo (2018, p. 979) deduz que os

[...] fantasmas atuam, desse modo, no mesmo conflito que encaminha o adultério entre o desejo de algo extraordinário e a constante insipidez no cotidiano. Fontane refere-se à assombração na residência em Kessin como um ‘ponto de inflexão’ no romance. Mas os fantasmas não respondem apenas por sublinhar um momento importante do texto. Eles trazem igualmente, como diz Effi, *was Unheimliches*, isto é, algo de estranho ou sinistro, que não pertence à atmosfera caseira, em Kessin. (grifo do autor)

No entanto, mesmo evocando Deus para se referir aos sentimentos, Geert assume, na fala da página 319, que apresentamos anteriormente, assim como em todos os demais momentos do romance, uma postura racional em relação às emoções. Concluímos, dessa forma, que Innstetten, apesar de expressar crença na existência de Deus, é um indivíduo cético.

O dilema é exposto, tanto no contraponto entre razão e emoção – afinal ele ainda a ama – quanto na subordinação de sua decisão ante a opinião pública composta por seus pares. Ao fim e ao cabo, sucumbe e convida seu amigo para ser seu padrinho no duelo contra o major Crampas, ex-amante de sua mulher.

Wüllersdorf questiona Innstetten se será mesmo necessário o duelo, pois a ofensa ocorrera há tempos, seis anos antes, e estava preocupado com seu amigo. Na visão do antigo superior, ambos já não tinham mais idade para duelar. Contudo, Innstetten insiste em realizar o duelo, apesar de sua inclinação para perdoar Effi. No fim, o duelo ocorre, o que provoca a morte de Crampas.

Ter sido enganado ferira sua honra e essa deveria ser restaurada, mesmo porque, “Innstetten representa o rigor da sociedade prussiana da época e, apesar de perdoar a esposa, obedece [...] à hipocrisia social, mascarando os sentimentos de humanidade e compreensão da fraqueza do outro em nome de uma falsa moral [...]” (MORAES, 2009, p. 104). Assim, com a vitória no duelo, a honra de Innstetten é

restaurada, Crampas é punido por sua conduta, e Effi, condenada ao ostracismo, como decorrência de sua falência moral.

Nesse contexto em particular, antes de ser masculina e feminina, como está posta na situação em específico, a honra tem a ver com um valor objetivo naquela sociedade e no caso prussiano, pois está inscrita no código do Direito do século XVIII. O adultério, então, não interfere apenas na visão da sociedade em relação à mulher que cometeu o ato, mas também no olhar da comunidade em relação ao homem traído. O homem pode ser desprezado e ter sua prole deslegitimada, razões pelas quais o adultério feminino fere tanto a honra masculina.

Teoricamente, “honra é um conceito relacional e coletivo: é atribuído a uma totalidade que circunscreve ‘pessoas’ frente a outras totalidades e é a partir desta totalidade que se desdobra em honra das pessoas” (MACHADO, 1986, p.144). A honra tem sido construída pelas diferentes sociedades, mas sempre permanece a relação de interdependência, ou seja, embora sua referência para o sexo masculino seja referida a valores distintos em relação ao sexo feminino, sempre se observa seu caráter relacional, conforme explicitado por Machado (1986, p. 144-145):

A honra masculina e a honra feminina são intimamente interdependentes. O homem, por condensar a externalidade de uso do valor da família, depende, em grande parte, da internalidade do valor da família concentrado na figura da mãe-esposa. Assim, a desonra da mulher é quando o comportamento desta rompe com os valores de virgindade e fidelidade constitutivos da identidade feminina sagrada.

Considerando essa citação e conforme o que já expusemos neste capítulo, podemos concluir que a honra feminina, intrinsecamente ligada à família e ao campo privado, está associada também ao tabu da traição. O adultério, tema central do romance, expressa as permanências que remetem à ideia de imutabilidade.

Silvestre (2003, p. 223), ao analisar como o termo *tabu* figura em dicionários portugueses do século XVII e XVIII, demonstra que, em que se pese a sua permanência ao longo dos tempos, “os tabus são socialmente condicionados e mutáveis, assim como os termos de sua designação”. Pela centralidade que o tabu do adultério adquiriu naquela sociedade, assim como em outras, envolvia uma série de fatores sociais, como a honra do homem e da família, a coletividade, a individualidade e a condição feminina, pois estão todos referidos à órbita da mulher.

O adultério envolve, ainda, a subjetividade – afetos, sensações, impulsos incontroláveis em contraposição à racionalidade que governa a ordem pública. Revela as microrrelações de poder em sua concatenação ou contraposição aos valores vigentes na esfera pública. Conforme Foucault (1997) argumenta, na fluidez das relações, manifesta-se o poder que pode se revelar em muitas esferas, seja na ordem pública, seja na ordem privada. A respeito do conceito social-normativo de pessoa, García Viquez (2017, p. 36) afirma:

Pelas seguintes razões, o conceito social-normativo de pessoa prevaleceu nos pensadores clássicos e modernos e na legislação europeia clássica: assim, segundo ALTHUSIUS, a pessoa é o ser humano no que diz respeito a titular de direitos, enquanto no direito comum prussiano alemão de 1794 afirmava que ‘ao ser humano se denomina pessoa, embora desfrute de certos direitos na sociedade civil’. Também o filósofo idealista HEGEL abraçou esse conceito normativo de pessoa, ao afirmar em seus Fundamentos de Filosofia do Direito (1820) que ‘o mandato jurídico básico é: ...ser uma pessoa e respeitar os demais como pessoas’.³¹

Segundo o conceito social-normativo de pessoa constante no código prussiano de 1794, o “ser humano que se denomina pessoa” possui certos direitos na sociedade civil. Isso implica que primeiramente é necessário que se reconheça a existência da sociedade e, por consequência, a do Direito, para então reconhecer a função que desempenha na estrutura social. Nesse sentido, García Viquez (2017, p. 34) destaca:

Os reconhecidos filósofos HEGEL e KANT trabalharam seus posicionamentos sobre o que é a pessoa na sociedade ‘Se há sociedade, há Direito; se não há sociedade, não há Direito’ e cada sociedade recebe o que lhe corresponde, do meu ponto de vista: ‘Assim como está a sociedade, assim será o Direito (impune e corrompido; o bem normativo e social)’. a) As pessoas permanecem integradas ao sistema e definem desta maneira porque desempenham uma função na estrutura social que colabora com a sua manutenção: neste sentido, formamos parte da sociedade, do sistema social. O que é o mesmo: as pessoas se encontram no mundo social, como portadores de um papel, e em função desse papel, eles são corresponsáveis por administrar um segmento concreto da realidade social. A pessoa é ‘pessoa em Direito’ e tem de adequar o seu

³¹ Texto original: “Por las siguientes razones, el concepto social-normativo de persona ha prevalecido en pensadores clásicos y modernos y en la legislación europea clásica: así, según ALTHUSIUS, la persona es el ser humano en cuanto titular de derechos, mientras que el Derecho común prusiano alemán de 1794 afirmaba que ‘al ser humano se le denomina persona, en tanto que disfruta de ciertos derechos en la sociedad civil’. También el filósofo idealista alemán HEGEL acogió este concepto normativo de persona, al afirmar en sus Fundamentos de Filosofía del Derecho (1820) que ‘el mandato jurídico básico es: ...sé persona y respeta a los demás como personas’.

comportamento à norma, de maneira que responderá caso produza uma fraude de uma expectativa social institucionalizada em uma norma. Ou seja, responde pela infração de um papel, por desvio de um papel. Isso quer dizer que a posição de 'titular de um papel (social)' leva consigo um conjunto de direito e deveres associados à titularidade, os quais serão determinantes em casos de função de paternidade.³²

Em *Effi Briest* (1894), a passagem na qual Innstetten descobre o adultério é instigante. Após encontrar a correspondência trocada entre sua esposa e o major Crampas, diz: “– Johanna, cuide de Annie para que ela fique descansando no sofá. Vou sair por uma ou duas horas. Olhou atentamente para a menina e saiu” (FONTANE, 1895, p. 315). Ele se referia à filha com a qual estava, o que, em si, já é interessante destacar, pois nesse momento o pai estava cuidando de sua progênia, função tradicionalmente atribuída à mulher, quando não, às serviçais.

Antes de sair, olha “atentamente” para a filha, reação imediata logo após descobrir a infidelidade da esposa. Embora Fontane não explicita, é possível imaginar que o conselheiro provincial já desconfiasse que a filha talvez não fosse sua. Podemos entender que esse simples ato de “olhar atentamente” é uma figura de linguagem. Nesse sentido, Pereira (2009, p. 10) esclarece:

Como todo o tipo de linguagem na escrita também há mensagens a serem transmitidas para o leitor. E ao passar tal mensagem o emissor pode se valer de recursos para realçá-la, podendo uma mesma mensagem de acordo com a nuance utilizada ter diversos significados.

Outro fator importante para compreender a importância da fidelidade, principalmente feminina, é a prole. Esse elemento atribui ao patriarcado a legitimidade dos herdeiros no que se refere à continuidade da linhagem e à acumulação. É justamente por essa razão que a fidelidade da mulher impacta na honra do homem,

³² Texto original: “Los reconocidos filósofos HEGEL y KANT trabajaron sus posicionamientos sobre lo que es la persona en la sociedad: ‘Si hay sociedad, hay Derecho; si no hay sociedad, no hay Derecho’ y cada sociedad recibe lo que le corresponde, desde mi punto de vista: ‘Así como sea la sociedad, así será el Derecho (impune y corrompido; o bien, normativo y social)’. a) Las personas quedan integradas en el sistema, y se definen en tanto tales porque desempeñan una función en la estructura social que coadyuva a su mantenimiento: en tal sentido, formamos parte de la sociedad, del sistema social. O lo que es lo mismo: las personas se encuentran en el mundo social, como portadores de un rol, y en función de ese rol, les corresponde administrar un segmento concreto de la realidad social. La persona es ‘persona en Derecho’ y ha de adecuar su comportamiento a la norma, de manera que responderá si se produce una defraudación de una expectativa social institucionalizada en una norma. Esto es, responde por la infracción de un rol, por la desviación de un rol. Es decir que la posición de ‘titular de un rol (social)’ lleva consigo un haz de derechos y de deberes asociados a la titularidad, los cuales serán determinantes en los supuestos de función de la paternidad”.

pois uma adúltera coloca em dúvida se a prole é legítima ou não, visto que os descendentes podem ser do amante. De modo mais específico, na ausência do

[...] patriarcado, não há a garantia da legitimidade da prole, e sem a garantia da legitimidade da prole, não há acumulação – esta é a conexão primária entre o patriarcado e a gênese da civilização (o que não significa que todas as civilizações futuras estarão também atadas à necessidade do patriarcado). (KÜPPER, 2015 [2008], p. 208)

O patriarcado é um elemento importante para entendermos tanto a condição da mulher quanto a posição do homem, pois “como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2011 [2004], p. 44). Na sociedade patriarcal, homem e mulher devem cumprir suas funções, pré-determinadas que são. Na reflexão de Burke,

[...] o movimento feminista e as teorias com ele relacionadas encorajaram os historiadores e as historiadoras a fazerem novas perguntas a respeito do passado – sobre a supremacia masculina, por exemplo, em diferentes tempos e lugares. Era o patriarcado realidade ou mito? Assumiu ele diferentes formas em diferentes épocas ou em diferentes partes do mundo? Em que medida e como essa supremacia poderia ser rechaçada? Em que regiões e períodos e em que domínios – no seio da família, por exemplo – as mulheres exerciam influência não oficial? (ROGERS, 1975; SEGALIN, 1980 apud BURKE, 2012 [1992], p. 85)

Nas sociedades patriarcais do período do romance, um marido cuja esposa tivesse cometido adultério deixaria de ser considerado como pessoa na esfera social, pois teria o aspecto mais importante de sua condição de homem, a sua honra, lesada. A única maneira reconhecida de restituir a sua maior virtude, para que pudesse recuperar a sua condição social de pessoa, seria “lavar a mancha em sua honra”, fazendo com que o transgressor pagasse por tal infortúnio com a própria vida:

[...] a não ser que ele lave a mancha em sua honra com o sangue de seu rival. O imperativo imposto aos homens serve para prevenir a falha individual no controle da sexualidade da mulher, devida à lassidão ou ao amor. O código de honra tem o potencial de transferir a vida física dos homens àquelas cuja sexualidade eles são obrigados a proteger: uma mulher infiel, como é o caso de Effi, não deixa outra escolha ao marido que não a perda de sua existência social ou o risco de perda de sua existência física. (KÜPPER, 2015 [2008], p. 208)

A honra, exercida como disputa e luta, no interior das quais o domínio individual pode ou não se dissociar do poder coletivo, atinge a realidade concreta dos indivíduos: o corpo, por meio do controle detalhado e minucioso de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos disciplina e gerencia a vida das pessoas, seja organizando seu espaço, controlando seu tempo, vigiando pelo olhar, ou pela transmissão de informações. É por esse motivo, então, que o rigor da cobrança pela fidelidade e a punição ao adultério são mais intensos para a mulher, pois sua honra está ligada aos tabus de sua época. Saffioti (1976 [1969], p. 8) explica que a

[...] felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos. E a asserção é válida quer se tomem as camadas ociosas em que a mulher dependia economicamente do homem, quer se atente para as camadas laboriosas nas quais a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família.

Segundo Saffioti (1976 [1969]), a felicidade pessoal da mulher dependia necessariamente do casamento, pois era mediante o matrimônio que ela consolidava a sua posição social e garantia a sua prosperidade ou estabilidade financeira. Ainda segundo a autora, a existência das consortes dependia de seus maridos, por isso a mulher devia, em decorrência da norma ditada pela tradição, obediência ao marido. Em contrapartida à fragilidade proveniente da dependência econômica da mulher, o homem proveria proteção a sua cônjuge. Segundo esse padrão de comportamento em sociedade de família patriarcal, a mulher deveria desenvolver um comportamento submisso em relação ao chefe da família.

Os valores da elite militar, a postura máscula, a defesa da honra e a posição social da família, componentes de um sentimento bélico a que se refere Elias (1993 [1939], p. 94), citado anteriormente, foram todos aspectos que o Império Alemão herdou de um antigo reino. Assim, elementos de épocas anteriores, como os valores e costumes militares prussianos, foram utilizados na criação das tradições de um novo

país, de maneira que pudessem contribuir para a elaboração do discurso nacionalista alemão.

Pode-se identificar uma forte crítica de Theodor Fontane à sociedade em relação não apenas à mulher que cometeu o adultério, mas também ao tratamento dado ao homem traído, que se via forçado a realizar o duelo contra o amante:

O duelo é o grande exemplo desse procedimento em Fontane, de passar rapidamente e sem alarde pelo momento extraordinário, e, por isso mesmo, obter efeito; o duelo preparado com mestria e acabado num triz, na precipitação dos tiros e na frase curta e inequívoca: 'Crampas caiu'. (FONTANE, 2013, p. 328, apud BONOMO, 2018, p. 975)

Portanto, entendemos que o adultério tem um impacto não só sobre a reputação da mulher, mas também sobre a reputação do homem. A mancha na honra masculina, demonstra ser, segundo os códigos e valores da época expressos no romance, algo que retira do indivíduo a sua condição de pessoa, fazendo com que haja a necessidade de restaurá-la, e a única maneira que aquela sociedade entendia ser possível fazer isso era por meio de um duelo.

2.3 O universo feminino

O universo feminino que Theodor Fontane constrói em *Effi Briest* (1894) é muito mais vasto e diversificado do que pode ser percebido após uma leitura menos atenta. Ele remonta a uma sociedade particular e representa as mulheres das mais variadas classes e posições sociais. Para perceber sua riqueza e as representações que traz, é preciso fazer uma leitura minuciosa e detida.

Algumas personagens femininas merecem destaque, como a mãe da protagonista, Luise von Briest; as amigas de infância de Effi, Hulda, Bertha e Hertha; a cantora Trippeli; a empregada Roswitha. As irmãs gêmeas Bertha e Hertha não aparecem com tanto destaque durante o desenrolar da história, já Hulda, apesar de também não ter muito destaque, merece ser mencionada, pois ela representa a burguesia alemã do período.

Filha do pastor Niemeyer, tem como característica mais marcante o interesse pelo assunto casamento, visto que é a mais velha das amigas e ainda nutre esperança de se casar, conforme notamos no diálogo entre Effi e Hulda: “– A eterna governanta.

Você nasceu para solteirona. – Mas ainda tenho esperança de me casar. E talvez antes mesmo que você” (FONTANE, 1895, p. 14).

Como representante da burguesia, para ela, o matrimônio tinha demasiada importância, especialmente por possibilitar a promoção social. Na verdade, o “[...] objetivo da mulher burguesa na vida era se casar e ter uma família. Isso envolvia necessariamente obrigações e o autossacrifício, mas não reprimia o desejo de elegância, requinte e uma vida social animada” (KITCHEN, 2013, p. 207). Em outras palavras, era a única forma possível de ascensão social para Hulda e para a classe social que ela representava; apesar de a burguesia possuir importantes recursos financeiros, não dispunha do prestígio social da nobreza e da aristocracia. Moraes (2009, p. 107) nos explica essa dinâmica:

A submissão aos ditames da sociedade, em *Effi Briest*, determina as ações da aristocracia e da burguesia mais conservadora que, de certa maneira, procura seguir os passos da nobreza. Hulda, uma das amigas de Effi, filha do pastor Niemayer, aparece como representante da burguesia conservadora e do drama feminino até o século dezenove e início do século vinte: o casamento. Effi está sempre a fazer brincadeiras pelo desespero da amiga em encontrar marido. No entanto, para uma jovem burguesa sem posses as chances de encontrar alguém da aristocracia são mínimas. Na festa de casamento de Effi, Hulda entende-se muito bem com um dos tenentes presentes; os projetos de casamento, no entanto, não seriam possíveis pela diferença social existente entre ela e o jovem tenente.

Outro ponto interessante da fala de Effi é a afirmação de que a amiga seria uma “eterna governanta”, assim, nascera para ser “solteirona”. Com isso, a protagonista, originária de classes nobres, reforça que Hulda, por sua origem burguesa, não encontraria ninguém para se casar, pois a falta de prestígio de sua posição social era um impeditivo para despertar o interesse dos homens.

Trippeli, por sua vez, é cantora e uma das personagens mais interessantes. Ela buscou se libertar da condição feminina porque não se enquadrava nos padrões sociais e morais da época. A forma como Fontane descreve Trippeli é reveladora: “A Trippeli, aparentando pouco mais de trinta anos, muito viril e de um tipo bastante humorístico...” (FONTANE, 1895, p.124). Destacamos o emprego do adjetivo “viril”, que claramente se opõe à qualificação de mulher expressa pela protagonista:

Aliás, já vi esse velho amigo da mamãe lá em Schwantikow; é conselheiro provincial, tem uma bela figura e é muito másculo.

- Isso é o principal – disse Hertha
- De fato, é o principal, ‘mulheres femininas, homens másculos’; esta é, como vocês sabem, uma das frases preferidas de papai. (FONTANE, 1895, p. 13)

Na fala de Effi, há uma clara contraposição: mulheres devem ser femininas; homens devem ser másculos. Ao atribuir a uma mulher um adjetivo que deveria caracterizar um homem, o autor indica que Tripelli não se encaixa no padrão feminino. No entanto, ela demonstra ter ciência da sua condição de mulher ao dizer à Effi:

Eu descendo – continuou a Tripelli – de uma família bastante esclarecida, apenas minha mãe não era tanto assim, e no entanto, quando surgiu o psicógrafo, meu pai me disse: ‘Ouça, Marie, ali há coisa’. E ele tinha razão, ali havia mesmo alguma coisa. Com certeza somos espreitados à direita e à esquerda, pela frente e por detrás. A senhora ainda vai experimentar essa situação. (FONTANE, 1895, p. 130)

Apesar de a conversa entre a protagonista e a cantora ser a respeito de fantasmas, Tripelli, ao final, afirma que são espreitadas de todos os lados, o que pode nos levar a pensar que a cantora está se referindo à vigilância a que as mulheres estavam submetidas.

A autenticidade e a segurança são os traços de personalidade mais marcantes da cantora e estão muito presentes ao longo da obra, a exemplo deste trecho: “Tudo isso foi dito pela Tripelli com doses iguais de bonomia e segurança, num tom que queria dizer: ‘Você é baronesa Innstetten, eu sou a Tripelli’ (FONTANE, 1895, p. 124). Da mesma forma, Innstetten se manifestou após sua esposa dizer que não entendia a cantora: “– Porque não entende a Tripelli. O que me encanta é a autenticidade; está tudo aí, até os pingos dos is” (FONTANE, 1895, p. 133).

Tripelli demonstra valorizar demasiadamente a liberdade, o que é percebido quando revela seu lema: “Não, as coisas são muito diferentes; o senhor conhece meu lema, Gieshübler, ‘Liberdade sempre’” (FONTANE, 1895, p. 125). Ou seja, a figura da cantora não é colocada no romance como um personagem desqualificado, cuja exclusão é merecida, o que seria de se esperar em uma sociedade com costumes e moral rígida, a considerar os padrões que se costuma atribuir à Europa. Pelo contrário, ressalta-se, em primeiro lugar, ser uma atividade de livre escolha, ou seja, adquire status de profissão e, em segundo, podia exercer o livre arbítrio, dizer o que queria, comportar-se como melhor lhe aprazia, enfim, era livre. Como Kitchen (2013, p 58)

afirma, nesse período, “Atrizes, cantoras e escritoras preservavam sua independência, e as viúvas [...] desfrutavam um grau de liberdade excepcional”. Assim, Tripelli valoriza profundamente a liberdade, a ela possibilitada por sua profissão, que lhe permite se libertar do destino determinado para sua vida. Assim, podemos entender que ela representa as mulheres marginalizadas pela sociedade na época, o que vai ao encontro do que defende Moraes (2009, p. 109):

Outra personagem feminina desse universo, a cantora Trippeli, alia em sua figura a mulher-artista e a mulher-liberada, duplamente marginalizada em uma sociedade conservadora; livre, porém, para fazer suas escolhas e guiar a si mesma. O narrador a apresenta como uma mulher muito masculina e de um tipo marcadamente humorístico. Tal descrição corresponde à imagem estereotipada da mulher que não segue os padrões de conduta esperados. Esse pensamento era disseminado não apenas pelos próprios homens, mas de modo igual pelas mulheres, tanto aquelas que acreditavam na fragilidade e obediência feminina, quanto aquelas que se masculinizavam para poder se impor e ter suas ideias respeitadas em uma sociedade machista. A atitude dessas mulheres, ao contrário, reforçava o modelo masculino como detentor de toda força e de todo poder.

Essa reflexão nos leva a pensar em como a tentativa das mulheres marginalizadas de demonstrar sua força e poder é representada no romance. Trippeli, ao não se encaixar nos padrões de sua época e ao tentar se libertar da sua condição pré-determinada, é marginalizada pela sociedade. Ela busca demonstrar a sua força, porém, durante esse processo, masculiniza-se, aspecto evidenciado pelo adjetivo “viril”, conforme destacado anteriormente.

Por fim, uma última personagem que merece ser mencionada é a Roswitha, criada de Effi. Roswitha se apresenta da seguinte maneira:

- Eu me chamo Roswitha.
- Sim, é um nome raro, é...
- Sim, exatamente, minha senhora, é um nome católico. Para completar, também sou católica. De Eichsfeld. Muitos não querem empregar um católico, pois os católicos vão muito a igreja. ‘Sempre se confessando; porém, o mais importante eles não dizem’. Meu Deus, quantas vezes tive de escutar isso, primeiro quando trabalhava em Giebichenstein, e depois em Berlim. Mas não sou uma boa católica e me afastei da religião, talvez por esse motivo as coisas andem tão ruins para mim; sim, não se deve negligenciar a fé e é preciso participar de tudo com regularidade. (FONTANE, 1895, p. 153)

Roswitha é a única personagem não protestante que foi retratada com mais detalhes no romance.³³ A empregada católica tem sua vida marcada pela tragédia de ter engravidado antes de se casar. Seu passado é revelado por Johanna, outra personagem feminina e também empregada na casa do conselheiro provincial, ao desabafar que a sua companheira católica sempre recordava sua trágica história:

– Ora, Roswitha, você e seu eterno ‘já se passou tanto tempo’; por aí se vê que você não entende nada. Você sempre vem com a velha história de seu pai com a barra de ferro em brasa e de como ele a ameaçou com ela, e sempre que meto um tarugo em brasa no ferro de engomar tenho de pensar em seu pai e o vejo tentando matá-la por causa do bebê, que afinal está morto. (FONTANE, 1895, p. 334-335)

Contratada para cuidar de Annie, filha da protagonista, Roswitha é “[...] a mulher a quem Effi relega o papel de ‘mãe’ da filha Annie” (MORAES, 2009, p. 108). Além de ser a única personagem católica com maior destaque na obra, Roswitha, foi quem acompanhou a protagonista durante seu isolamento: “Effi passa a habitar um pequeno apartamento com uma de suas criadas: a fiel Roswitha, a única a segui-la na nova vida de dificuldades e de solidão” (MORAES, 2009, p. 112). A empregada, ao acompanhar a protagonista em seus piores momentos, abandona a tristeza e se torna a pessoa mais confiável e leal para Effi.

Roswitha representa o drama da mulher que engravidou precocemente, antes mesmo de se casar. Ela é expulsa de casa e é obrigada seguir sozinha a própria vida. Contudo, por ser católica, há para ela a possibilidade de reintegração social por meio do trabalho, algo ofertado a mulheres de classes sociais mais baixas, conforme observa Moraes (2009, p. 108-109):

Roswitha representa o drama da mãe solteira; expulsa de casa e impedida de ficar com o filho, teve de gerir a própria vida, possibilidade oferecida às mulheres da classe mais baixa. Em confronto com a situação de sua patroa, também expulsa de casa, a condição de Roswitha aparece menos marginalizada, pois garante a reintegração social pelo trabalho.

Diferentemente de Roswitha, para Effi não foi dada a possibilidade de reintegração social nem por meio do trabalho. Assim como Trippeli, a protagonista não

³³ Outra personagem, também católica, é o pai das irmãs gêmeas Bertha e Hertha, mas ele é mencionado uma única vez, apenas no início da obra, na página 12, como chantre, título eclesiástico católico que corresponde a mestre de coro ou cantor de salmos.

se encaixava nos padrões sociais de sua época, contudo, ao contrário da cantora, reluta e tenta se adequar a um padrão de vida e a uma condição social que não lhe agradava e que não era compatível com sua personalidade. Tal fato pode ter sido decisivo para o desenvolvimento da história dessa jovem sonhadora, assim como para sua trágica conclusão.

Conforme expusemos ao longo deste capítulo, por trás da narrativa de Fontane há uma crítica social, pois ele se manifesta contrário aos antigos valores que ainda permaneciam, como, por exemplo, em relação à posição que as mulheres ocupavam e à forma como eram tratadas. Nesse sentido, por mais que Trippeli tentasse se libertar da sua condição, ao se masculinizar, na tentativa de impor suas ideias, estava reforçando que eram os homens que detinham o poder e a força.

CAPÍTULO III – O dualismo na configuração da identidade alemã em *Effi Briest* (1894)

Após analisarmos a protagonista e outras personagens do universo feminino de *Effi Briest* (1894) – como a mãe de Effi, a cantora Trippeli e a amiga Hulda – e considerando que Theodor Fontane trata do valor da honra, entendemos ser imprescindível demonstrar como as características projetadas em comportamentos, atitudes, sentimentos e decisões das personagens integram o ideário constitutivo da denominada identidade alemã (BOTELHO; HOELZ, 2016).

Assim, neste capítulo, discorreremos sobre os elementos presentes no romance que remetem à formação identitária alemã e a seu *ethos* (SEVÄNEN, 2018) – que vão além do que é apontado pelos autores que teorizam sobre o tema. Sejam quais forem os elementos analisados, a identidade alemã se expressa como a síntese de múltiplas identidades, fortes e eivadas de valores culturais, entre as quais se destaca a identidade do Reino da Prússia, originário do antigo Reino de Brandemburgo.

Analizamos alguns aspectos importantes para compreendermos como *Effi Briest* (1894) expressa as contradições da sociedade do II Reich. Abordamos as oposições entre a aristocracia e a nobreza, as tradições e a modernidade, o campo e a cidade, a Prússia e as demais regiões que constituíram o Império Alemão, a partir de 1871, bem como o Realismo e o Romantismo.

Para tanto, focamos em Innstetten e Effi, Hohen-Cremmen e Kessin, e suas representações. O marido representa não apenas uma nova nobreza, que ascendeu em um escritório com a burocracia de Estado, mas também a modernidade, o Realismo, o pragmatismo e o dinamismo da cidade; a esposa, por sua vez, representa tanto uma aristocracia decadente, como a liberdade do campo, a natureza e o Romantismo.

Nessa parte da análise, dedicamo-nos não mais às personagens, mas aos elementos constantes da obra, como referências ao passado, à Prússia ou ao próprio Império Alemão, assim como a importantes figuras como o chanceler Otto von Bismarck e o *Kaiser* Guilherme II, que podem nos indicar a presença de um sentimento nacionalista alemão e da identidade alemã.

Na consolidação do Estado alemão, forjaram-se novas regras de sociabilidade contratuais, que foram incorporadas aos antigos valores, pautados na honra, no

pertencimento familiar, na tradição e na palavra empenhada – em nome da modernidade. Contudo, enquanto o processo de consolidação do Estado e da identidade alemã ocorria, a Prússia, embora liderasse o desenvolvimento do novo país, acabou por perder seu protagonismo, configurando uma contradição na construção e consolidação do II Reich:

Apesar de terem-se integrado como nação há pouco mais de um século, os diversos Estados que constituem a Alemanha compartilham traços étnicos, culturais e religiosos, no largo quadrilátero que se estende, como diz o hino alemão, *do Mosa ao Memel, do Belt ao Eicht*. (CHACON, 1994, p. 8, grifo do autor)

Pautamo-nos também nas contradições existentes entre a Prússia e as demais regiões que constituíram o II Reich. Como retratado no romance, a construção do Império Alemão e de sua identidade é um marco latente das contradições decorrentes da unificação alemã, um processo histórico no qual não houve um rompimento com o antigo. Um exemplo é que, após a consolidação do II Reich, a Prússia deixou de existir, e Bismarck, um homem de seu tempo, perdeu o emprego.

Nesse sentido, as tradições, os costumes e as normas reproduzidas e sustentadas ao longo de gerações têm suma importância na compreensão das contradições entre modernidade e ancianidade, novo e velho, presentes no processo de consolidação do Império Alemão, pois conforme Thompson afirma, as tradições são repassadas por meio da oralidade:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. (THOMPSON, 1998 [1980], p. 18)

A literatura pode, assim, reproduzir as normas, os costumes e as tradições transmitidas através da oralidade. Neste trabalho, em que analisamos uma obra literária do final do século XIX, buscamos extrair tradições e costumes que nela são retratados.

O eixo da análise é compreender como as contradições entre o campo e a cidade, o novo e o velho e a tradição e a modernidade encontradas ao longo do processo de unificação alemã são representadas no romance de Fontane por meio de

suas personagens. O cerne da questão será entender como essas contradições compõe a identidade alemã em construção ao longo do II Reich.

3.1 *Effi Briest* (1894) na visão de Fontane

O romance representa, de uma forma muito visível, o liame entre a emergente nobreza, que se formou durante o processo de unificação alemã, e a antiga aristocracia rural prussiana. Na obra, esses grupos têm como representantes, respectivamente, o barão “[...] Geert von Innstetten, um promissor burocrata prussiano recém-empossado por Bismarck, que já havia cortejado sem sucesso sua mãe em sua juventude” (SCHNEIDER, 2002, p. 265)³⁴ e a protagonista Effi Briest.

Em um primeiro momento, pode se revelar ao leitor uma rememoração que remete a um passado que reafirma a regionalidade e, mesmo quando associado à nação alemã, destaca os feitos de determinados grupos unidos por laços culturais, associados à etnicidade, como uma reafirmação da identidade prussiana sobrepondo-se à alemã.

O passado heroico é recuperado pelas memórias da família, citadas por Effi, como na passagem em que diz: “Sou uma Briest de nascimento e descendo do Briest que, nos dias que antecederam a batalha de Fehrbellin, comandou a tomada de Rathenow [...]” (FONTANE, 1895, p. 89). Na nota de rodapé 28, é explicado que a batalha de Fehrbellin foi um confronto liderado por Frederico Guilherme, o Grande Eleitor, em que este venceu as tropas da Suécia em 1675, garantindo aos germânicos a supremacia sobre o Brandemburgo.

Uma vez que o Reino de Brandemburgo foi um dos reinos que originou a Prússia, trata-se aqui da rememoração de um feito que integra a memória coletiva dos brandenburqueses. Nesse sentido, afirma Halbwachs (2004 [1950]): “De uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros”. Essa passagem explicita o empenho em manter a memória de um grupo cuja atuação constituiu um marco importante da história daquela região.

Quando a personagem principal cita a participação de sua família nesses eventos, ela expressa uma memória individual, evoca seu passado e se reporta a

³⁴ Texto original: “[...] a promising Prussian bureaucrat, who had courted Effi’s mother unsuccessfully during their youth”.

pontos de referência fixados por aquela ancestral sociedade, ou seja, trata-se da memória coletiva referida por Halbwachs em *A memória coletiva*.

Segundo esse autor, há dois tipos de memórias, a coletiva e a individual: “Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias” (HALBWACHS, 2004 [1950], p. 57). Ele define a memória individual e a coletiva da seguinte forma:

[...] a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ela se reporta a pontos de referência que existem fora dele, que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio [...] A memória coletiva, por outro, evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2004 [1950], p. 58)

As antigas famílias que lutaram em guerras e contribuíram diretamente para a consolidação do Reino da Prússia conseguiram ter grande destaque e, dessa forma, alcançaram elevada posição e *status* sociais. Durante a história desse reino, algumas famílias gozaram de demasiado prestígio social, a exemplo da casa de Hohenzollern, a qual o Imperador integrava.

A força da tradição dessa família remete a seus feitos no século XV, ainda na formação do Brandemburgo, coração do Estado prussiano. Foi essa mesma família que manteve a coroa, quando foi fundado o ducado da Prússia, adquirindo aí o título nobiliárquico de duques. No início do século XVIII, finalmente, passaram a reinar no recém-fundado reinado da Prússia (CARSTEN, 1950). Assim, era natural que houvesse a continuidade dos valores tradicionais na nova ordem que se construía e que, de qualquer forma, tinha de incorporar os protagonistas emergentes, a burguesia e os burocratas do novo Estado. Elias (1993 [1939], p. 94-95) nos oferece a seguinte explicação:

É bem conhecida a maneira, como, apesar de tudo o mais, finalmente surgiram Estados no interior do Império Romano-Germânico. Entre os domínios territoriais germânicos – ignorando aqui o processo análogo que ocorria na Itália – surgiu uma Casa Real que, acima de tudo se expandiu pela região colonial germânica ou semigermânica,

lentamente ingressou na luta com o poder mais antigo dos Habsburgo: os Hoenzollern. Seguiu-se um combate pela supremacia, culminando na vitória dos Hoenzollern e na sua formação de uma primazia inequívoca entre os governantes territoriais germânicos e, finalmente, passo a passo, na unificação dos territórios sob um único aparelho de governo. Essa luta pela supremacia entre os dois componentes mais poderosos do Império, porém, embora resultasse em maior integração, na formação de Estados em seu interior, implicou também mais um passo na desintegração do velho Império. Com a derrota as terras dos Habsburgo deixaram a união. Esta foi, na verdade, uma das últimas fases da lenta e contínua decadência do Império. No decorrer dos séculos, mais e mais partes se haviam separado, transformando-se em domínios independentes. O Império, como um todo, era grande e diversificado demais para ser outra coisa que não um obstáculo à formação de Estados.

A contradição apontada por Elias remete ao movimento dialético da História, segundo o qual, o novo surge do embate entre dois antagônicos, e na configuração da nova ordem, ainda contém os elementos fundantes que o germinaram. É nesse mesmo diapasão que as duas dimensões da memória se fundem: a coletiva e a individual, como pontua Halbwachs (2004 [1950], p 57):

Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva [...]

Portanto, as memórias individuais podem se apoiar na memória coletiva para preencher lacunas e justificar a posição identitária e social do grupo e/ou da família na sociedade. Podemos identificar esse fenômeno na condição da nobreza que se forma após a unificação alemã, na qual, embora diferente da aristocracia prussiana, estão muito presentes os traços culturais daquela nobreza que contribuiu para a formação do novo Estado-nação. Um aspecto dessa nova ordem se manifesta na figura de Geert e está contido no diálogo com a protagonista; inicialmente, o marido diz a esposa:

– Mais que possível, é fato. São pequenos comerciantes manhosos que socorrem e aconselham os navios estrangeiros que chegam aqui e se sentem completamente desorientados com alguma questão comercial, e, depois de os aconselharem e prestarem algum serviço a um navio holandês ou português, eles se tornam representantes legais desses Estados estrangeiros, e aqui em Kessin existem tantos cônsules quanto embaixadores e enviados em Berlim, e quando há alguma data comemorativa, e há muitas datas comemorativas, todas

as bandeiras são hasteadas, e se tivermos nesse dia uma clara manhã ensolarada, você pode ver toda a Europa tremulando sobre nossos telhados, juntamente com a bandeira estrelada e o dragão chinês. (FONTANE, 1895, p. 79)

Ao afirmar que em Kessin, nas comemorações, é possível ver bandeiras de toda a Europa porque a cidade portuária recebe comerciantes das mais variadas localidades, Geert faz uma provocação à esposa em relação às datas comemorativas. Effi, em seguida, responde:

– Você está gracejando, Geert, e talvez tenha razão. Mas eu, com toda a minha insignificância, devo confessar que acho tudo encantador e que, em comparação, nossas cidades do Havelland não são nada. Quando elas celebram o aniversário do imperador, só tremulam as cores branca e preta com no máximo um pouco de vermelho entre elas, mas isso não é nada diante do mundo de bandeiras que você fala. (FONTANE, 1895, p. 79-80)

Na resposta à provocação do marido, a protagonista revela uma diferença fundamental em relação a sua terra natal, ao se referir sobre quais cores eram tremuladas em Havelland nas datas comemorativas. Branco e preto são as cores da bandeira da Prússia, ao passo que preto, branco e vermelho representam a bandeira do Império Alemão. O imperador a quem a protagonista se refere é Guilherme I que, juntamente, com Bismarck, conduziu a unificação alemã sob liderança da Prússia.

Podemos observar, portanto, a disputa sobre a prevalência de uma das duas identidades, a prussiana ou a alemã, da nova ordem. Aqui também há a contraposição entre a tradição e a modernidade, representada pelo recém-fundado II Reich. Se na pequena vila em que moravam predominavam, nas efemérides, as bandeiras prussianas, ali na residência de Kessin, onde assistiam às comemorações de aniversário do imperador Guilherme I, tremulavam majoritariamente as bandeiras da nova ordem, signo da modernidade.

Innstetten aparece como um soldado que, em tempos de paz, dedicou-se aos estudos e que retornou ao exército somente em 1870, para lutar na Guerra Franco-Prussiana, porém não mais em seu antigo regimento. Como reconhecimento por seus esforços, foi agraciado com a Cruz de Ferro – antiga condecoração militar prussiana criada por Frederico Guilherme III, que permaneceu sendo entregue até o fim do Império Alemão, na Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, seu uso foi retomado pelo governo nazista e, por fim, foi proibido por lei, assim como os demais símbolos

nazistas, após a Segunda Guerra Mundial.³⁵ Geert, contudo, tornou-se bem-quisto pelo Imperador e por Bismarck, a ponto de ser promovido a conselheiro provincial do distrito de Kessin. Effi, ao ponderar se devia ou não se casar com ele, expressou o que segue:

[...] parece até que perdeu o gosto pela vida de soldado. Afinal, era tempo de paz. Em suma, ele pediu sua dispensa e começou a estudar jurisprudência, mergulhando de cabeça nos estudos, como diz papai. Só retornou ao exército quando veio a guerra de 1870, mas não em seu antigo regimento, e sim no de Perlenberg, e recebeu a Cruz de Ferro. Era natural, pois é muito enérgico. Assim que a guerra terminou, retornou aos seus autos. Dizem que Bismarck o tem em grande conta, e o imperador também; por esse motivo se tornou conselheiro provincial, conselheiro provincial do distrito de Kessin. (FONTANE, 1895, p. 16)

No entanto, ele ainda não tinha o prestígio de uma família da aristocracia prussiana; apenas uma aliança com tal grupo social poderia fazê-lo alcançar esse *status*. Essa referência à posição social, conforme Der Fabian³⁶, remete à condição financeira do pretendente; trata-se de uma alusão à sua origem pobre que o fez lutar muito para chegar a uma condição considerada decente.

Além do mais, Innstetten é um antigo pretendente da mãe da protagonista. Fontane não escreveu nada de muito revelador a respeito dos sentimentos de ambas as personagens, por esse motivo, é inviável afirmar que o barão pediu a mão de Effi na tentativa de reaver o amor perdido há tempos e que Luise deseja o casamento na intenção de manter Geert próximo de si. Sobre o romance entre Innstetten e a mãe da protagonista, Küpper (2015 [2008], p. 201) afirma:

Innstetten tem trinta e oito anos de idade e desejara, quando jovem, casar-se com a mãe de Effi, sendo nisso correspondido. O plano não prosperou porque, na época, ele não tinha a mínima posição social para casar-se com ela. Porém, ele agora havia se tornado administrador de Kessin, um distrito na costa da Pomerânia, bem estabelecido, um convidado bem-quisto de Bismarck em Varzin, um homem com um futuro, mas ainda solteiro. No dia de sua chegada, ele pede a mão de Effi em casamento. O pai de Effi hesita um pouco, mas a sua mãe Luise pressiona pela aprovação, ao passo que a jovem Effi aceita, mas... sem que realmente compreendesse em que reside um casamento ou o que são os homens.

³⁵ A respeito da Cruz de Ferro, há dois livros que contam a história da condecoração, são eles: *The Iron Time: A History of the Iron Cross* (1999), de Stephen Thomas Previtera, e *Cross of Iron* (1996), de Willi Heinrich.

³⁶ Disponível em: <https://www.derfabian.at/interpretation-effi-briest>. Acesso em: 4 abr. 2020.

O romance de Fontane, como uma obra realista, tem traços típicos desse movimento literário. Um exemplo é a crítica ao casamento, instituição social falida, que funciona como forma de ascensão social e/ou como forma de estabelecer alianças políticas; para algumas famílias não é atributo específico da “moderna” sociedade alemã do século XIX.

Na obra, o interesse da mãe em promover o casamento entre o barão e sua única filha, apesar da diferença de idade entre eles, por exemplo, dá-se pela possibilidade de essa união garantir a inserção social de sua filha na sociedade real, para a qual acudiam os novos dignitários da nação, que se mesclavam com as tradicionais famílias. Luise, pontua, ainda, as vantagens que Effi teria ao aceitar o pedido de Innstetten, destacando-lhe o caráter, a posição e os bons costumes dele:

– Pois ele não apenas é um homem da mais fina educação, é também justo e compreensivo e sabe muito bem o que significa a juventude. Ele sempre diz para si mesmo e procura ter um comportamento de acordo com a juventude e se continuar assim, vocês terão um casamento exemplar. (FONTANE, 1895, p. 45)

Essa parte do diálogo remete à diferença de idade entre as personagens e também aos valores considerados positivos para um pretendente: ser educado, fino e justo, ou seja, ter a polidez típica para ser bem aceito nas famílias e nos salões, demonstrar hombridade ao ser imparcial nos julgamentos, além de, principalmente, “ter um comportamento de acordo com a juventude”. Eis aí o dilema subjacente ao conflito no interior do casamento. O fardo que carregaria o noivo seria o de demonstrar à esposa que ainda tinha juventude, mesmo com quase o dobro de sua idade.

Não bastava apenas pertencer à mais honorável família, era necessário pertencer, de alguma forma, a essa nova ordem, e o pretendente expressava exatamente isso. Nesse momento, o dilema que se coloca é entre o casamento por amor e o casamento por interesse:

[...] é um homem de caráter, posição e bons costumes, e se você não disse ‘não’, e penso que minha sensata Effi dificilmente diria, então você terá chegado aos vinte aonde outras só chegam aos quarenta. Irá superar em muito, sua mãe. (FONTANE, 1895, p. 24)

Destacamos que, no trecho, Louise reafirma que Effi chegaria “aos vinte aonde outras só chegam aos quarenta”, superando-a. A ênfase recai sobre a *posição social* que a filha alcançaria ao se casar com Geert; o casamento proporcionaria à filha não apenas uma boa vida do ponto de vista material, em decorrência de Geert ter estabilidade no emprego e ser um homem de posses, mas também lhe garantiria *status social*.

O que está posto aqui é a dualidade entre a antiga tradição da nobreza e a modernidade burguesa; a primeira associada à guerra e às posses de terras, a segunda relativa à acumulação de riquezas resultante de uma nova ordem social dada pela ascensão da burguesia. Innstetten, dessa forma, representa o Realismo e modernidade. Fontane explicita a particularidade em questão, por meio de uma frase dita pelo pai de Effi, von Briest, quando este fala de Innstetten e de sua família:

– Excelentíssimo senhor, e uma vez mais excelentíssimo senhor, o que isso significa? Isso induz a erro, distorce tudo. Innstetten, sem dúvida, é uma excelente pessoa; um homem de caráter e valor, mas os Briests, desculpe o bairrismo, Luise, os Briests, afinal não são uma gente qualquer. Graças a Deus, permita-me acrescentar, somos uma família histórica, e os Innstettens *não* são; os Innstettens são apenas uma família antiga, da velha nobreza, admito, mas o que significa a velha nobreza? Eu não quero que uma Briest, ou mesmo uma figura, na mascarada de sua despedida de solteira, que todos reconhecerão como uma alusão à nossa Effi... não quero que uma Briest em pessoa ou por interposta pessoa fique repetindo ‘excelentíssimo senhor’. Para isso, Innstetten teria de ser pelo menos um Hohenzollern disfarçado, afinal existem alguns. Mas ele não é, e por esse motivo eu só posso repetir que isso distorce a situação. (FONTANE, 1895, p. 38)

Existe, de fato, uma diferença entre pertencer a uma família histórica e pertencer a uma família antiga. A valoração da antiguidade e da história se contrapõe à velha nobreza; os Briests se fizeram históricos, ao participarem de batalhas importantes. O sentido dessa diferença pode estar na revelação de uma multiculturalidade no âmbito do nacionalismo alemão.

Como Effi explica, a origem da família Briest se deu por meio da ascensão militar ocasionada pela participação em combates, como a tomada de Rathenow. Nesse sentido, a fala do pai expõe a preocupação dele em relação ao casamento da filha com um membro de uma família da “velha nobreza”, fazendo, inclusive, referência irônica aos Hohenzollern, uma das mais importantes famílias nobres da Europa, que foi a família real da Prússia e também a dinastia reinante no Império Alemão de 1871

até 1918. Ao dizer que para um Briest chamar von Innstetten de “excelentíssimo senhor” ele deveria ser ao menos um “Hohenzollern disfarçado” – em outras palavras, bastardo – revela um outro lado do *status social* que se contrapõe à condição econômica a ser oferecida por Innstetten, o que nos remete a Hobsbawm (1997 [1983], p. 18):

Era mais comum que elas incentivassem o sentido coletivo de superioridade das elites [...] ao invés de inculcarem um sentido de obediência nos inferiores. Encorajavam-se alguns a se sentirem mais iguais do que outros, o que podia ser feito igualando-se as elites a grupos dominantes ou autoridades pré-burguesas, seja no modelo militarista/burocrático característico da Alemanha (caso dos grêmios estudantis rivais), seja em modelos não militarizados, tipo ‘aristocracia moralizada’, como o vigente nas escolas secundárias particulares britânicas.

Dessa forma, já que Innstetten pertence a uma família de “novos ricos” e, apesar de possuir recursos financeiros, não tem prestígio social, busca alcançar tal prestígio através do casamento com Effi, de forma a igualar-se aos Briest. Com base no pensamento de Hobsbawm (1997 [1983]), podemos entender que o enriquecimento de Geert se dá em um modelo burocrático, típico do Império Alemão.

A preocupação do pai da protagonista refere-se à necessidade de manter a posição social de sua família, já que a filha não se casaria com um igual. Uma intenção recorrente da elite é manter a superioridade perante os demais grupos sociais e diferenciar-se deles. Portanto, não se trata apenas de Innstetten propiciar boa condição econômica e conforto material à jovem, mas também de manter o *status social* proporcionado pelo nome Briest.

3.2 Effi Briest (1894) e o nacionalismo alemão

Theodor Fontane iniciou a publicação de *Effi Briest* (1894) em 1894 e a terminou em 1895, período em que o II Reich era um Estado muito jovem em comparação com os Estados que se formaram na Idade Moderna, a exemplo de Inglaterra, França, Portugal e Espanha. Como a unificação era recente, Fontane pode retratar o período em sua obra.

No romance, há inúmeras referências ao reino prussiano, ao imperador, a Bismarck e aos generais famosos. Uma dessas referências está presente na seguinte

conversa entre Effi e Geert: “Quando papai comprou um novo armário para as espingardas e pendurou uma cabeça de búfalo sobre sua escrivaninha e, logo abaixo dela, o retrato do velho Wrangel (ele foi ajudante de campo do velho) [...]” (FONTANE, 1895, p. 77). Na nota de rodapé 25, há a explicação de que “velho Wrangel” refere-se ao Conde Friedrich Heinrich Ernst von Wrangel, marechal prussiano que, durante o período de serviço militar, participou das duas Guerras do Schleswig e auxiliou na Guerra Austro-Prussiana.³⁷ Essa passagem expressa uma relação de proximidade entre as famílias prussianas nobres, pois o pai da protagonista ainda guardava um retrato de Wrangel, de quem ele havia sido ajudante, indicando que ainda havia resquícios de relações de vassalagens entre os pertencentes à velha nobreza rural.

Outro aspecto bastante interessante no romance de Fontane é a valorização de tradições e história militar. Podemos notar isso na passagem em que Effi está lendo no sofá, e o autor descreve a decoração na parede, que revela uma característica marcante daquela sociedade:

Estava uma noite tão clara que se podiam ler nitidamente as legendas dos quadros emoldurados por estreitas ripas douradas penduradas na parede acima do sofá: ‘O ataque a Düppel, fortificação V’ e, ao lado deste, ‘O rei Guilherme e o conde Bismarck na colina de Lipa’. Effi balançou a cabeça e sorriu: ‘Quando vier aqui outra vez, vou pedir que arranjem novos quadros; não suporto esses temas guerreiros’. (FONTANE, 1895, p. 295)

Na nota de rodapé 97, há a explicação de que, em 18 de abril de 1864, durante a Guerra Austro-Prussiana, as tropas prussianas atacaram e tomaram as fortificações dinamarquesas na aldeia de Düppel, na península de Sundewitt. Na sequência, a nota 98 esclarece que a Batalha de Königgrätz determinou a vitória prussiana na guerra contra a Áustria, em 1866. Esse triunfo foi determinante para pavimentar o caminho para a unificação dos estados alemães e fundar o II Reich, em 1871.

É interessante notar que Effi demonstra grande desinteresse por esses assuntos, ao afirmar que não suporta “esses temas guerreiros” e que da próxima vez que fosse para esse cômodo solicitaria que arranjassem novos quadros. Essa fala representa uma ruptura da personagem com suas tradições. Ao longo do livro,

³⁷ Disponível em: <https://berlingeschichte.de/bms/bmstext/9807pora.htm#seite63>. Edição Luisenstadt, 1998. Acesso em: 18 jan. 2021.

configura-se claramente um preceito moral: enquanto há velhos bons costumes conservados, não há necessidade de inventar nenhuma nova tradição.

Na obra, os costumes e valores tradicionais expressos pelas personagens estão sempre muito presentes e em disputa com o novo, como que para se defenderem do que os ameaça. É possível destacar tal característica em um diálogo entre Effi e Innstetten, no qual ele se refere às pessoas da fictícia cidade portuária de Kessin:

Uma boa aparência a maioria das pessoas aqui tem. São gente de boa cepa. Mas isso também é o melhor que se pode dizer delas. Seus conterrâneos de Brandemburgo são pouco vistosos e rabugentos, o comportamento deles é menos respeitoso, na verdade não é nada respeitoso, mas quando dizem sim é sim, quando dizem não é não, e podemos confiar neles. Aqui tudo é inseguro. (FONTANE, 1895, p. 63)

Interessante pensar na descrição das aparências (SENNETT, 1988). Innstetten afirma que as pessoas de Kessin têm “boa aparência e cepa”, mas que na cidade é tudo inseguro, e não se pode confiar nelas. Ele ressalta, ainda, que os “conterrâneos de Brandemburgo” são pouco vistosos e rabugentos, mas, em contrapartida, pode-se confiar neles.

A confiança se dava também pelas relações com velhos conhecidos, pois alguém da região alemã, por menos vistoso que fosse, era mais confiável que alguém de fora que tivesse “boa aparência”. O termo “conterrâneos” – designado para qualificar pessoas de mesma nacionalidade – é empregado em referência àqueles de Brandemburgo, o que indica uma diferenciação em relação ao sentimento de pertencimento às regiões que compunham o II Reich.

Outra passagem que vale destacar em *Effi Briest* (1894) é quando a protagonista se muda para Kessin. Ao apresentá-la a Johanna, Innstetten diz: “[...] Está aqui é Johanna, sua compatriota de Brandemburgo, caso você consinta em reconhecer plena cidadania a quem vem das vizinhanças de Pasewalk [...]” (FONTANE, 1895, p. 69).

As palavras “compatriota” e “conterrâneos” remetem a pessoas de uma mesma nacionalidade. Segundo o *Dicionário escolar da língua portuguesa* (BECHARA, 2008, p. 329/353), o primeiro termo é um adjetivo e significa “que nasceu ou teve origem no mesmo país que o outro”; o segundo, também um adjetivo, significa “que é da mesma terra de alguém (país, cidade, vila, povoação)”.

Nas passagens apresentadas, Geert parece considerar que as pessoas originárias de Brandemburgo, por serem de outra região, não tinham a mesma nacionalidade daquelas que viviam na Pomerânia Oriental – região onde está a fictícia cidade de Kessin. Essas falas trazem marcas muito claras de regionalismo, as quais estavam presentes na sociedade da época.

Conforme já observamos, o Reino de Brandemburgo foi um importante território germânico, berço da dinastia dos Hohenzollern. Ele deu origem, posteriormente, ao Reino da Prússia. A família real brandeburguesa gozava – no recém-formado Império Alemão – de grande prestígio social, pois reinava na região desde 1415; foi destituída somente ao término do II Reich, no fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918 (DAEHNHARDT, 2014). Do ponto de vista das tradições da nobreza, a linhagem daqueles que descendiam do antigo Reino de Brandemburgo estabelecia as pessoas com maior estima na sociedade alemã (FERREIRA, 2017).

Contudo, há de se notar a semelhança no tratamento destinado àqueles que vinham tanto de Brandemburgo quanto da Pomerânia Oriental, o que indica a passagem de um valor pautado na genealogia para o pautado nos preceitos de cidadão, burguês, firmando-se a comunidade burguesa em substituição à tradicional ordenação por linhagem e pela nobiliarquia.

Compreendemos, assim, o porquê de Innstetten usar termos como “conterrâneos” e “compatriotas” para se referir a pessoas originárias de Brandemburgo – terra natal de Effi. Apesar de os cidadãos nativos da mesma região da protagonista e da Pomerânia Oriental – localidade da fictícia cidade de Kessin – serem parte do II Reich, Geert trata essas pessoas como se fossem estrangeiras, já que, conforme afirma Anderson (2011 [1983]), as comunidades que se formam no século XIX não coincidem com as fronteiras formadas, pois os Estados abrangiam dentro de seus territórios diferentes grupos de pessoas, com língua e origem diversas. Essa dinâmica foi observada por Burke (2012 [1992]), em relação ao mesmo período na história da Europa. Para o autor, “o conceito de comunidade passou a desempenhar papel cada vez mais importante na escrita da História” (BURKE, 2012 [1992], p. 93).

O período entre a queda do Sacro Império Romano-Germânico, cujo fim foi decretado em 1806, após a invasão francesa capitaneada por Napoleão Bonaparte, e a conclusão do processo de unificação alemã, em 1871, é de extrema importância

para se entender o nascimento do nacionalismo alemão, como nos explica Bentivoglio (2010, p. 26):

O espaço de tempo vivido entre 1806 e 1871 é crucial para se entender a história alemã. Entre a derrota fragorosa em Iena para Napoleão Bonaparte e a vitória sobre a França e anexação dos territórios de Alsácia e Lorena por Otto von Bismarck, que marcaram a fundação do Império Germânico, ocorreram eventos que distinguiram a emergência do nacionalismo alemão e o comportamento dos estados germânicos em meio ao processo de unificação que seria capitaneado pelo Reino da Prússia. A ocupação napoleônica marcou a emergência do nacionalismo e o desejo de integração alemã.

A derrota na Batalha de Iena contou com o auxílio dos próprios príncipes alemães, que se aliaram a Napoleão, facilitando a vitória do imperador francês. A região da atual Alemanha, ficou, então, sob ocupação francesa até o final da Era Napoleônica. Isso fez com que emergisse um sentimento identitário – germânico – contrário à presença estrangeira e uma rejeição aos déspotas.

Dessa maneira, para “[...] os patriotas prussianos, a guerra era agora uma luta dos alemães contra a tirania estrangeira. Os príncipes alemães que haviam se aliado a Napoleão eram considerados traidores da causa nacional” (KITCHEN, 2013, p. 49). Assim, as lideranças políticas prussianas perceberam a fragilidade em decorrência da ausência de uma unidade na região:

O nacionalismo alemão foi alimentado pelas guerras contra a França e pela ocupação francesa dos estados ocidentais. Ele também era impulsionado pelo desejo de criar uma sociedade nova e mais livre. Era dirigido externamente contra os franceses e internamente contra os déspotas. (KITCHEN, 2013, p. 89)

Os liberais começaram a ganhar força e representatividade política, pois onde “[...] quer que houvesse eleições, os liberais formavam uma maioria. Até mesmo a Prússia, com o seu sistema eleitoral de três classes, conferiu na realidade uma vantagem para a burguesia bem consolidada” (KITCHEN, 2013, p. 133). Logo, com a consolidação da burguesia e de seus ideais liberais, formou-se o movimento nacionalista:

O mundo burguês da Nova Era estava impregnado de liberalismo. Professores universitários e servidores públicos, professores primários e pastores protestantes, empresários e advogados

ingressaram nas grandes associações nacionais liberais e passaram a assinar publicações liberais com *Historische Zeitschrift* de Heinrich von Sybel, *Preußischer Jahrbücher* de Heinrich von Treitschke, e *Grenzboten* de Gustav Freitag. A maioria dos radicais desiludidos que permaneceu na Alemanha também ingressou nas alas liberais. Esses liberais conquistaram um vasto apoio de pessoas comuns em diversas associações nacionais que ainda vicejavam na Alemanha: a dos cantores de corais, dos ginastas e dos atiradores. Apesar de todas as divergências de opinião e de *status* social, os liberais formavam uma força coesa e influente que nenhum político poderia se dar ao luxo de desconsiderar. (KITCHEN, 2013, p. 133, grifo do autor)

Durante esse período, então, praticamente “[...] todos os liberais eram nacionalistas. Criticavam intensamente os estados alemães menores e exigiam uma Alemanha unida” (KITCHEN, 2013, p. 90). Assim, para que a Prússia pudesse fazer frente às principais potências da época, era preciso haver uma unificação em prol do fortalecimento da região:

Todos concordavam com o fato de que a situação precisava ser drasticamente modificada, que a Alemanha deveria se tornar um Estado-nação com uma constituição liberal, mas havia uma considerável divergência em relação a qual deveria ser o aspecto dessa nova Alemanha. (KITCHEN, 2013, p. 102)

Entretanto, não apenas no seio do movimento nacionalista havia divergências, mas também entre os próprios liberais. As diferenças se davam em relação a vários aspectos, como a constituição de uma Grande ou Pequena Alemanha; tais diferenças eram ocasionadas pela heterogeneidade dos povos germânicos, bem como pelas divergências em âmbitos como o da religião – conflito entre o norte protestante e o sul católico:

As divisões dentro do movimento liberal eram um reflexo da heterogeneidade da Alemanha em uma fase transicional de desenvolvimento social, da sua falta de cultura política comum, de diferenças regionais e religiosas e da ainda irresolvida questão alemã. Os liberais eram capazes de se unir quando eram atacados, como ocorreu na Prússia na época em que Bismarck era primeiro-ministro da Prússia, e na Baviera e em Baden quando se viram diante da reação do clero e dos conservadores. Entretanto, assim que a pressão cedeu, eles ficaram excessivamente divididos com relação às questões de um Pequena Alemanha ou de uma Grande Alemanha, e ao problema embaraçoso de o que deveria ser privilegiado: a liberdade ou a unidade. Portanto, eles constataram que seriam obrigados a se aliar ou aos prussianos ou aos conservadores que defendiam a

Grande Alemanha para não serem condenados a uma situação de total impotência. (KITCHEN, 2013, p. 134-135)

O romance remete às pessoas que passaram a integrar uma nova comunidade, agora vinculada à uma nação que ainda trazia, com vitalidade, os elementos impregnados de um tempo secular e serial, com todas as implicações atinentes à continuidade. Essas pessoas acabam por se rebelar contra as rupturas provocadas pelas revoluções do século XVIII, o que gerou a necessidade de criar uma narrativa de identidade nacional, conforme explica Anderson (2011 [1983], p. 179):

O que ocorre com as pessoas modernas ocorre também com as nações. A consciência de estarem inseridas no tempo secular e serial, com todas suas implicações de continuidade e, todavia, de ‘esquecer’ a vivência dessa continuidade – fruto das rupturas do final do século XVIII –, gera a necessidade de uma narrativa de ‘identidade’.

Esse aspecto identitário ancestral, presente no interior daquela recém “criada” nacionalidade “moderna”, conforme abstraído do romance, remete a uma combinação de critérios identificada e explicada por Hobsbawm (2002 [1990], p. 15):

As tentativas de se estabelecer critérios objetivos sobre a existência de nacionalidade, ou de explicar por que certos grupos se tornaram ‘nações’ e outros não, frequentemente foram feitas com base em critérios simples como língua ou a etnia ou em uma combinação de critérios como a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais.

Essa combinação composta por língua, etnia, território, história e cultura comuns serve para formar a narrativa de “identidade”. Assim, analisar, na obra de Fontane, a presença de uma história anterior ao II Reich, viva nesse mundo pós-unificação, demonstra como o discurso identitário está presente no romance.

Nesse sentido, o discurso identitário nacional não é formado apenas pela memória que remete ao passado, mas também por valores, tradições, normas e costumes ainda vigentes no período e explicitados no cotidiano das personagens, o que nos remete a Thompson (1998 [1980], p. 18):

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares.

No caso alemão, não se trata apenas da manutenção do velho em face do novo; trata-se também da recusa do velho a se subordinar ao novo. Como esclarecem Marx e Engels (2007 [1932]), o desenvolvimento alemão foi tardio, não apenas por causa do atraso da industrialização, mas também porque o novo teve de pagar um grande tributo ao velho, ou seja, o processo de modernização pelo qual o Império Alemão passou ao longo do século XIX foi um processo conservador. Nesse sentido, Hobsbawm (1997 [1983], p. 16) pondera que os movimentos

[...] comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo (a não ser, talvez, criando refúgios naturais humanos para aspectos isolados na vida arcaica); estão destinados a se transformarem em 'tradições inventadas'. Por outro lado, a força e a adaptabilidade, das tradições genuínas não devem ser confundidas com a 'invenção das tradições'. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam.

Entre esses movimentos, pode ser observado aquele movimento entre a dinâmica social do período da Guerra dos 30 anos e a Confederação de Frankfurt. Ao passo que na primeira a tônica eram as rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais, na segunda, considerada marco da unificação alemã, a tônica eram as decisões da Zollverein, de 1834, ou seja, a união econômica entre os Estados germânicos, que facilitava as dinâmicas aduaneiras e as transações comerciais:

Mesmo que de imediato tais manifestações não tenham influenciado grandemente nas disputas políticas entre alemães e franceses, a politização da produção intelectual germânica, assim como a relação entre as esferas da política e da academia se intensificaram de forma irreversível. Este 'casamento' entre ideais políticos nacionalistas e pesquisa científica se tornaria um dos pilares principais da Alemanha moderna, o que nos ajuda a compreender o papel que historiadores, artistas e literatos – assim como os heróis do passado, presentes em suas produções – passariam a ter a partir deste ponto. (SILVA, 2017, p. 337-338)

É interessante notar que a Prússia, apesar da liderança que assumiu durante o processo de unificação alemã – vide Guerra dos 30 anos e Confederação de Frankfurt –, no resultado final, perdeu o protagonismo ao término do processo. Um exemplo desse detrimento do prestígio prussiano foi a derrocada de Bismarck, que se firmou como referência no processo de consolidação do Império Alemão, com seu perfil

moderno, sendo o *reich* da burguesia, embora ainda pagasse um grande tributo ao velho. Entretanto, ao final do século XIX, o *Chanceler de Ferro* foi afastado de seu cargo pelo *Kaiser*.

Após a conclusão do processo de unificação, em 1871, e a construção do II Reich, era necessário consolidar a identidade alemã. É nesse ponto que a literatura se insere, uma vez que, politicamente, o Romantismo do final do século XVIII e início do XIX foi utilizado como um dos instrumentos para a construção de identidades e sentimentos nacionalistas. Já de uma perspectiva artística, o movimento romântico permitiu aos artistas o direito de “responder ao apelo dos seus sentimentos e de seguir as tendências individuais” (HAUSER, 2003 [1951], p. 820). Dessa forma, o Romantismo tornou-se um marco na mudança de toda uma mentalidade que permeava a Europa até esse período, pois levou à transformação da visão a respeito da natureza do homem:

Só a partir da Revolução e do movimento romântico é que a natureza do homem e da sociedade começou a ser considerada essencialmente evolucionista e dinâmica. A ideia de que nós e nossa cultura estamos em condições de eterno fluxo e de perpétua luta, a noção segundo a qual nossa vida intelectual é um processo de caráter meramente transitório, é uma descoberta do Romantismo e representa a sua mais importante contribuição à filosofia da era presente. (HAUSER, 2003 [1951], p. 822)

Entretanto, na segunda metade do século XIX, o movimento realista surgiu como crítica às ideias românticas. Nessa direção, no caso alemão, por exemplo, Fontane questionou o casamento, a condição da mulher e a importância das famílias para a sociedade alemã. Nesse sentido, uma passagem que se destaca na obra refere-se à quando Innstetten, ao se deparar com um pedido de Effi para mudarem em virtude do medo dela do fantasma do chinês que assombrava a residência, nega a solicitação da jovem esposa e desdenha o temor dela:

– Além do mais, estou surpreso de ver esse medo e repulsa justamente em você, em uma Briest. É como se você descendesse de uma insignificante casa burguesa. Assombrações são privilégios, como árvores genealógicas e coisas do gênero. Conheço famílias que aceitaram seus brasões com a mesma boa vontade que sua ‘dama branca’, que é claro, também pode ser negra. (FONTANE, 1895, p. 111, grifo do autor)

O conselheiro provincial ironiza o medo ao dizer que é como se ela “descendesse de uma insignificante casa burguesa”. O barão, nesse momento, afirma que as famílias nobres não têm receio de assombrações, pois essas simbolizam o passado, logo, são as tradições de seus brasões. Casas burguesas não teriam assombrações, pois essas não têm um passado, assim, não têm tradição:

E, quando você fala de famílias que dão tanto valor a suas assombrações quanto a seus brasões, isso é questão de gosto; para mim, meu brasão vale mais. Nós, os Briests, não temos, graças a Deus, nenhuma assombração. Os Briests sempre foram gente muito boa, e uma coisa deve ter a ver com a outra. (FONTANE, 1895, p. 111)

Effi, ao responder a Innstetten, valoriza seu brasão, apontando para a importância de sua família ao afirmar “é questão de gosto”; para ela, seu “brasão vale mais”, ou seja, sua família é mais importante que o passado. Ao comentar que “os Briests sempre foram gente muito boa, e uma coisa deve ter a ver com a outra”, Effi quer dizer que a ausência de assombrações em sua família se deve ao fato de sua linhagem ter um passado “limpo”.

Como se observa, as representações presentes no romance de Fontane expressam não apenas a ideologia do autor, como um protagonista daquele mundo, mas também as nuances e contradições ideológicas das personagens veiculadas no movimento sincrônico de emergência de uma nova – e velha – identidade: a alemã, confluindo, tais características, com as assertivas de que a arte e a literatura são instrumentos que podem ser utilizados, não só para consolidar um discurso e uma ideologia, mas para revelar os imbricamentos da subjetividade nas expressões objetivadas pelos protagonistas que compõem a obra.

Segundo Orlandi (2006, p. 47), “[...] a ideologia não é a ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo [...]”, ou seja, se não há ideologia, não há sujeito; se não há sujeito, não há discurso. Parte daqui uma formulação crucial da Análise do Discurso: todo discurso é marcado ideologicamente. Nesse sentido, a ideologia deve ser vista não como um conjunto de ideias, mas como “[...] um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção [...]” (MUSSALIM, 2004, p. 103). A ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo uma função moldadora das ações dos sujeitos. É por meio dos sujeitos que a ideologia se torna possível. Orlandi (2012) afirma que a forma discursiva é material, então, não é

empírica, nem abstrata, mas parte do processo histórico-social, que engloba o sujeito e o sentido, promovendo uma redefinição do político como

[...] divisão entre sujeitos e divisão do sujeito – já que nossa formação social é dividida e a interpelação do indivíduo em sujeito produz uma forma histórica que é a capitalista de que resulta um sujeito dividido, ao mesmo tempo determinado e determinador [...]. (ORLANDI, 2012, p. 72-73)

A determinação ideológica revela-se, em toda sua plenitude, no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas; estas materializam aquelas, estabelecem um conjunto de temas e de figuras com que o “indivíduo” fala do mundo exterior e interior (FIORIN, 1997). Contudo, o discurso não pode ser entendido apenas como representante de uma realidade previamente estruturada; é, antes, e também, um produtor de realidade, de modos de vida (MOITA LOPES, 2003). Os discursos não só representam a vida social, mas também as constituem. Quando se engajam na construção do significado, os indivíduos estão agindo no mundo por meio do discurso em relação a si próprio, à alteridade e às práticas sociais e, assim, se constituem e constituem os outros. Como pontua Teixeira (2013, p. 100),

[...] os acontecimentos sociais não podem ser resumidos, simplesmente, a um sentimento que ficou no passado. Embora as instituições sociais apresentem alguns valores que sustentem na sua trajetória uma ideologia, não podem ser avaliadas como produtos acabados ou fixados, mas sim como instituições vivas e atuantes que carregam, no presente momento, sentimentos que estão em constante transformação na vida social e cultural.

Durante algum tempo “[...], a história política era considerada (ao menos no âmbito da profissão) mais real ou mais séria do que o estudo da sociedade ou cultura” (BURKE, 2012 [1992], p. 22), ou seja, a História Política era considerada, até o século XIX, o campo da História “mais sério” ou a “História de verdade”. Em razão da abordagem política dos historiadores em suas análises, o centro dos estudos históricos era, ao longo do século XIX, a compreensão de uma totalidade, isto é, a compreensão da História a partir da formação dos países. Portanto, a História Nacional era o centro da historiografia. No entanto, com a expansão dos estudos históricos, inúmeros novos campos de investigação surgiram durante o século XX,

como a Escola dos Anales, a História Cultural, Social, entre outros. Dessa forma, a História Nacional perdeu sua dominação e teve de competir com outras abordagens vistas como “antiquárias”, conforme Burke (2011 [1991], p. 7-8) explica:

Mais ou menos na última geração, o universo dos historiadores se expandiu a uma velocidade vertiginosa. A história nacional, dominante no século XIX, atualmente tem de competir com a história mundial e a história regional (antes deixada a cargo de ‘antiquários’ amadores) para conseguir atenção. Há muitos campos novos, frequentemente patrocinados por publicações especializadas. A história social, por exemplo, tornou-se independente da história econômica apenas para se fragmentar, como alguma nova nação, em demografia histórica, história do trabalho, história urbana, história rural e assim por diante.

Nesse sentido, os significados são resultado dos processos sociointeracionais em que nos envolvemos, isto é, os objetos sociais não são dados no mundo, são construídos, negociados, reformulados pelos indivíduos, no esforço de produzir sentidos. A sociedade atual é influenciada pelo passado, pois os eventos anteriores não se limitam apenas ao seu tempo findado, eles continuam a influenciar a sociedade por meio da permanência histórica, e a História busca justamente identificar os efeitos desse passado na sociedade.

Em *Effi Briest* (1894), temos diversas referências aos feitos do antigo Reino da Prússia, como a lembrança de batalhas históricas, que remetem a uma memória germânica pré-*reich*. Um exemplo dessas menções está logo após um diálogo entre a mãe e a protagonista, quando há uma marcação de tempo em referência ao momento em que a conversa ocorreu: “Essa conversa foi no dia 2 de setembro, e teria talvez se estendido se não fosse o dia do aniversário de Sedan” (FONTANE, 1895, p. 41). Na nota de rodapé 15, há a explicação de que o dia da Batalha de Sedan era feriado nacional no Império Alemão, pois se celebrava a derrota de Napoleão III, que remetia à unificação alemã.

Entretanto, há alusões a uma memória – germânica – que já existia antes do próprio Reino da Prússia. Em um trecho do livro, há uma conversa entre o pai e a mãe de Effi a respeito do casamento da filha. Ele diz:

Mas Effi está agora em viagem de núpcias. Invejável. Partiram no trem das dez horas. Já devem estar perto de Regensburg, e imagino que ele, sem desembarcar, obviamente, lhe faz a relação dos principais tesouros artísticos do Walhalla. (FONTANE, 1895, p. 54)

A lua de mel do jovem casal foi na Baviera, cuja história traduzia, *per se*, a dualidade entre o moderno e o tradicional. No início do século XIX, mesmo tendo sido conquistada pelas tropas napoleônicas, em 1806, a região não se deixou subjugar, foi transformada em reino e integrada à Confederação do Reno, conseguindo, por meio de uma engenhosa diplomacia, ampliar seu território.

O exemplo mais claro dessa correlação de forças é que, sob o jugo napoleônico, o governo bávaro construiu o monumento referido por Fontane, o Walhalla, ou Salão dos Caídos. Idealizado por Luís I da Baviera, rememora a história germânica ao longo de 1.800 anos. Nele, há bustos de heróis que tombaram em nome da Germânia e de inúmeras outras pessoas, entre as quais, pessoas de famílias de outras regiões. Construído à imagem do Partenon grego, remete, não à deusa como protetora da cidade, mas a seus habitantes, que têm essa função. O Walhalla remete-nos também ao mito de Odin, deus escandinavo que recebia, em um salão, os combatentes mortos heroicamente, trazidos pelas valquírias. Nesse local, conviviam com outras pessoas que mereciam ser homenageadas.

Mas antes de refletirmos sobre tais simbologias, necessário se faz pensar nas associações que essa passagem suscita em relação à modernização conservadora, de que a Baviera é um exemplo. É sob o signo do fortalecimento de seus valores tradicionais que os monarcas daquele reino promoveram sua modernização, transformando-o de uma região comercial em uma zona industrial. Contudo, a modernização administrativa manteve-se embasada na valorização da cultura germânica como fator de fortalecimento do povo. Tendo adotado uma constituição liberal em 1818, mas ainda sob o domínio monárquico, foi um dos palcos centrais da Primavera dos Povos, em 1848, o que obrigou o governo a estabelecer uma série de direitos aos operários. Se antes das guerras franco-prussianas de 1870, a Baviera era aliada da Áustria, pendeu para a Prússia contra a França de tal forma que, em 1871, quando ocorreu o ato de unificação alemã, manteve-se como reino e conservou certa autonomia administrativa, tornando-se um polo industrial com significativo crescimento urbano. Sob a égide da modernidade administrativa, o estado liberal e monárquico bávaro construiu, em 1848, a primeira estrada de ferro em território alemão.

Essa riqueza de associações que o romance possibilita foi mencionada brevemente pelo tradutor Luiz Frungillo que, na nota de rodapé de número 20, restringe-se a explicar que Walhalla era a morada eterna dos heróis da mitologia

germânica mortos em batalha. No entanto, a ampliação da simbologia, conforme pontuamos anteriormente, demonstra que esse símbolo tem importante papel na construção da identidade nacional alemã. Nessa direção, Silva (2017, p. 352) destaca que

[...] podemos compreender o papel que a Antiguidade desempenhara dentro das contendas políticas e ideológicas que permearam o século XIX. A criação de mitos políticos envolvendo acontecimentos, povos ou 'heróis' da Antiguidade e/ou da Idade Média é, há muito, um dos maiores problemas enfrentados pelos pesquisadores; percebe-se que mesmo com a internet, que permite acesso rápido a materiais de grande qualidade acadêmica em (literalmente) poucos 'cliques', a proliferação de discursos que se apropriam do passado, fazendo deste um poderoso dispositivo retórico, é, ainda, muito comum.

É preciso perceber o papel que os diversos grupos intelectuais, como historiadores, escritores, artistas, entre outros, tiveram no processo de construção da identidade alemã, para que, assim, possamos compreender como os ideais do nacionalismo germânico, que “[...] em seu estágio inicial tinha[m] a liberdade (*Freiheit*) como ideal motivador [...]” (SILVA, 2017, p. 335), refletem-se na sociedade alemã e de que forma se fazem presentes na literatura e na mentalidade do período.

O movimento romântico foi de suma importância durante o final do século XVIII e em grande parte do século XIX, pois influenciou vários campos, entre eles, o artístico e o político. Presente em toda a Europa na época, durante o avanço do liberalismo, na consolidação de seus ideais, o Romantismo passou a desempenhar um papel central. De acordo com Hauser (2003 [1951], p. 819-820), o

[...] Romantismo não foi apenas um acontecimento importante que marcou uma época; teve também plena consciência dessa importância. Representou um dos mais decisivos pontos de mudança na história da mentalidade europeia e reconheceu perfeitamente o papel histórico que desempenhava.

O movimento marcou uma mudança de mentalidade entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do XIX. Caracterizou-se, “como uma visão do mundo contrária ao racionalismo, o qual marcou o período neoclássico, e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os estados nacionais na Europa” (RIBEIRO, 2010, p. 6). Hauser (2003 [1951], p. 817-818) esclarece que o

[...] liberalismo do século XIX identificou o Romantismo como Restauração e reação. Talvez essa identificação tenha sido até certo ponto justificada, em especial na Alemanha; mas de forma geral, tal maneira de ver conduziu a uma falsa concepção do processo histórico inerente, que só foi corrigida quando os eruditos começaram a distinguir o Romantismo alemão do Romantismo ocidental e a considerar derivado, um, de tendências reacionárias, e o outro, de tendências progressivas [...]. Verificou-se que a evolução do movimento seguiu direções diferentes na Alemanha e na Europa ocidental e que o Romantismo alemão transitou da sua atitude originalmente revolucionária para um ponto de vista reacionário, ao passo que o Romantismo do Ocidente passou de um ponto de vista monárquico-conservador para o liberalismo.

Contudo, conforme expusemos, na segunda metade do século XIX, o Realismo ascendeu, em contraposição aos ideais românticos do período anterior. Assim, no Império Alemão e na Europa Ocidental os autores literários seguiriam por caminhos distintos. A respeito do Realismo Alemão, *Effi Briest* (1894) merece destaque no interior desse movimento literário. O que diferencia esse romance dos demais de sua época são os elementos que compõem a obra de Theodor Fontane, como as particularidades de sua escrita. O autor buscou retratar a realidade dos sentimentos, descrevendo-os e tratando as emoções como aspectos universais. Além disso, enfatizou os interesses individuais, como a busca por prestígio social e/ou político e o enriquecimento, e retratou de maneira crítica as estruturas de repressão familiar ao demonstrar o fardo que recaiu sobre os ombros de Effi e as consequências de suas escolhas, que a conduziram até a morte.

A obra *Effi Briest* (1894) expressa, dessa forma, aspectos marcantes da identidade alemã e suas contradições. O embate entre o moderno e o tradicional é umas das características mais marcantes da sociedade alemã da segunda metade do século XIX. O mundo burguês – pós Unificação Alemã – e o mundo prussiano – pré-unificação – não se combinam, pois ambos carregam valores contraditórios. Ao passo o mundo burguês baseava-se em juízos individualistas, valorizava a liberdade e se opunha à violência, o mundo prussiano carregava valores militares, como a exaltação da ordem e da disciplina, defesa da honra e respeito à hierarquia. Assim, é do confronto entre esses dois mundos, contraditórios e incompatíveis, que surge a identidade que compôs a sociedade alemã do Império Alemão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Effi Briest* (1895) revela um escritor atento às mudanças inerentes ao processo de transformação do antigo império germânico no moderno Estado Alemão.

Protagonista daquela história, por vivência e antepassados, Theodor Fontane registrou sua plena maturidade como representante do Realismo alemão. Como afirma Carpeaux (2013, p. 145), “Fontane não acredita muito em heroísmo. Sabe que a aristocracia está decadente e terá de ceder aos burgueses. Mas nestes tampouco confia muito”. Assim, de acordo com o crítico literário, Fontane, mesmo estando no interior do Realismo alemão, expressava um viés jacobino em seus textos, manifestado em críticas à sociedade e ao Estado prussiano.

A obra *Effi Briest* (1894) revela muitos aspectos sociais, culturais e políticos de um passado recente em relação ao tempo da escrita do romance, cujos ecos reverberam nos ouvidos de Fontane, confundindo-se com suas próprias vivências. Uma vez passados 15 anos entre a ocorrência relatada no romance (1879) e a sua escritura (1894), o autor como que vivencia os acontecimentos daqueles anos anteriores como um vir a ser da História, a que se refere Walter Benjamin em *O anjo da História* (2012), com sutil criticidade, para a necessidade de haver uma revisão da tradição.

O romance explicita o choque entre o tradicional e o moderno, o novo e o velho, o atraso e o progresso, simbolizado pelo confronto entre o campo – representante das tradições – e a cidade – expoente da modernidade. Dado que em 1894 tínhamos o Estado moderno unificado, em sua plena consolidação, com os códigos de Bismark em uso, o mundo retratado por Fontane, no qual transitam suas personagens, transparece de forma lírica, expresso pelas detalhadas descrições das paisagens, características do Realismo alemão.

Podemos concluir, desse modo, que o país denominado Alemanha, no período referido como II Reich, surge em decorrência de um processo histórico concluído em 1871. Entretanto, o indivíduo entendido como o cidadão alemão é resultado de um conjunto de relações socioculturais, cujo processo de construção iniciou após a unificação alemã.

Entre as personagens, Effi Briest e Geert von Innstetten constituem o núcleo da trama; o casal expressa a dualidade em disputa naquele momento da unificação, da qual o leitor vê irradiar as relações sociais imbricadas com a nova ordem política.

Ao mesmo tempo que Innstetten expressa a posição de prestígio político, demonstra negligência em relação a sua função familiar; ele se mostra distante e revela-se frio e calculista ao se deparar com questões particulares. Effi, por sua vez, evidência a luta e os ditames familiares ante o novo mundo ao qual aspira integrar-se. Nessa dinâmica, o leitor percebe o hibridismo de Fontane como mais uma característica daquele momento particular do Realismo alemão.

Durante a primeira metade do século XIX, a Prússia se consolidou como a principal liderança da unificação alemã, após derrotar outras influências que disputavam a centralidade do movimento – como a Dinamarca e o Império Austro-Húngaro. A região, assim, passou por muitos momentos de conflito, tanto internos quanto externos, por essa razão não é possível falar em um sentimento de identidade alemã no período, tendo em vista que, naquela época, a região da atual Alemanha possuía características particulares dos muitos Estados que a constituíram.

Nos anos em que transcorre a trama, o caráter militar que o Império Alemão havia herdado da Prússia ainda era preeminente em relação à conduta dos indivíduos e, embora a sociedade formada a partir da unificação, em 1871, estivesse pautada em princípios liberais, a liderança exercida pela Prússia conferiu um viés militar ao recém-fundado Império Alemão. O militarismo, dessa forma, assumiu uma posição central na sociedade alemã da segunda metade do século XIX.

Nesse sentido, uma tradição militar muito cara aos integrantes das casernas está implícita em *Effi Briest*: pôr em risco a própria vida para salvar a honra. Para uma sociedade estruturada com base em vias militares, o Exército tinha suma importância para o Reino da Prússia, como podemos notar nas palavras do revolucionário francês Gabriel Riqueti, o conde de Mirabeau: “A Prússia não é um Estado que dispõe de um Exército, e sim um exército que possui um Estado” (CHACON, p. 18, 1994).

Elias (1997 [1989]) explica que o *ethos* guerreiro aburguesado da sociedade guilhermina expressava-se nas ações e nos pensamentos cotidianos das pessoas, como evidenciado nas mudanças de uso de vocábulos ou nos romances populares da época. Então, uma forma de identificar a influência militar, decorrente desse *ethos*, naquela sociedade, é observar que o vocabulário da época “[...] tinha uma

ressonância militar. Palavras como ‘disciplina’ e ‘honra’ tinham um papel de relevo no código militar [...]” (ELIAS, p. 188, 1997 [1989]).

Entretanto, o século XIX marcou uma mudança na mentalidade europeia. Em decorrência do avanço da modernidade, a postura da sociedade em relação às atitudes associadas à violência estava se tornando menos admissível em grande parte do continente europeu. Desse modo, atos violentos passaram a ser criminalizados. Além disso, houve outra alteração na dinâmica social: o surgimento da economia de mercado. Isso estabeleceu o dinheiro como algo tão dispendioso quanto a terra, o que resultou na ascensão social da classe média, possibilitando-lhe competir por poder e prestígio com os cavalheiros tradicionais, conforme destaca Ellett (2004).

Outro aspecto a destacar é que, no século XIX, o divórcio já era permitido na maioria dos países europeus – inclusive no Império Alemão – e a prática do duelo era proibida na maior parte da Europa. Entretanto, o II Reich, até então um *Estado militar prussiano* (ORFANEL, 2004), ainda tolerava a violência. O Império Alemão continuou a permitir esse tipo de confronto, mesmo sendo possível evitá-lo, em razão da íntima ligação do II Reich com as tradições militaristas herdadas da Prússia.

Assim, podemos entender que não apenas a História e o passado, mas também os costumes, as tradições e a cultura de uma antiga Prússia militarizada foram se espalhando para o mundo germânico e herdados por um novo país que surgia: o Império Alemão. A Era Bismarck foi, desse modo, marcada por reformas sociais cujo intuito era manter os costumes prussianos.

Com base na análise que empreendemos e conforme transparece na obra de Theodor Fontane, é possível perceber como o passado, os costumes, as tradições e as memórias prussianas no II Reich se fazem presentes e como a herança militar da Prússia se manifesta no recém-unificado império.

Além disso, pudemos notar que, em *Effi Briest* (1894), estão presentes elementos do Realismo alemão, cujas características mais marcantes são a construção de diálogos realistas, a forte presença do campo durante toda a obra, as inúmeras descrições de paisagens – excepcionalmente detalhadas –, a exaltação da natureza e a retratação crítica da sociedade. Conforme ressalta Carpeaux (2013), Fontane retratou em seus trabalhos o seu mundo, descreveu a melancólica e pobre paisagem do entorno de Berlim, os desertos de areia, os pequenos lagos, bosques e castelos abandonados; mostrou, do prisma histórico, o berço da Prússia.

FONTE

FONTANE, Theodor. *Effi Briest*. Tradução de Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Estação Liberdade, 2013. Título original: *Romane und Erzählungen in drei Bänden*, edição de Hemuth Nürnberger, Munique/Viena: Hanser, 1895.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Carlos. *Arquitectura en Alemania: del Absolutismo a la ascensión prusiana*. 2007. Disponível em: <https://www.dw.com/es/arquitectura-en-alemania-del-absolutismo-a-la-ascensi%C3%B3n-prusiana/a-2580670>. Acesso em: 6 fev. 2021.

AMOSSY, Ruth (org.). Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginárias. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 2. reimp. São Paulo: Editora Schawarcz, 2011 [1983].

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004 [1974].

ARMSTRONG, Judith. *The Novel of Adultery*. London: Macmillan Press, 1976.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BADE, James. *Fontane's Landscapes*. Verlag Würzburg: Königshausen & Neumann, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec / Editora Unesp, 1998.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A reunificação da Alemanha*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

BARBOSA, Renata Cerqueira. A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: literatura e influências. In: SEMANA DE HISTÓRIA: PENSANDO O BRASIL NO CENTENÁRIO DE CAIO PRADO JÚNIOR, 24., 2007, Assis. *Caderno de Resumos*. Assis, 2007.

BEJARANO CASTILLO, Leonardo. *Literatura – Teoría, Historia, Crítica*, n. 5, p. 352-358, 2003. Resenha da obra de: ZUBIAURRE, María Teresa. *El espacio en la novela realista: Paisajes, miniaturas, perspectivas*. México: Fondo de Cultura Económica. 436 p., 2000. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/lthc/article/view/48723>. Acesso em: 25 maio 2021.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Tradução, prefácio e notas de Márcio Seligmann Silva. 3. ed., 5. reimpr. São Paulo: Iluminuras, 2018 [2001].

BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012 [1985].

BENTIVOGLIO, Júlio César. Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift. *Revista de Teoria da História*, v. 3, p. 20-58, 2010.

BOLAÑOS FLORIDO, Leidy Paola. El estudio socio-histórico de las emociones y los sentimientos en las Ciencias Sociales del siglo XX. *Colombia Revista de Estudios Sociales*. Centro de Estudios Sobre Desarrollo Económico, Universidad de los Andes, v. 55, fasc. N/A, p.178-191, 2016. ISSN: 0123-885X.

BONOMO, Daniel. O 'médio' e o monstro: hibridismo mínimo em 'Effi Briest', de Theodor Fontane. *Gragoatá*, v. 23, p. 971-993, 2018.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 28, n. 3, p. 263-287, 2016.

BRIONES QUIROZ, Félix Maximiano.; REYES MERINO, Felipe; TRONCOSO SALDÍAS, Nicole. *Utilización de las leyes en beneficio de los fines políticos posterior a la unificación alemana, de Otto Von Bismarck*. [Chile: Universidad del Bío-Bío. Escuela de Pedagogía en Historia y Geografía, 2013.

BRITTO, Fabiana de Lemos. Identidade cultural e formação individual: a Alemanha do século XIX e a fundação da pedagogia moderna. *Educação & Sociedade*, v. 33, p. 217-233, 2012.

BURKE, Peter (org.). *História e teoria social*. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal. 2. ed. ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2012 [1992].

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1991].

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, 3 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 22 jul. 2020.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CARPEAUX, Otto Maria. *História concisa da literatura alemã*. Posfácio de Willi Bolle. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal/Conselho editorial, 2008.

CARSTEN, Francis Ludwig. The Great Elector and the Foundation of the Hohenzollern Despotism. *The English Historical Review*, v. XLV, issue CCLV, p. 175-202, April 1950, Disponível em: <https://academic.oup.com/ehr/article-abstract/LXV/CCLV/175/478124?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 17 mar. 2019.

CASTRILLO, María Dolores; RUIPÉREZ, Germán; CABRERO, José Carlos García; OTT, Birgitt. *Material Didáctico de Literatura I. Asignaturas: "Segunda Lengua y su*

Literatura I: Alemán” y “Literatura Extranjera (Lit.Alemana)”. España: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2003/2004.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHACON, Vamireh. *A questão alemã*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Herder, 2009.

CIPLIJASKAITÉ, Biruté. *La mujer insatisfecha. El adulterio en la novela realista*. Barcelona: Edhasa, 1984.

CONRAD, Christoph; CONRAD, Sebastian (org.). *Die Nation schreiben: Geschichtswissenschaft im internationalen Vergleich*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DAEHNHARDT, Patrícia. As origens da Grande Guerra e o estatuto de Grande Potência: o caso da Alemanha. *Relações Internacionais*, n. 42, p. 79-93, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n42/n42a06.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019. ISSN 1645-9199.

DANTAS, João Francisco de Lima; SILVA FILHO, Antônio Vieira. Romance/Literatura: um objeto em transição. *Kalagatos - Revista de Filosofia*, v. 17, p. 129-144, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5995045>. Acesso em: 12 maio 2019.

ELLETT, Wade. The Death of Dueling. *Historia*. Eastern Illinois University's History Department, p. 64, 2004. Disponível em: <https://www.eiu.edu/historia/Ellett.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2021.

ELIAS, Norbet. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução dos hábitos nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Revisão técnica de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997 [1989].

ELIAS, Norbet. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 [1987].

ELIAS, Norbet. *O processo civilizador*. Tradução da versão inglesa de Ruy Jungmann. Revisão, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1939]. 2 v.

ENGELS, Friedrich. *As guerras camponesas na Alemanha*. Lisboa: Presença, 1975.

ESPORA, Santiago Tomás. Effi Briest de Theodor Fontane, o el trasplante de un alma natural. *Gramma*, XXVI, 55, 2015.

ERLER, Gotthard. *Effi Briest*. Posfácio. Tradução de Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Estação Liberdade, 2013. Título original: *Romane und Erzählungen in drei Bänden*, edição de Hemuth Nürnberger, Munique/Viena: Hanser, 1895.

FASSBINDER, Rainer Werner. *El coraje también mata el alma. Algunas notas sobre Effi Briest*. 1974. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/334656984>. Acesso em: 10 maio 2020.

FERREIRA, Álvaro Mendes. *A colonização oriental e o senhorio rural em Brandemburgo (séculos XII-XIV)*. 2017. Tese (História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Ethos: um percurso da Retórica à Análise do Discurso. *Revista Pandora Brasil*, n. 47, p. 43-56, out. 2012.

FISCHER, Mathias. *Guilherme II – O último Imperador da Alemanha*. Estoril: Princípia Editora, 2007.

FLECK, Gilmei Francisco; ZUFFO, Nilva. O romance histórico: a leitura da história pela ótica da ficção. In: SILVA, Márcia Maria da; BACH, Maria Regina; RODAKIEWSKI, Paulo (org.). *Caderno PDE 2007 – O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Curitiba: Programa de Desenvolvimento Educacional. PDE/SEED/PR, 2011. p. 1-30. v. 1.

FONTANE, Theodor. *Cécile*. Tradução de Jacques Legrand. Paris: Flammarion, 1998.

FONTANE, Theodor. *Two novellas: The woman taken in adultery and The Poggenpuhl family*. Tradução para o inglês de Gabriele Annan. London: Penguin, 1995.

FONTANE, Theodor. *L'Adultera*. Tradução de Madith Vuaridel. Paris: Aubier, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FUNCK, Susana Bornéo. Questões da crítica feminista. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. (org.) *Mulheres e Literatura: (trans)formando identidade*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

FUNCK, Susana Bornéo. Feminismo e utopia. *Estudos feministas*, v. 33, n. 1, p. 33-48, 1993.

GAHYVA, Helga. Notas sobre o conservadorismo: elementos para a definição de um conceito. *Política & Sociedade*, v. 16, n. 35, p. 299-320, 2017.

GALL, Lothar. *150 anos da Historische Zeitschrift*. *Historische Zeitschrift*, n. 289, p. 23-61, 2009.

GARCÍA VÍQUEZ, Raúl Eduardo. *Honor y libertad de expresión: tensiones en el ámbito de la injuria*. 2017. Tese (Derecho Penal y Ciencias Criminales) – Universidad de Sevilla, Sevilla, 2017.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. 2 (A paixão terna).

GERTZ, René; NEVES, Abíli. *A nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Goethe/Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, 1987.

GUSMÃO, Emery Marques. Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 269-289, jul./dez. 2012.

HAHN, Hans-Joachim. Germany's Identity Problems as Reflected in Nineteenth-Century Literature. *MHRA. Working papers in the humanities*. Oxford: Oxford Brookes University, 2007. p. 30-48.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004 [1950].

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religion and nation in Europe in the 19th century: some comparative notes. *Estud. av.*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 77-94, abr. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2021.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1951].

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 [1990].

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 [1983].

HOWE, Patricia; CHAMBERS, Helen. *Theodor Fontane and the european context: literature, culture and Europe*. Amsterdam: Editions Rodopi B. V., 2001.

IGGERS, Georg. *The german conception of History: the national tradition of historical thought from Herder to the present*. London: Wesleyan University Press, 1988.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna de 1800 aos dias de hoje*. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.

KOFLER, Leo. *Geschichte und Dialektik*. Hamburgo: Kogge-Verlag. Tradução do alemão de José Luis Etcheverry. *Historia y Dialética*. Buenos Aires: Colección Socialismo y Libertad, 2018 [1955].

KÜPPER, Joachim. A modernidade oculta em Effi Briest de Theodor Fontane. Tradução de Tauan Fernandes Tinti. Rio de Janeiro, *Terceira Margem*, v. 19, n. 32, p. 197-221, 2015 [2008].

LÄMMERT, Eberhard. "História é um esboço": a nova autenticidade narrativa na historiografia e no romance. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 9, n. 23, p. 289-308, jan./abr.1995.

LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Tradução de Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAWSON, Annette. *Adultery: an analysis of love and betrayal*. New York: Basic Books, 1988.

LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 4. ed. São Paulo, 2015.

LESSA, Sérgio. História e ontologia: a questão do trabalho. *Crítica Marxista (Roma)*, CEMARX/Unicamp, v. 20, p. 70-89, 2005.

LESSING, Doris. *A proper marriage*. New York: Harper, 1995 [1954].

LESSING, Doris. *Um casamento sem amor*. Tradução de Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Record, 1964.

LOPES, Rodrigo Smaha; FLECK, Gilmei Francisco. Xicoténcatl (1826): primeiro romance histórico latino-americano. *Darandina Revisteletrônica*, v. 6, p. 1-11, 2013.

LOWY, Michael. *Messianismo e Romantismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Tradução de Myriam Vera Baptista e Magdalena Pizante Baptista. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LUKÁCS, Györg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2015 [1916].

LUKÁCS, Györg. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle e Arlenice Almeida da Silva. São Paulo: Boitempo, 2011 [1955].

MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MACHADO, Lia Zanotta. Família, honra e individualismo. *Anuário Antropológico/85*, Rio de Janeiro, p. 138-151, 1986.

MACIEL, David. Friedrich Engels, historiador da revolução alemã de 1848-1849. *Revista Novos Rumos*, v. 50, p. 1-22, 2013.

MARX, Karl. *A luta de classes na Alemanha*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007 [1932].

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidade sociais. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Discurso de identidades*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MORAES, Rita Mara Netto de. *A condição feminina no matrimônio, delineada pela ficção*. 2009. Tese (Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MURSTEIN, Bernard. *Amor, sexo e casamento através dos tempos*. Tradução de Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

MUSSALIM, Fernanda. A análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NOVAES, Elizabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da História. *História e Cultura*, v. 4, p. 50-66, 2015.

OLIVEIRA, Flávio dos Santos. *Friedrich List: Nacionalismo e cosmopolitismo na integração dos Estados alemães*. 2017. Tese (História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

OLIVEIRA, Maria Teresa Martins de. Effi Briest de Theodor Fontane – o último dos grandes romances de adultério do séc. XIX e o seu caminho para a modernidade. In: OLIVEIRA, Maria Teresa Martins de. *Práticas e memórias de exclusão: o romance de adultério do século XIX*. Portugal: Universidade do Porto – ILC, 2020 (Coleção Libretos, 25).

OLIVEIRA, Maria Teresa Martins de. *A mulher e o adultério nos romances O primo Basílio de Eça de Queirós e Effi Briest de Theodor Fontane*. Porto: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Livraria Minerva e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

ORFANEL, Germán Gómez. Soldados y ciudadanos, según Carl Schmitt. *Revista de estudios políticos*, n. 123, p. 251-270, 2004. ISSN 0048-7694.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009 [1990].

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

OSBORNE, Suzanne. When a House is not a Home: The Alien Residences of Effi Briest and Anna Karenina. *Tolstoy Studies Journal*, 1997.

PALACIOS LEÓN, Fernando José. Fontane, Theodor: Bajo el peral. Edição de tradução de Isabel Hernández. Madrid: Escolar y Mayo 2015. *Revista de Filología Alemana*, v. 24, 2016. ISSN 1133-0406. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321846266019>. Acesso em: 25 maio 2021.

PEREIRA, Ana Paula de Jesus. *O uso das figuras de linguagens*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa) – Faculdade de Educação São Luís, Jaboatão, 2009.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle (org.). *As mulheres ou o silêncio da História*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras; 1991. v. 4.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Guilherme da Silva. Luta pela autonomia e pelo território: Geografia e os Estados alemão e francês na virada do séc. XIX ao séc. XX. *Mercator*, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 19-28, jun. 2009.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. *Romantismo: contextualização histórica e das artes*. 2010. Dissertação (Música) – Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Artes Aplicadas, Portugal, 2010.

RIQUER, Martín de; VALVERDE, José María. *Historia de la Literatura Universal*. Madrid: Editorial Gredos, 1956.

ROSA, Juan Miguel. *Literatura española II*. Natal: Instituto Federal Rio Grande do Norte, 2014. ISBN 978-85-8333-024-0. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/328/AULA%2006%20-%20DF.pdf?sequence=6&isAllowed=y>. Acesso em: 3 jun. 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Discurso sobre as ciências e as artes. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. v. 2.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Garnier, 1951.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. reimp. São Paulo: Graphium Editora, 2011 [2004].

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976 [1969]. v. 4.

SCHIEDER, Theodor. Die deutsche Geschichtswissenschaft im Spiegel der Historischen Zeitschrift. *Historische Zeitschrift*, n.189, p. 1-104, 1959.

SCHILLING, Claudia. *Landestheater Schwaben*. Theaterpädagogische Materialmappe: "Theodor Fontane: Effi Briest". Justus-Liebig-Universität Gießen. 2017 Disponível em: <https://www.kurtheater.ch/files/materialmappe-effi-online>. Acesso em: 7 nov. 2019.

SCHLEIER, Hans. *Geschichte der deutschen Kulturgeschichte*. Bd. I: Vom Ende des 18. bis Ende des 19. Jahrhunderts. Leipzig: Waltrop, 2003.

SCHNEIDER, Jeffrey. Masculinity, Male Friendship, and the Paranoid Logic of Honor in Theodor Fontane's Effi Briest. *The German Quarterly*, v. 75, n. 3, p. 265-281, 2002. Disponível em: www.jstor.org/stable/3072709. Acesso em: 6 fev. 2021.

SCHULZE, Hagen. *Breve história de Alemanha*. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

SEIFFERT, Hans Werner (Hrsg.). Fontanes "Effi Briest" und Spielhagens "Zum Zeitvertreib" - Zeugnisse und Materialien. (Mitarbeit: Christel Laufer). In: *Studien zur neueren deutschen Literatur*. Verlag Akademie-Verl, Berlin, 1964.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVÄNEN, Erkki. Literatura Moderna como forma de discurso e de conhecimento sobre a sociedade. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, n. 48, p. 48-85, maio-ago., 2018.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. “Hail Arminius! O Pai dos Alemães!”: a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875. *Topoi: Revista de História*, v. 18, p. 337-338, 2017.

SILVA, Vladmir Luis da. “Via prussiana” e a “revolução passiva” no pensamento de Carlos Nelson Coutinho: transposição ajustada ou decalque? *Projeto História*, São Paulo, n. 41, p. 615-629, dez. 2010.

SILVESTRE, João Paulo. Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau. In: FERREIRA, Antônio Manuel (coord.). *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro: Associação Labor de Estudos Portugueses, 2003.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. Edmund Burke e a gênese conservadorismo. *Serviço Social & Sociedade*, v. 126, p. 360-377, 2016.

SOUZA, Paulo Rogério de. A proposta educativa na historiografia alemã do século XIX: a formação de um homem moderno. In: *SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO*, 13.; *SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 1., 2015, Maringá. Seminário de Pesquisa do PPE. Maringá: Mari & Lene Digitações, p. 1-13, 2015. v. 1.

STEINBERG, Jonathan. *Bismarck: uma vida*. Tradução de Mauricio Tamboni. Barueri, SP: Amariyls, 2015.

TEIXEIRA, Edvaldo Rogério Santos. Estrutura de sentimento de Raymond Williams: uma abordagem devocional do festejo do glorioso São José de Ribamar. *Diálogos: Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade*, v. 1, p. 95-118, 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1. reimp. São Paulo: Editora Schwarcz, 1998 [1980].

TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VEDDA, Miguel (org.). *El Realismo en la Literatura Alemana. Nuevas interpretaciones*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011.

VIEIRA, Vera Lúcia. As constituições burguesas e seus limites contrarrevolucionários. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História da PUCSP*, São Paulo, v. 30, p. 99-126, jun. 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. Questões não só alemãs. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 37, p. 185-190, jun. 1998.

WHITAKER, Dulce. *Mulher e homem: o mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1989. (Coleção Polêmica)

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

YALOM, Marilyn. *A história da esposa: da Virgem Maria a Madonna - o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje*. Tradução de Priscila Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.